



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

RÔMULO FELIPE DA SILVA

***TÁ LIGADO?* USOS E SENTIDOS DA GÍRIA ENTRE ESTUDANTES DO
ENSINO MÉDIO**

**Recife
2009**

RÔMULO FELIPE DA SILVA

***TÁ LIGADO?* USOS E SENTIDOS DA GÍRIA ENTRE ESTUDANTES DO
ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Prof. Dr. MOAB DUARTE ACIOLI – Orientador

**Recife
2009**

S586t

Silva, Rômulo Felipe da

Tá ligado? : usos e sentidos da gíria entre estudantes do ensino médio / Rômulo Felipe da Silva ; orientador Moab Duarte Acioli, 2009.

134 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, 2009.

1. Linguística. 2. Gíria. 3. Jovens - Linguagens e línguas. I. Título

CDU 800.862

RÔMULO FELIPE DA SILVA

***TÁ LIGADO?* USOS E SENTIDOS DA GÍRIA ENTRE ESTUDANTES DO
ENSINO MÉDIO**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco.

Recife, _____ de _____ de 2009

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. MOAB DUARTE ACIOLI
Universidade Católica de Pernambuco
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. MARÍLIA ANA AGUIAR
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora Interna

**Prof^ª. Dr^ª. NELLY MEDEIROS DE
CARVALHO**
Universidade Federal de Pernambuco
Examinadora Externa

**Recife
2009**

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra ao meu pai (*in memoriam*). O destino não esperou que ele tivesse a oportunidade de olhar para mim e rir ao final das minhas construções, como sempre fazia.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Moab Duarte Acioli, orientador e amigo, pelo estímulo, dedicação e inúmeras leituras críticas que contribuíram para a concretização dessa obra.

Às professoras Marília Ana Aguiar e Nelly Carvalho pelos préstimos em suas observações e releituras.

Aos professores do curso de Mestrado em Ciências da Linguagem: Junot Cornélio Matos, Fátima Vilar, Dóris de Arruda e Alina Galvão Spinillo.

Aos colegas do Mestrado em Ciências da Linguagem, em especial, à Maria José, Camila, Luciana Pereira e Robson Tavares pelas discussões e estudos durante a elaboração dessa dissertação.

Aos amigos: Chusa Júnior, Rinaldo Renato, Ricardo Basto, Tibério Noronha, Melo Júnior, Rosana Lindington, Wellington, João Praxedes, Silas, Hiran, Adriano André, Souza Filho, Marconi Guarino, Janaina, Rynan Gallindo, Marcelo Henrique, Ferreira de Souza, Cícero Alves, Cláudio Verçosa, George Paixão, Leonardo Lacerda e Severino de Freitas por tudo o que fizeram por mim durante o percurso dos dias.

Ao Diretor do Colégio Decisão Imbiribeira Sérgio Costa, bem como aos Coordenadores Marinho, Cilano e Isabel.

Aos alunos e sujeitos desta pesquisa pela disponibilidade e seriedade em todos os processos da pesquisa.

E, por fim, agradeço a minha querida mãe e irmãos pelas decisivas orientações no sentido de ter sempre como base, para o sucesso, os estudos. Da mesma forma, à Juliana Barbosa de Lima (ou simplesmente Ju) pela compreensão e colaboração inestimável pelo tempo que, em determinados momentos, lhe foi retirado.

EPÍGRAFE

Há diversos tipos de curiosidade: uma de interesse, que nos leva ao desejo de aprender o que nos pode ser útil, e outra, de orgulho, que provém do desejo de saber o que os outros ignoram (Joseph Addison).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo pesquisar o emprego da gíria entre estudantes do ensino médio numa escola privada na cidade do Recife. Parte-se do pressuposto do aspecto criptológico do uso da gíria, como uma variação linguística representativa de uma identidade de grupo social por faixa etária, em oposição ao grupo de adultos. A identidade do adolescente se configura igualmente através da sua linguagem. Foram realizadas 12 entrevistas semidiretivas, com estudantes de ambos os sexos, na faixa etária de 16 a 18 anos de idade, gravadas por meio eletrônico, em um colégio da rede particular de ensino. Através de uma análise de conteúdo, foi realizado um levantamento das gírias empregadas pelos estudantes, por sexo, uma investigação do significado dos respectivos usos entre os sujeitos no cotidiano escolar e extra-escolar, como também identificado o contexto de uso da gíria no ambiente sociocultural do aluno, envolvendo situações como intervalo de aula, estar na sala de aula sem o professor, estar no shopping, nas praias, entre outros. Com esta pesquisa, espera-se suscitar contribuições para a reflexão e a percepção quanto ao uso das gírias e o seu contexto de ocorrência entre adolescentes.

Palavras-chaves: variação linguística; etnometodologia; gíria.

ABSTRACT

This study aims to find the use of slang among high school students in a private school in the city of Recife. It has been assumed criptologic aspect of the use of this, as a representative of a variation linguistic identity of social group by age, as opposed to the group of adults. The identity of the teenager was also set by its language. As method will be conducted 12 interviews semidirectives, with students of both sexes, aged from 16 to 18 years old and recorded by electronic way, a college network of private schools. Through an analysis of content, there will be a lifting of slang used according the students by sex, an investigation of the significance of their use among the subjects in the daily school and extra-school, and also identified the context of use in the socio-cultural environment of the student. It will involve situations as a break from class, be in the classroom without a teacher, be in a shopping center, the beaches, among others. This research raises contributions to the thinking and perception about the use of idioms and their context of occurrence among teenagers.

Keywords: linguística variation; ethnomethodology; slang.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1	41
Quadro 2	44

FIGURAS

Figura 1	49
Figura 2	58
Figura 3	64

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLA

UR – Unidades de Registro

3º PV – Terceiro ano científico e Pré-vestibular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 LÍNGUA, VARIAÇÃO E SOCIEDADE	16
1.1.1 A variação e o registro	19
1.2 O <i>ETHOS</i> COMUNICATIVO	24
1.3 A PERSPECTIVA DA ETNOMETODOLOGIA	25
1.4 O UNIVERSO DOS ADOLESCENTES	28
1.5 A GÍRIA E OS GRUPOS SOCIAIS	30
1.5.1 A gíria como um socioleto	33
1.6 DISTINÇÕES ENTRE A GÍRIA E O JARGÃO	35
1.7 A FUNÇÃO INTERJEICIONAL DAS GÍRIAS	38
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	40
2.1 MATERIAL E MÉTODO	40
2.1.1 Campo	40
2.1.2 Sujeitos	41
2.1.3 Técnicas	41
2.13.1 Grupo focal	42
2.1.4 Procedimentos	42
2.1.5 Estratégia de análise	43
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	44
3.1 O conceito de gíria entre os adolescentes	44
3.2 Repertório e sentido das gírias mais usuais	49
3.3 Normas de uso das expressões gíriáticas em relação aos interlocutores	58
3.3.1 Perfil do interlocutor com quem os adolescentes podem usar as gírias	58
3.3.2 O perfil do interlocutor com quem os adolescentes não podem usar gírias	64

CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXOS	79
Anexo I	79
Anexo II	92
Anexo III	106
Anexo IV	119
Anexo V	128

INTRODUÇÃO

Sempre houve uma preocupação da sociedade em relação ao emprego das palavras e a comunicação entre os indivíduos. Essa comunicação, realizada por meio da linguagem, apoiada numa língua, estimulou uma gama de pesquisas no intuito de observar as interlocuções comunicativas cotidianas do homem.

A língua é considerada uma atividade social dos indivíduos. Weedwood (2002, p.152) aponta que ela “é um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação.” Assim, a língua realizada através da linguagem apresenta-se inseparável da condição de comunicação, e mostra-se totalmente unida às estruturas sociais através das falas dos interactantes.

Na fala é onde se encontram as variações registradas na língua. Nessa linha de raciocínio, Coelho (1960, p.30) afirma que a “fala é o uso individual do sistema linguístico pelo qual o falante escolhe — por um ato de vontade e inteligência — as várias combinações do código da língua, que lhe permitem a exteriorização de seu pensamento”. Desse modo, é percebido que a fala pode ser modificada pelo indivíduo em função do contexto situacional, da posição social, da profissão que exerce, da faixa etária, do sexo, entre outros, pois, a cada ambiente em que ele se encontra, o falante procura adequar o nível do vocabulário do seu falar.

A ação recíproca entre os indivíduos, no momento da fala, resulta na interação pela linguagem, em uma determinada situação. Essa situação social, de acordo com Bakhtin e Volochínov (2006, p.35), contribui para uma organização social dos indivíduos, na qual “[...] não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados”. A organização do homem em sociedade constitui o fator primordial para a compreensão entre os homens, por determinar a forma linguística utilizada em cada contexto. Entre essas formas, pode ser pensada a gíria, cuja característica é ser entendida apenas por aqueles que convivem em um mesmo meio. Daí seu caráter transitório e enigmático. Sua utilização fica habitual nas interlocuções comunicativas que não estão sendo monitoradas, ou seja, ela se torna mais comum na linguagem conotativa na fala espontânea.

Os termos gíriáticos tornam-se diferentes da língua apenas por seu uso vocabular, dado que apresentam uma carga semântica que exprime significações difíceis de serem compreendidas por quem não faz parte de um grupo específico, e, principalmente, no contexto onde esses termos são utilizados. São esses grupos sociais restritos que usam um vocabulário exclusivo e que tendem a se afastar da grande maioria (PRETI, 2004).

Essa aglutinação de indivíduos, em grupo social específico, pode ser uma forma atrativa para que os adolescentes identifiquem-se de forma radical, formando verdadeiras colônias que se caracterizam pelo mesmo modo de andar, vestir, cumprimentar-se e, principalmente, falar.

Os grupos tendem a criar códigos que produzem uma identidade própria, diferenciando-se de outros grupos. Para Bakhtin e Volochínov (2006, p.153), a língua “não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Conforme a língua, conforme a época, ou os grupos sociais.”

Esta pesquisa tem como objetivo geral estudar o emprego da gíria entre estudantes do ensino médio numa escola privada na cidade do Recife e como objetivos específicos obter um repertório das gírias utilizadas pelos estudantes do ensino médio de ambos os sexos; realizar uma análise etnometodológica do uso da gíria no contexto escolar e extra-escolar do aluno; e discutir de modo ampliado a relação entre o uso da gíria pelo aluno e o seu respectivo contexto social.

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, exploratória, transversal e focal, e foi realizada no Colégio Decisão Imbiribeira. Participaram da análise doze alunos do Ensino Médio, – do referido colégio, de ambos os sexos, na faixa etária de 16 a 18 anos de idade. No que se refere aos aspectos instrumentais, foram utilizadas técnicas grupais como principal fonte de coleta de dados. Os grupos foram gravados, o que gerou textos descritivos que favoreceram uma análise sobre o tema.

Espera-se que esta dissertação – registro de um aspecto de um falar de um grupo social (adolescente) – seja um ponto de partida para outras análises e contribua para um maior conhecimento do vocabulário cultural dos adolescentes, pois esse léxico reflete as condições

de vida, as circunstâncias de educação, as influências externas, os elementos formadores, o desenvolvimento e as peculiaridades de fala desse grupo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 LÍNGUA, VARIAÇÃO E SOCIEDADE

Não existem dúvidas de que o emprego das palavras é fundamental para a comunicação dos indivíduos que vivem em sociedade. Essa comunicação, realizada por meio da linguagem verbal, estimulou uma gama de pesquisas linguísticas no intuito de observar as interlocuções comunicativas cotidianas do homem. As interlocuções comunicativas são expostas por meio da palavra (ou signo), e serve para dar suporte às interações de fala desse falante em qualquer classe social. Desse modo, devido a estratificação dessas camadas sociais, é na linguagem de uma sociedade, que as variações linguísticas são expostas. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006).

Baseadas nessas variações, a linguística procurou estabelecer as relações entre a língua e suas múltiplas funções, numa sociedade diversificada e heterogênea. Para Bakhtin e Volochínov (2006, p. 95),

[...] o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto.

Essas formas normativas estão associadas, portanto, a um dado contexto social, marcado por convenções não apenas linguísticas, mas também políticas e econômicas porque essas normas, ao orientarem a produção dos atos de linguagem, apontam para as relações sociais entre o falante e o ouvinte (GNERRE, 1998).

A língua, enquanto produto social, desenvolve-se por meio de um sistema de signos linguísticos, sob convenção, usados por membros de uma mesma comunidade. Dessa forma, o grupo social após convencioná-la, utiliza-a como um conjunto organizado de elementos linguísticos em sua comunicação.

Isto implica dizer que a língua é o resultado das relações sociais do indivíduo. A partir do momento em que o falante interagir com outros falantes, estará ativando socialmente a língua. Para Preti (2003, p.12), “A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em

signos, [...]”. Assim, os indivíduos, ao fazerem uso da língua, são vistos como sociedade e essa relação tornou-se a coluna vertebral para a organização social desse homem.

O caráter social da língua serve como facilitador para que ela “absorva” novas expressões (novos léxicos), auxiliando para fazer fluir idéias e repassar mensagens designando e nomeando coisas, pessoas, acontecimentos, entre outros. Além disso, ela contribui para que haja diferenciações dentro do corpo social, haja vista a sociedade não ser homogênea linguisticamente. É desse modo que a língua, desde a sua origem, serve de instrumento de poder para dividir essa mesma sociedade em classes sociais (CALVET, 2002).

Foi esse caráter social da língua que motivou os estudos linguísticos na direção da sociologia. A sociolinguística tem respondido aos questionamentos propostos por linguistas e sociólogos em face das questões sobre as influências da linguagem na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade linguística.

A sociolinguística, ao apresentar como objeto de estudo a língua falada, exposta e investigada dentro do contexto social, permite o entendimento de que as realidades do falante são norteadoras do uso da língua no momento da fala, expressando não haver homogeneidade em nenhum grupo social. Com isso, propicia a diversidade de procedimentos em relação à língua. Esse pensamento reforça a definição de Labov (2008, p.140) quando defende que a variação é implícita a qualquer língua e a qualquer comunidade de fala, e acrescenta que “[...] a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante.”

No momento que um fenômeno sociolinguístico pode ser descrito e analisado, está pressuposto que alguns usos da língua sofrem influências de fatores estruturais e sociais. Por isso, Mollica (2003, p.10) sustenta que a sociolinguística “[...] considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores”, pois, caso algum grupo exibisse “comportamento linguístico idêntico”, não caberia uma investigação sociolinguística da sociedade. Para Labov, qualquer enfoque linguístico necessitaria de uma visão social, haja vista a característica da natureza do fenômeno ocorrer na linguagem.

O fato é que a sociolinguística, ao entrar em contato com outras áreas afins, tomou vulto e praticamente reuniu tudo que se relaciona ao estudo da linguagem em seu contexto

sociocultural, ou seja, uma análise de um fenômeno linguístico pode ser realizada por meio de duas áreas de estudo da sociolinguística, estabelecidas como a macrossociolinguística e a microssociolinguística.

Segundo Monteiro (2000), a macrossociolinguística investiga as ligações entre a sociedade e as línguas como um todo, sendo observado detalhadamente pelo governo como forma de identificar possíveis problemas no campo econômico com o uso linguístico dessas minorias.

Hudson (1984), no mesmo entendimento, defende que a macrossociolinguística integra uma área de investigação sociológica e política discutindo as consequências do multilinguismo para o desenvolvimento da economia. Tudo isso engloba as prováveis políticas linguísticas que a administração pública pode adotar em relação à sociedade em geral.

A política linguística de um governo é imposta por meio de uma “norma” que habitualmente é repassada pelas autoridades políticas. Essa norma é definida por Preti (2003, p.51) como sendo “o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua.”

Da mesma forma, entende Gnerre (2003, p.9), quando associa uma “norma” ao código oficial, que

Assim como o Estado e o poder são apresentados como entidades superiores e “neutras”, também o código aceito “oficialmente” pelo poder é apontado como neutro e superior, e todos os cidadãos têm que produzi-lo e entendê-lo nas relações com o poder.

De fato, a macrossociolinguística é vista no âmbito do governo para definir os ramos de uma possível intervenção governamental nas camadas mais pobres, utilizando-se para isso de “normas linguísticas” impostas aos falantes no intuito de evitar, por exemplo, um grande fracasso escolar.

Já a “a microssociolinguística toma a própria língua como alvo e as pressões sociais como fatores essenciais na determinação das estruturas linguísticas”, Romaine (1994, p.235)

Entende-se, por certo, que a microsociolinguística se ocupa apenas com a variação que ocorre com a língua e quais os fatores predominantes que levam a essa variação. Na verdade, reúne os fenômenos relacionados à teoria da variação, procurando definir as tensões que condicionam a aplicação de uma dada regra variável. Com essa forma de pesquisa, a língua é o objeto de estudo dentro de uma comunidade de fala, dando prioridade a uma analogia sob aspectos linguísticos e sociais.

Segundo Monteiro (2000, p.26), a microsociolinguística analisa “os efeitos dos fatos sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos,” ou seja, a microsociolinguística trata da análise dos resultados dos fatores sociais em relação às estruturas linguísticas.

Não apenas uma abordagem estatística pode ser pensada em termos de uma microsociolinguística, atenta aos usos da língua e suas variações dentro de grupos sociais delimitados, como também uma abordagem qualitativa, utilizando recursos da etnometodologia, conforme será abordado mais adiante.

1.1.1 A variação e o registro

Todas as línguas sofrem variações com o passar do tempo (WEEDWOOD, 2002). Nenhuma sociedade mostra uma homogeneidade linguística constante, visto que língua e sociedade se apresentam imbricadas, e que toda sociedade apresenta indivíduos com características diferentes (sexo, idade, região, profissão etc.), não poderia haver, portanto, uma língua absolutamente pura sem nenhuma marca desses fenômenos.

A variação linguística é inerente ao sistema linguístico. Sendo assim, Labov buscou analisar, dentro da sociologia da linguagem, a língua em seu contexto social — como elemento prático, baseando-se em uma metodologia funcionalista. Para isso, de acordo com Monteiro (2000), contrariou de forma bastante divergente o mecanicismo de Bloomfield, a teoria glossemática de Hjelmslev e o gerativismo de Chomsky.

A variação linguística ocorre naturalmente no léxico de uma língua. A questão da variação é uma particularidade de funcionamento inseparável dos sistemas linguísticos por apresentar uma visão à luz das funções sócio-interacionais dos falantes.

O léxico de uma língua é um sistema aberto e em constante expansão. Isso quer dizer que novas palavras são agrupadas à língua, pelo uso na comunicação oral.

Dubois (1973, p.364) considera que o léxico “designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” Assim, o léxico no pensamento variacionista é considerado um elemento da língua que exprime constantemente essas mudanças e variações, principalmente as sociais e, desse modo, comporta características de vários registros de fala e de novos itens lexicais.

O termo “variação” é estudado dentro da sociolinguística, tendo como base o verbo variar. Para Bagno (2007, p.46):

A variação sociolinguística costuma vir acompanhada, nos textos especializados, de alguns adjetivos que vale a pena conhecer:
 Variação = heterogeneidade, isto é, faz parte da natureza da língua.
 Variável = é o elemento linguístico que está em variação. Por exemplo: /r/ po[r]ta, esse /r/ é falado na região sudeste com sons diferentes da região nordeste.
 Variante = são as possibilidades da variável.
 Variedade = modo particular de falar a língua.

Em relação à variável linguística, Weinreich (2006, p.105), da mesma forma, reforça que é “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra.” Desse modo, o que ele chama de elemento pode ser entendido como uma parte de um todo, no âmbito de uma língua, que está em variação.

É assim que os termos oriundos do verbo variar exprimem determinados conceitos na área da sociolinguística agindo como elemento facilitador para o entendimento dos fenômenos da variação linguística.

O processo da variação linguística é reconhecido por Bakhtin (2002, p.74) ao afirmar que não existe uma língua única, mas que sempre ocorrerá uma estratificação interna que dividirá uma língua nacional em “dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das

autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas”.

A classificação das variações linguísticas tem sido feita observando-se os seguintes tipos:

Varição diatópica: é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de ‘lugares diferentes’, como nas grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc.

Varição diastrática: é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes ‘classes sociais’.

Varição diamésica: é a que se verifica na comparação entre ‘a língua falada e a língua escrita’. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de ‘gênero textual’.

Varição diafásica: é a variação estilística que vimos mais acima, isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de ‘monitoramento’ que ele confere ao seu comportamento verbal.

Varição diacrônica: é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da ‘história’ de uma língua. As línguas mudam com o tempo e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os lingüistas (BAGNO, 2007, p.46).

Observando-se uma classificação na mesma linha de entendimento para as variações linguísticas, essas variedades também apresentam uma denominação baseada também em tipos: dialeto, socioleto, cronoleto e idioleto. Todos os tipos usam a terminologia –LETO derivada da palavra grega “*Léksis*” que significa “palavra, ação de falar”, de onde também se origina a palavra “Léxico”.

O dialeto mostra-se como uma forma característica de uso de uma língua num determinado lugar, região, província etc.

Segundo Rector (1975, p.37), o dialeto é abordado através de duas perspectivas:

[...] do ponto de vista linguístico, uma variedade regional da mesma língua (ex. baiano e carioca). Do ponto de vista político (social, histórico) trata-se de línguas diversas, com origem comum, mas coexistindo (geograficamente). Um dos dialetos pode elevar-se à língua-padrão (ex. castelhano).

Conforme Dubois (1973, p.184), “O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usado num ambiente mais restrito que a própria língua.”

É por isso que um dialeto sempre carrega uma carga de preconceito linguístico, pois sugere um modo de falar informal, que é utilizado por uma classe economicamente mais baixa e, por muitas vezes, é até considerado que só é usado pela classe rural (HAUGEN, 2001).

Essa carga de preconceito linguístico é, no fundo, um preconceito social. Nesse pensamento, os dialetos não são diferentes por si só, é necessário que seja dado um valor social qualquer. É este valor social que é exaltado (no caso do dialeto padrão) ou rejeitado (no caso dos outros dialetos). Isto quer dizer que falar o dialeto padrão ou não-padrão é irrelevante do ponto de vista linguístico, em termos de qualidades (ambos são igualmente complexos e capazes de exprimir as ideias e sentimentos de seus falantes nativos), mas é irrelevante do ponto de vista social.

Ao falar um dialeto não-padrão, a pessoa revela suas origens; ao falar o dialeto padrão, a pessoa mostra que pertence à elite, cujo dialeto é normalmente reconhecido como padrão, ou que, ao menos, possui educação formal. Às vezes, um falante de dialeto não-padrão é rejeitado porque seu dialeto está intrinsecamente ligado à sua origem (que é a verdadeira discriminada) e não porque fala diferente.

O vocábulo dialeto, por ser uma variedade não-padrão de uma língua, atrai para si determinadas “conotações negativas” (MONTEIRO, 2000), haja vista o seu uso estar fora do contexto de quem determina o que seja considerado “correto” no momento do uso.

O socioleto define um tipo de variedade linguística relativa a um grupo de falantes que participam as mesmas características socioculturais (classe social, situação econômica, nível cultural, profissão, etc.). O socioleto também é entendido como uma espécie de língua característica de um grupo social.

Já o cronoleto descreve uma variedade própria de delimitada faixa etária social de falantes. A linguagem dos jovens e a linguagem dos idosos marcam bastante esta característica devido às construções sintáticas ou léxicas que ocorrem no momento da fala.

O idioleto: designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc. Manifesta-se por padrões de escolha das frases ou palavras. Para isso, tem-se que entender

que a língua apresenta um caráter coletivo e ao mesmo tempo individual. É esse caráter individual da língua que deve ser pensado o idioleto como sendo próprio de um indivíduo incluindo seus hábitos de fala (RECTOR, 1975). Da mesma forma, Biderman (1978, p.24) fundamenta que o idioleto resulta é das “características da fala de cada um, ou seja, a identidade linguística de um indivíduo.”

Um pensamento mais abrangente apresenta Dubois (1973) em relação ao idioleto quando o considera como um “estilo” inserido num conjunto de usos de um falante.

O que se pode perceber nesse estudo da forma de falar, é que todos falam de maneira diferente, tanto de acordo com a região onde vivem, as profissões que exercem, a classe social a que pertencem, a faixa etária, sexo e várias outras razões. A fala, ao ser usada por um indivíduo, nunca será a mesma.

Já os registros de fala equivalem a cada uso que o indivíduo faz socialmente de uma língua. Preti (2003, p.39) indica que o registro é uma variação de uso que ocorre quando o “usuário escolhe, de acordo com a situação, um estilo que julga conveniente para transmitir seu pensamento, em certas circunstâncias.” Consequentemente, os registros acontecem como modo de interação entre os indivíduos, principalmente num grupo social específico. O que vale dizer que esses registros estão relacionados ao contexto, pois o falante muda a sua forma de falar conforme as finalidades de suas expressões. Ele as adequa a propósitos distintos diante das relações sociais que são definidas no contexto de uso, até porque esses falantes fazem parte do próprio fenômeno linguístico.

Os registros são analisados à luz da sociolinguística variacionista nas pesquisas realizadas nos estratos sociais. O caráter heterogêneo da língua modifica esses registros constantemente, transformando-os. Com isso, reflete as variações que ocorrem em todo estrato social, sobretudo porque o processo variacional é inerente a todos os níveis da língua.

Em suma, o modo de falar característico de um determinado grupo, poderia ser pensado através dos costumes vivenciados pelo grupo, indicado através do *ethos*.

1.2 O *ETHOS* COMUNICATIVO

Pode-se dizer que a fala é responsável pelo manejo do instrumento que controla o comportamento de cada membro dentro do grupo social por meio da palavra. Segundo Breton (2006, p.67), “Toda a pessoa está contida em sua palavra e toda a palavra é visível. A palavra constitui um túnel entre as pessoas. Ele dá acesso ao ser de cada uma delas”. Esse acesso do comportamento individual pode ser considerado a representação do *ethos* de cada participante dentro de um grupo específico.

De acordo com Maingueneau (2005, p.98), a noção de *ethos* “compreende não só a dimensão propriamente vocal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas ligadas pelas representações coletivas à personagem do enunciador.” Ou seja, são os traços que caracterizam esse personagem na sociedade que o torna, assim, diferente dos outros. Apresenta, portanto, um valor de identidade social.

A personalidade do enunciador é expressa através da enunciação. No ato dessa enunciação o locutor apresenta ao ouvinte suas características culturais e sociais. Esse pensamento é apreciado por Maingueneau (*in* MOTTA e SALGADO, 2008, p.13) “A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança”. Desse modo, cabe ao receptor da mensagem a atribuição dos valores dos quais o locutor expõe através do seu *ethos* no ato da enunciação, mesmo que esse locutor não tenha colocado explicitamente sua forma de ser.

Ainda segundo Fairclough (2001, p.208): “O *ethos* é, então, manifestado pelo corpo inteiro, não só pela voz”. Isso quer dizer que o *ethos* representa tanto o comportamento verbal quanto o não-verbal do falante.

Pode-se dizer igualmente que o comportamento está relacionado à imagem de si que o locutor pode desenvolver no sentido de influenciar o auditório. Essa representação de si, às vezes, não indica realmente que o locutor age da forma que ele passa para o auditório (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2006).

Portanto, devido a esse comportamento de interação com o seu público ou como Volochínov (1930) prefere “auditório”, cabe a um campo teórico e metodológico, fundamentado em bases da microssociolinguística, chamado etnometodologia, a descrever as posições que definem como os ouvintes percebem, escolhem e entendem essas situações de uso da linguagem por meio de um locutor. Além disso, quais os sentidos, os usos e os contextos de uma determinada situação linguística, como a produção, circulação e apreensão da gíria num grupo que apresenta uma específica identidade social, como no caso dos adolescentes.

1.3 A PERSPECTIVA DA ETNOMETODOLOGIA

Uma outra perspectiva de estudo sociolinguístico, não quantitativo, pode ser aquela que se utiliza igualmente dos recursos qualitativos da etnometodologia. Sobre isso é dito que os falantes dividem conhecimentos por meio de oportunidades comunicativas que noticiam um grande número de situações sociais. É por isso que eles podem ser considerados partes de uma comunidade de fala. Uma vez que tal conhecimento compartilhado depende da intensidade dos contatos e da rede de comunicação, as fronteiras desta comunidade tendem a coincidir com comunidades sociais mais amplas, com países, tribos, agrupamentos religiosos, etc.

São nestes pontos que a etnometodologia se apoia para definir os métodos que os indivíduos usam nas suas ações do dia a dia, isto é, busca compreender como os indivíduos veem, descrevem e propõem em conjunto uma definição da situação, partindo da premissa de que o fato social é produto da contínua atividade dos homens.

A etnometodologia é uma variante da sociologia compreensiva weberiana, tendo surgido nos meios acadêmicos em 1959 com os trabalhos de Harold Garfinkel. É destacado o conceito de interação social, através do qual os papéis sociais se tornam definidores do código de conduta de cada falante. Ela apresenta a característica de uma abordagem dinâmica da ordem social, para isso, valoriza o ponto de vista dos atores nos seus afazeres cotidianos, pois

a ordem social se apresenta como uma construção incessante e interativa (CHARAUDEAU&MAINGUENEAU, 2006).

Diferentemente de Émile Durkheim, que entende os fatos sociais como realidade objetiva e coercitiva em relação aos indivíduos, Garfinkel postula que eles não são objetos estáveis, mas o produto da contínua atividade dos homens, que aplicam seus conhecimentos, processos, regras de comportamento, em suma, numa metodologia leiga cuja análise constitui a verdadeira tarefa do sociólogo (COULON, 1987).

Os papéis de cada indivíduo são o fator determinante para o que preconiza conceitos sociais como código de conduta. Isso implica dizer que grupos sociais apresentam a tendência de agirem conforme certos padrões pré-estabelecidos. Para tanto, acomodam o código de conduta ou a linguagem definidas para um acontecimento destacado. Sobre isso, Coulon (1987) diz que os fatos sociais devem ser considerados em toda prática do homem, haja vista eles serem dinâmicos. Ainda segundo Coulon, esses fatos sociais associam-se a tudo que o indivíduo realiza em seu trabalho, em seu aprendizado, em seu comportamento.

Os fatos sociais são definidos como situações que são observadas através da etnometodologia, que se fundamenta em pesquisas empíricas voltadas para uma definição dos métodos “leigos” utilizados pelos indivíduos para realizarem suas ações cotidianas, se comunicarem, tomarem decisão e raciocinarem. Portanto, para abordar esses fenômenos a etnometodologia toma de empréstimo alguns termos de outras áreas, como o de indicialidade — da linguística; de reflexividade — da fenomenologia; de accountability — da esfera social.

Ainda de acordo com Coulon (1987) indicialidade é um termo técnico que designa o pressuposto de que toda palavra tem uma significação trans-situacional, entretanto pode ter igualmente um significado distinto em toda situação particular em que é usada. Sua compreensão profunda passa por “características indicativas” e exige dos indivíduos que “vão além da informação que lhes é dada”. Portanto, trata-se de uma relação muito próxima entre a pragmática e a semântica.

A indicialidade, como propriedade da linguagem, apresenta um papel fundamental na composição de significados nas interações entre os indivíduos. Esse significado pode

acontecer por meio de contextos restritos durante o uso, ou seja, apóia-se em um contexto pragmático que é compreendido pelos membros durante o ato interativo.

O segundo conceito, o de reflexividade, aponta que os membros se desinteressam pelas circunstâncias e ações práticas enquanto temas teóricos. Essa ausência de preocupação em teorizar surge da consideração de que certas ações e situações são evidentes, vindo a reconhecer, demonstrar e tornar observável a cada um dos outros membros, o caráter racional de suas práticas concretas (COULON, 1987). Nesse caso, o pesquisador elabora uma teorização sobre determinadas práticas linguísticas, como no caso do uso das gírias, porque os adolescentes não fazem essa reflexão por acharem que é evidente demais, porquanto ser uma coisa normal e natural entre eles.

A reflexividade apresenta-se como um mundo compartilhado totalmente dotado de sentido para quem é membro do grupo. Para tanto, estabelece significados nas relações que são estabelecidas entre eles.

Por fim, o “misterioso” conceito de “accountability” indica que o cotidiano deve ser descrito através da construção de um mundo visível que torne a ação do sujeito compreensível e reveladora dos processos nos quais este mesmo sujeito se encontra participando. É determinada pela responsabilidade de algum tipo de ação que como membro, não poderia fazer, devido à rejeição do grupo em que faz parte (COULON, 1987).

Ao trazer o último conceito para o universo dos adolescentes, pode ser comentado que “accountability” implica que se o sujeito participa de determinado grupo tem a responsabilidade de usar determinadas roupas, pensar de determinado modo e falar igualmente de uma maneira padrão para aquele grupo, no caso de faixa etária.

1.4 O UNIVERSO DOS ADOLESCENTES

Desde o seu nascimento, o ser humano passa por determinadas etapas caracterizadas por procedimentos distintos, entre elas a adolescência.

É uma etapa conflitante na vida do jovem. De fato, o comportamento e o corpo refletem claramente as mudanças que ocorrem neles. Esse período de vida, no desenvolvimento do homem, é sinalizado por modificações físicas, sociais e psíquicas. Conseqüentemente essas transformações sempre estão repletas de rebeldia e teimosia, como uma demonstração de vontade de poder, mesmo que ainda não o tenha e que seu corpo ainda não esteja totalmente definido.

Importante frisar que existe uma diferença entre puberdade, definida pelas transformações biológicas que ocorrem nessa faixa etária, e a adolescência como sendo as modificações sociais e psicológicas que afloram no comportamento desses jovens. Sobre isso Osório (1989, p.10) retrata que:

(...) a adolescência vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias, mas com uma psicologia e até mesmo uma sociologia peculiar.

É esta estruturação final da personalidade que faz com que o adolescente tenha um mundo para cada necessidade. E existe a necessidade contínua desse adolescente descobrir coisas novas, e elas estão sempre associadas ao seu modo de pensar e agir.

O que se nota claramente, como aspecto principal no pensamento da sociedade adulta em relação a esse adolescente, é a não aceitação desse jovem como adulto. Pode-se perceber esse raciocínio em Becker (2003, p.74): "(...) um indivíduo é dito adulto quando alcançou o seu perfeito ajustamento à sociedade, o encontro de sua posição e seu papel." Esse papel consiste em responder por suas ações, tomar decisões com base em critérios e valores pessoais, independentemente da influência dos pais ou de outras pessoas; apresentar um perfil constante de consciência e um bom relacionamento com os demais o que pode caracterizá-lo como adulto, diferentemente do adolescente que, a todo momento, apresenta mudanças bruscas de humor. E é por causa destas oscilações de temperamento e comportamento que é levado a apresentar idéias adversas em relação ao pensamento adulto.

Esse raciocínio também é defendido por outros autores, como Calligaris (2000, p.15) que afirma: "Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto". Assim, esse sujeito vive em constante conflito, pois, em determinados momentos da vida, são exigidas dele características de atitudes adultas: responsabilidades, comportamento exemplar. Entretanto, a sociedade,

principalmente a família, não os reconhece como pessoas amadurecidas o bastante para serem chamadas assim.

A reação que se nota na direção desses conflitos é mostrada pelos adolescentes no trajar, no agir, no pensar e no se expressar. É esse modo diferente de expressão que os adolescentes usam, às vezes, para chocar, infringindo o registro formal da língua usada pela sociedade e, assim, rebelar-se contra ela.

No adolescente, o que se pode notar é uma busca constante de uma identidade única para se mostrar diferente dessa sociedade. O desafio é uma constante em seu comportamento e ação.

Essa rebeldia, em determinado momento, é a forma de escape usada para manifestarem que não aceitam as imposições que a sociedade e a própria família impõe, na tentativa de moldá-los para que apresentem um comportamento mais homogêneo, comum à sociedade. É nesse sentido que Camacho (2004, p.39) afirma:

Além da necessidade de criação de neologismos por força de necessidades expressivas, há uma demanda especial, em certos grupos, por forte coesão social, cuja consequência é a exclusão, via linguagem, dos que não fazem parte do grupo. Esse tipo de motivação para a criação de gíria caracteriza especialmente a linguagem do adolescente.

É na tentativa de identificar problemas comuns que o adolescente busca a comunhão de outros adolescentes. Segundo Calligaris (2000, p.35),

O adolescente, descobrindo que a nova imagem projetada por seu corpo não lhe vale “naturalmente” o estatuto de adulto, é acuado a agir. A primeira ação — em resposta à falta do conhecimento que ele esperava dos adultos — consiste em procurar novas condições sociais, em que sua admissão como cidadão de pleno direito não dependa mais dos adultos e, portanto, não seja mais sujeita à moratória. O adolescente transforma assim sua faixa etária num grupo social, ou então num conglomerado de grupos sociais dos quais os adultos são excluídos e em que os adolescentes podem mutuamente se reconhecer como pares.

Como consequência dessa reunião em grupos, são criados códigos que produzem uma identidade própria, diferenciando do mundo dos adultos e de outros grupos através da fala compartilhada por todos participantes. Entre eles, o fenômeno giriático a ser discutido ao longo da dissertação, como um cronoleto ou um socioleto.

O adolescente torna-se um ser distinto dentro da sociedade, haja vista estar sempre sendo observado de forma coerciva pela parcela adulta, que exige dele um comportamento responsável, característico do indivíduo que já passou dessa fase. Tudo isso faz com que eles partam em busca de um papel que faça mais sentido no mundo de desencontros em que estão inseridos.

O reflexo destes conflitos é visto com mais clareza no vocabulário carregado de expressões gíricas utilizado pelos adolescentes durante as suas interações comunicativas. É como se fosse um código moral e de salvo-conduto a eles, enquanto participantes de um determinado grupo social.

1.5 A GÍRIA E OS GRUPOS SOCIAIS

A língua não pode ser pensada como um sistema sólido, uniforme e imóvel. Paulatinamente ela vai absorvendo expressões (novos léxicos) que servem para fazer fluir ideias e repassar mensagens designando e nomeando coisas, pessoas, acontecimentos, processo, entre outros. Além disso, a língua, realizada na linguagem, influencia para que haja separações dentro do corpo social, pois a sociedade não é homogênea linguisticamente, e isso, facilita essa estratificação.

A caracterização de grupo social é reconhecida por Bakhtin (2006, p.35) como indivíduos que apresentam formas organizadas de agir e falar. Isso é o que ele caracteriza de “unidade social”. Para Bakhtin, só acontece essa unidade social ou grupo social, se os indivíduos apresentarem-se socialmente em organização, formando os diversos grupos dentro do corpo maior que é a sociedade.

A linguagem usada no seio desses grupos é o fator primordial de comunicação de que se servem os seus atores. Essa linguagem apresenta em muitos casos, a gíria como marca de cada grupo e para quem faz parte dele, resultando em uma maneira de falar peculiar aos seus componentes.

Segundo Tarallo (1985), esse tipo de linguagem ou uso da língua, como o uso das gírias, pode ser considerado um fator preponderante no que tange à identificação dos grupos, da mesma forma que se torna uma maneira de demarcação das diferenças sociais dentro de uma comunidade linguística.

Para Preti (2004, p.66), a gíria é uma característica de fenômeno sociolinguístico e pode ser estudada sob duas perspectivas:

a primeira a da chamada *gíria de grupo*, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria (...), (...) uma segunda perspectiva de estudo e pesquisa, a da *gíria comum*, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida (...)

Entre elas, a chamada gíria de grupo é a que mais se aproxima da discussão aqui empreendida, visto que se mostra através de grupos sociais restritos, isto é, grupos que se unem num comportamento homogêneo. Como consequência, desse aspecto, caracterizam-se pela mesma forma de linguagem.

Preti (1984, p.66) novamente reforça essa discussão quando diz que a gíria “constitui-se num vocabulário criptológico, ligado à vida e à cultura de um grupo social restrito.”

Para Charaudeau e Maingueneau (2006), de um ponto de vista lexicológico, as gírias são subconjuntos do vocabulário comum, já que esses vocábulos se integram à morfologia da língua, caracterizando-a numa derivação morfológica (antena = antenado), num truncamento (apartamento = apê), nos empréstimos (bicicleta = bike). Os autores também retratam a gíria defendendo que elas podem ser pensadas por meio de comportamentos retóricos como as metáforas, as metonímias e o eufemismo.

Segundo Dubois (1973, p.411), a metáfora “consiste no emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de todo elemento que introduz formalmente uma comparação.” Isso quer dizer que ocorrerá um elemento linguístico norteador responsável em diferenciar a metáfora da comparação. Dessa forma, pode-se entender o uso da conjunção comparativa “como”, para identificar esse elemento.

Charaudeau e Maingueneau (2006, p.330) atribuem à metáfora três funções principais: uma função estética, voltada ao discurso e aos enunciados literários; uma função cognitiva,

voltada a explicar um “domínio novo ou pouco definido por um domínio conhecido”; e uma função persuasiva, voltada à manipulação da palavra “para uma proposição que se quer que seja aceita”.

Biderman (1978) também considera que as gírias, já que são mais comuns na linguagem oral, apresentam como essência buscar sempre uma melhor expressividade. Para isso, os usuários inventam “novos matizes metafóricos” e “metonímicos”, substituindo as palavras velhas, ou inventam palavras novas que correspondem melhor significado com as palavras substituídas.

Com efeito, uma característica primordial das gírias é dar sentido à linguagem de um indivíduo ou, como é mais comum encontrá-la, a um grupo social específico, mantendo, dessa forma, a interação comunicativa no grupo. Assim, torna-se “um fenômeno dos mais dinâmicos que alia tanto a língua quanto a vida num jogo intrincado, num conjunto dependente e indivisível” (SOUZA, 2001, p.50).

Numa outra concepção, a gíria é compreendida como uma ocorrência nascida da linguagem do povo, acontecendo nas tarefas cotidianas, reproduzindo as relações estáveis dos falantes, de acordo com a época e entre os grupos sociais (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2006). É por isso que ela sempre está presente no léxico, porque é usada no vocabulário oral por uma grande parcela da sociedade, muito embora seja encontrada também no vocabulário escrito por jornais, revistas, letras de músicas. Tudo isso como recurso primordialmente estilístico. De fato, ela é um fenômeno universal e atemporal, como também é uma linguagem própria daqueles que exercem a mesma profissão ou arte, servindo como marca de um grupo.

Certamente, essas marcas de grupos são mais comuns em grupos jovens, como frisa Preti (2003, p.26): “Modernamente, fala-se muito de uma ‘linguagem jovem’, entendendo-se como tal um vocabulário gírio, mais empregado pelos indivíduos dessa faixa etária [...]”. O que vem sendo observado é que esses termos gíriáticos tornam-se diferentes da língua apenas por seu uso vocabular, dado que apresentam uma carga semântica, exprimindo significações difíceis de serem compreendidas por quem não faz parte do grupo específico, e, principalmente, no contexto em que esses jovens usam esses termos.

Ainda de acordo com outros autores, por exemplo, Biderman (1978, p.161) comenta que a gíria “é uma criação popular que nasce da busca de maior expressividade. Às vezes, é motivada por outra causa: dificultar a decodificação da mensagem”. É esta “expressividade” que colabora para dar outra significação à mensagem em relação ao seu sentido real, isto é, a ideia que é repassada pela informação que contenha um termo gíriático é totalmente diferente da significação real desse termo.

A gíria pode ser considerada um desdobramento do léxico usado por um grupo social. Apresenta, então, um caráter parasita, já que modifica de maneira intencional um vocabulário já existente, no intuito de oposição, em vários momentos, à outra camada da sociedade (DUBOIS, 1973).

Portanto, esses grupos apresentam como característica principal a de mostrar em seu modo de linguagem uma variação linguística que se torna peculiar a cada um dos representantes, até mesmo diferenciando-os de outros grupos sociais que coabitam as comunidades sociais, a saber, os socioletos que são encontrados em toda comunidade linguística.

1.5.1 A gíria como um socioleto

O léxico é um elemento da língua que exprime constantemente as mudanças e variações linguísticas, principalmente as sociais e, desse modo, sofre influência, comportando características de vários registros de fala e de novos itens lexicais. É assim que esses registros realizam-se como modo de interação entre os indivíduos, principalmente num grupo social específico.

Ao se fazer uso da linguagem nas interações comunicativas com outros indivíduos, o homem, além das gírias, também se vale do contexto para refletir o que se quer falar ou expressar em sua mensagem. Sobre isso, Bakhtin e Volochínov (2006) destacam que o indivíduo utiliza-se da linguagem em suas enunciações em determinados contextos específicos. O contexto, ainda segundo Bakhtin e Volochínov (*op. cit.*), definirá o uso de

determinados vocábulos pelos participantes desses grupos. São nesses contextos que se inserem, do mesmo modo, as gírias, haja vista o seu uso não ser aceito em qualquer situação, como é o caso de uma entrevista para um emprego.

O contexto age como um “centro de gravidade” durante a comunicação de cada indivíduo com outros falantes (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, *op. cit.*) e habita nas re-significações de cada “forma utilizada” em determinado momento da comunicação. São nesses momentos específicos na comunicação que ocorrem as gírias. Elas, por seu turno, adentram no léxico do locutor que repassa algumas informações que só são entendidas por aqueles que convivem no mesmo meio. Daí as gírias possuírem um caráter transitório (um comportamento entre a norma e o fora de norma) e enigmático, porquanto sua utilização fica habitual nas interlocuções comunicativas que não estão sendo monitoradas, ou seja, ela se torna mais comum na linguagem conotativa ao ser usada uma forma de falar bem espontânea.

Socialmente, a gíria está contida em todos os grupos de uma comunidade. Uns apresentam usos mais abrangentes, ou seja, fazem uso constante dessas gírias. Outros com usos mais dispersos, pois a usam em pouca quantidade e num espaço de tempo mais longo. São essas variações dentro do corpo social que irão definir a gíria como um tipo específico de um socioleto. É nessa linha que Faraco (2005, p.28) afirma que “[...] uma comunidade (principalmente quando pequena e com a rede de relações internas bastante firme) pode desencadear um processo de mudança para marcar sua diferença em relação a grupos falantes de outras áreas”.

O socioleto pode ser visto como uma forma peculiar da língua que é falada por um determinado grupo social ou até mesmo uma classe social, ou seja, ele expressa características grupais de linguagem num grupo determinado. Evidentemente, o socioleto exerce funções positivas no processo comunicativo, facilitando a compreensão mútua e conservando, dessa forma, a unidade de direcionamento e percepção comunicativa.

Segundo Monteiro (2000, p.50), o socioleto também é chamado de “dialeto social” já que “é um uso linguístico próprio de uma classe ou categoria social específica.” e “é um conjunto de traços linguísticos empregados preferentemente por um determinado estrato social”. Para Monteiro (*op. cit.*), esses estratos sociais são considerados as próprias comunidades que fazem parte do corpo social. Logo, as gírias estão contidas no modo de falar

desses indivíduos em suas comunidades sociais, visto que é nessas comunidades que ocorrerão as diferenças linguísticas quanto ao uso da língua através das pessoas que fazem parte dela.

Desse modo, as gírias ativam o processo nas significações, principalmente no léxico dos indivíduos em distintos grupos sociais. Esses termos são apenas compreendidos pelos participantes do mesmo grupo, pois as palavras em uso não são comuns aos participantes de outros grupos sociais.

O vocabulário usado pelo grupo concede a seus membros a consciência de “pertencer” aquele grupo, agindo como se houvesse uma fronteira com o restante da sociedade (BRAM, 1968). Ainda em relação a esse caráter sigiloso da linguagem usado por certos grupos, Bram (*op. cit.* p.82) afirma que “essa linguagem de grupo também possui uma qualidade expressiva e emotiva, alusiva ao convívio e ao consenso grupal.”

Via de regra, esses grupos, ao usarem as gírias em suas interlocuções, são marginalizados pela sociedade porque assumem uma postura de afronta aos valores sociais, sendo, então, estigmatizados. É o que se pode ver com as gírias utilizadas por certas profissões, comumente chamadas de jargões.

1.6 DISTINÇÕES ENTRE A GÍRIA E O JARGÃO

Como exposto até o momento, a gíria é um modo de expressão usado por grupos indivíduos que desejam não ser compreendidos. Para certos atores, as gírias ocorrem em certas profissões e ofícios, e são de difícil compreensão. Há de ser observado que não é de agora que o processo de compreensão entre os que não participam do grupo que a usam é difícil. É por isso que a gíria está relacionada a um modo de falar incompreensível, até mesmo enigmático por quem é alheio a essa prática de uso.

A relação com a fala incompreensível está, de acordo com Rector (1975), relacionado ao surgimento do termo no francês, que apresenta um significado onomatopéico, “*gargon*”, na tradução para o francês antigo, como “gorjeio dos pássaros”.

De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2006, p.257), os dicionários de língua apresentaram, pela primeira vez, a palavra *argot* (em língua portuguesa, gíria) no ano de 1628, tendo um significado primeiro de “corporação, confraria dos indigentes, dos mendigos”. Talvez seja por esse fato que o termo gíria esteja constantemente relacionado a grupos sociais mais ou menos marginais. Ainda segundo Charaudeau e Maingueneau (*op. cit.*), a gíria, com o passar dos anos, foi ampliada em seu processo de significação e hoje se fala em “gíria dos jovens” ou até “gíria das profissões”.

Assim, a gíria pode ser caracterizada como a linguagem de grupos específicos que são formados dentro da sociedade (às vezes, à sua margem) com objetivos comuns ou até transitório (ELIA, 1987).

Ao contrário da gíria, o jargão pode ser considerado uma língua que é utilizada de forma incorreta, incompreensível, que foi deformada por uma pessoa ou até por um determinado grupo de modo intencional (DUBOIS, 1973). Esses ajuntamentos podem ser os que participam da mesma profissão.

Daí, autores como Elia (1987, p.72) diferencia a gíria da linguagem técnica (o jargão): “As gírias opõem-se às linguagens técnicas no sentido de que, enquanto nelas predominam as formações de cunho afetivo, nas linguagens técnicas tais formações são nomenclaturas de caráter intelectual ou representativo.”

Da mesma forma, Bram (1968, p.63) diferencia gíria do jargão, sustentando as duas ocorrências como fenômenos “da gíria e do jargão ligados às variedades sociais e culturais (a linguagem do submundo, da classe baixa etc.) ou a ocupações especiais (a linguagem da música de *jazz*, do beisebol e outros).

Para Bakhtin (2002, p.96), o jargão é uma linguagem profissional: “Mesmo a linguagem do escritor (do poeta, do romancista) pode ser percebida como um jargão profissional, ao lado de outros.”

O que se nota com isso é o processo de afetividade que a gíria estabelece entre os representantes de um grupo de uso, contrariamente ao entendimento do jargão, que se apresenta como uma linguagem voltada ao processo intelectual dos indivíduos em algumas profissões.

Ocorre também nessa discussão a intencionalidade dos usuários, haja vista assumirem um caráter primordial nessa relação que é a pretensão de não serem entendidos com o uso dos jargões. Sobre isso, Burke (1995) defende que as linguagens técnicas de profissões e ofícios específicos podem ser analisadas como reflexos da forma intencional de manter a distância entre os praticantes e outras pessoas, e como uma forma de excluí-las, como meio de garantir que pessoas estranhas fiquem de fora do assunto e da própria conversação. Burke (*op. cit.*, p.44) destaca o fato dizendo que “os habitantes das prisões polonesas demonstram sua consciência em relação ao poder da linguagem compelindo os novos reclusos a aprender o jargão da prisão (conhecido como *grypserka*) [...]”

Acima de tudo, o jargão apresenta não apenas o modo utilitário de uso na comunicação entre os grupos, mas também a finalidade de práticas sociais precisas com o intuito de se distanciar em relação ao resto da sociedade.

Esse pensamento é corroborado por Rector (1975, p.40) ao afirmar que o jargão resulta de: “Modificações que um grupo sócio-profissional introduz na língua nacional. Essas alterações estão ligadas: a) à natureza particular das coisas ditas; b) à vontade de não ser entendido; c) ao desejo do grupo de marcar sua originalidade”.

É desse modo que o jargão pode ser pensado como uma variação da gíria. Está vinculado a determinadas profissões com palavras ou expressões comuns que são compartilhadas por um grupo social, como é o caso dos advogados, médicos, estudantes, veterinários, professores etc.

1.7 A FUNÇÃO INTERJEICIONAL DAS GÍRIAS

As gramáticas normativas definem a interjeição como membro da classe das palavras invariáveis, haja vista não apresentarem flexões de gênero, número e grau, como observado na gramática *Aprender e praticar gramática*, de Mauro Ferreira (1992, p.175) que define interjeição como sendo “toda palavra ou expressão usada para exprimir, de forma intensa, viva e instantânea, nossos estados emocionais.” Já na gramática como na *Gramática Literatura & Redação*, de Ernani e Nicola (1997, p.97), a interjeição é relacionada a uma carga emocional expressa pelo emissor: “interjeição é a palavra invariável cuja função é exprimir emoções súbitas.”

Diante das perspectivas dos autores acima mencionados, o que se torna comum nos estudos linguísticos é a interjeição ser tratada, na linha dessas gramáticas normativas, como expressão que implica “emoção” e, portanto, centrada no emissor.

Melhor sorte e com uma definição mais abrangente, Dubois (1973, p.349) destaca que a interjeição é

uma palavra invariável, isolada, que forma uma frase por si mesma, sem relação com as outras orações e que exprime uma reação afetiva viva: onomatopéias (ah, oh, etc), substantivos (céus, Deus, diacho), advérbios (bem, etc), locuções (ora bolas!, valha-me Deus!, etc).

As interjeições, por estarem relacionadas aos estados emotivos e de afetividade do falante, tornam-se mais comuns na fala em decorrência do processo de entonação.

Outra perspectiva, e a que mais se aproxima dos objetivos desta pesquisa, é a que trata a interjeição como um tipo de palavra que aproxima os interlocutores na conversação, revelando-se um “facilitador” durante o processo comunicativo.

Esse entendimento é também apreciado por Marcuschi (2007, p.138) quando afirma que “a interjeição, tal como os marcadores conversacionais e as hesitações [...] formam classes de funções discursivas bastantes características” que podem ser entendidas como palavras ou expressões que aproximam as interlocuções comunicativas dos indivíduos, assume, desse modo, a função “ilocucional” de um enunciado. Atos ilocutórios, segundo

Charaudeau e Maingueneau (2006, p.73) são os “componentes de um enunciado que lhe permitem funcionar como um ato particular, combinando-se com o conteúdo proposicional próprio a esse enunciado.” Portanto, pode-se dizer que as interjeições estão dentro desse contexto enunciativo.

Por conseguinte, o que se nota é que as interjeições, como uma ocorrência do discurso, participam para criar um clima de espontaneidade entre os falantes, principalmente quando os falantes tentam expressar proximidade entre eles em suas práticas discursivas. Com isso elas podem ocorrer, com mais frequência, no início ou no final das orações (MARCUSCHI, 2007).

A carga discursiva exposta com as interjeições ocorre em determinados contextos que exigem uma maior vivacidade, reproduzindo posições pessoais quando o falante se refere a outro. O que se nota, com isso, é um modo que muitas vezes visa mais à interação com o outro indivíduo do que a informação propriamente dita (MARCUSCHI, 2007).

É com essa visão que elas podem ser consideradas fenômenos essencialmente discursivos e voltadas à estrutura ilocucional do indivíduo, pois apresentam um alto valor comunicativo. Tudo isso proporciona, numa interação comunicativa, um clima de espontaneidade e naturalidade entre os interactantes.

No próximo capítulo, será apresentado os Aspectos Metodológicos da pesquisa, bem como o Material e o Método utilizado no desenvolvimento dela.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 MATERIAL E MÉTODO

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, exploratória, transversal e focal. A abordagem qualitativa é a mais adequada para a investigação de fenômenos sociais e linguísticos mais complexos. Moreira afirma (2002, p.17) que a pesquisa qualitativa é aquela cuja

informação coletada pelo pesquisador **não** é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise. (...) a pesquisa qualitativa pode ser associada à coleta e análises de texto (falado ou escrito) e à observação direta do comportamento.

Isso se caracteriza numa atividade empírica exploratória, pois se estará obtendo informações dos alunos do uso da gíria, os adolescentes/alunos, sem a preocupação com os aspectos da distribuição estatística das variáveis que possam caracterizar essa população. Apresenta, dessa forma, mais flexibilidade para a definição do processo de amostragem, por exemplo.

2.1.1 Campo

Ainda de acordo com Moreira (2002, p.17), a palavra campo “indica que a pesquisa é realizada no ambiente natural, em que os participantes usualmente se movimentam”. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada no Colégio Decisão Imbiribeira. Situado na Rua Zeferino Pinho, nº 507, CEP.: 51.170-570, CNPJ: 02.350.836/0001-41, Recife-PE, telefone 33390826.

O colégio Decisão Imbiribeira foi fundado em janeiro de 1996. É composto de 7 turmas de 5ª ao 3º ano ensino médio, no turno da manhã, Pré-vestibular no turno da noite. O foco da pesquisa foram os adolescentes do 3º ano do ensino médio, mais Pré-vestibular que formavam uma única turma à noite.

2.1.2 Sujeitos

Foram doze alunos do Ensino Médio, divididos igualmente entre ambos os sexos, na faixa etária de 16 a 18 anos de idade, conforme apresentado no quadro 1. Tratou-se de um perfil sociodemográfico que correspondeu às seguintes especificações. As letras maiúsculas com o numeral E1, E2, E3, E4... E12, equivalem aos sujeitos participantes desta pesquisa (estudantes do colégio Decisão Imbiribeira). As letras maiúsculas F e M relacionam-se ao gênero dos sujeitos feminino e masculino. A terceira coluna corresponde à indicação da idade desses sujeitos. Na última coluna, com o nome “série”, indicado pelo símbolo 3° PV, significa 3° ano e Pré-vestibular.

Quadro 1 – Perfil sociodemográfico dos sujeitos entrevistados

SUJEITOS	SEXO	IDADE	SÉRIE
E1	F	18	3° PV
E2	M	17	3° PV
E3	M	16	3° PV
E4	F	17	3° PV
E5	M	16	3° PV
E6	M	18	3° PV
E7	F	17	3° PV
E8	F	18	3° PV
E9	M	18	3° PV
E10	F	18	3° PV
E11	F	17	3° PV
E12	M	16	3° PV

2.1.3 Técnicas

Tendo em vista os propósitos desta pesquisa, principalmente aqueles que dizem respeito aos aspectos subjetivos, foram utilizadas técnicas grupais como instrumento de coleta de dados. Isto se justifica porque a relação intersubjetiva na entrevista individual, entre um professor de Língua Portuguesa e um aluno pode criar uma resistência em função da relação de poder. Nesse sentido, serão escolhidas duas formas de emprego dos grupos: grupo focal e grupo de debate.

2.1.3.1 Grupo focal

Foram formados voluntariamente 3 grupos com 4 participantes, sendo 2 rapazes e 2 garotas cada. A técnica de grupo focal se caracteriza pela aplicação de um roteiro de entrevista semidiretiva, havendo liberdade para o entrevistador elaborar novas perguntas em função das respostas do grupo (MOREIRA, 2002).

O roteiro de entrevista semidiretiva constava das seguintes perguntas:

- 1º) O que são gírias?
- 2º) Quais são as gírias que vocês usam?
- 3º) O que elas significam?
- 4º) Com quem vocês aprenderam?
- 5º) Vocês usam essas gírias em quais situações?
- 6º) O que vocês querem quando usam essas gírias nessas situações?

Os grupos foram gravados com instrumento eletrônico para análise posterior.

Foi necessário formar grupos menores para se tornar uma situação menos inibidora da expressão de alguns jovens. A proporção igual por gênero objetivou um controle das respostas no sentido de não haver a predominância de um gênero sobre outro.

Organizaram-se cinco grupos, com tempo médio de uma hora, a saber:

- Primeiro encontro: dia 14/jun/2008 (sábado);
- Segundo encontro: dia 19/jul/2008 (sábado);
- Terceiro encontro: dia 15/ago/2008 (sexta-feira);
- Quarto encontro: dia 04/out/2008 (sábado);
- Quinto encontro: dia 10/out/2008 (sexta-feira).

2.1.4 Procedimentos

- 1º– Reunião com a Direção da escola solicitando a autorização para a realização da pesquisa, dia 22/maio/2008;

- 2º – Reunião com os Coordenadores pedagógicos, fazendo ciência da autorização da pesquisa, dia 29/maio/2008;
- 3º – Formação dos grupos focais, dia 05/jun/2008;
- 4º – Gravação das respostas dos alunos para posterior análise, após devida autorização dos genitores ou responsáveis legais: dias 14/06/2008, 19/07/2008, 15/08/2008, 04/10/2008 e 10/10/2008;
- 5º – Transcrição dos dados gravados: junho, julho, agosto e outubro;
- 6º – Análise da gravação dos dados: novembro, dezembro

2.1.5 Estratégia de análise

A pesquisa foi orientada através da análise do conteúdo. O conteúdo de qualquer texto pode ser detalhado por meios qualitativos ou estatísticos. Segundo Dubois (1973, p.49), a análise do conteúdo trata de “sistematizar e de tentar fundar sobre bases rigorosas o que se denomina geralmente ‘ler nas entrelinhas’, definindo-se regras que determinam a organização dos textos”. Para isso, faz uso dos meios qualitativos ou estatísticos ante as respostas nas entrevistas.

Para Charaudeau e Maingueneau (2006, p.42), a análise do conteúdo é uma técnica de pesquisa que é norteadada fundamentalmente pela “pré-categorização temática dos dados textuais e seu tratamento quantitativo, geralmente informatizado, como demonstra o célebre *General Inquirer*, primeira obra importante a tratar dos procedimentos automatizados de pesquisa”.

Por fim, foi pensada uma análise temática, naquele sentido do tema marcado por uma “unidade de registro”. O tema “corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas” (BARDIN, 2000, p.131). Esse tema é usado como uma unidade para análise de opiniões, atitudes, valores, etc. Bardin (*op. cit.*, p.130) ainda comenta: “É a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base”.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo serão abordados os seguintes itens: o conceito de gíria entre os estudantes do ensino médio, repertório e significado das gírias mais usuais e o contexto de uso. No próximo quadro serão abordadas temáticas vinculadas ao conceito de gíria entre os estudantes de ensino médio.

3.1 O conceito de gíria entre os adolescentes

Quadro 2 – Temáticas relacionadas ao conceito de gíria entre os estudantes do ensino médio

1ª Modo de falar específico de um grupo (6 URs)

Sub-temas:

- Modo de crítica ou fala específica de um grupo “central” ou “marginal”.
- Linguagem informal diferenciadora de grupo.
- Forma de linguagem de determinado grupo e época.
- Formas de expressão específicas de cada grupo.
- Forma de linguagem que caracterizam grupos específicos, porém não são freqüentes entre crianças e idosos.
- Tipo de linguagem que facilita a comunicação.

2ª Facilitador da conversação (5 URs)

Sub-temas:

- Modo facilitador da conversação.
- Abreviação de palavras e facilitador de diálogo.
- Linguagem informal que os jovens usam para facilitar a comunicação.
- Maneira de deixar a conversa mais fácil entre os jovens.
- São expressões fáceis para a comunicação.

3ª Desvio da norma padrão (2 URs)

Sub-temas:

- Palavras que fogem à norma padrão.
- Forma diferente que as pessoas aprendem com outras.

UR – Unidades de Registro

Os três principais temas presentes nos enunciados dos alunos relacionados com o conceito de gírias foram “modo de falar específico de um grupo” (6 URs), “facilitador da comunicação” (5 URs) e “desvio da norma padrão” (2 URs).

Em relação ao “modo de falar específico de um grupo”, com 6 Unidades de Registro. Sobre isso, descreve o estudante E3: – “[...] acho que é mais pra criticar [...] A gente fala tá

ligado? Muita gente diz: beleza. Todo mundo diz, né? E tem também marginal, como também surfista, maconheiro, aí fala diferente que também fala.”

Nesse sentido, Preti (2004, p.66), pontua que se trata de “vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria.” Isso demonstra, portanto, a característica principal do adolescente que é a rebeldia, por isso, procura outros grupos que falam da mesma forma que eles. Desse modo, transforma o seu grupo de faixa etária numa reunião de outros grupos, podendo excluir principalmente os adultos (CALLIGARIS, 2000).

Para o aluno E5 a gíria é uma linguagem informal que diferencia os grupos, o que se lê da seguinte forma: — *“gíria... é uma linguagem específica de cada grupo. Por exemplo, um grupo (+) ele fica com uma linguagem para poder (+) diferenciar (+) de outros grupos.”*

Essa diferença apontada por esse estudante, aproxima-se do que se pensa sobre o cronoleto (modo de falar específico de uma faixa etária). Da mesma forma, aponta Calvet (2002, p.114) quando concebe que a “gíria dos adolescentes responde parcialmente a uma vontade de convivência no seio da faixa etária”. Desse pensamento, também compactua novamente Preti (2003, p.26): “as variações devidas às várias faixas etárias se limitam muito mais ao vocabulário e nem sempre são fáceis de surpreender.” Então, para esse estudante, as gírias são variedades próprias do grupo jovem.

Não apenas a categoria de faixa etária é apontada como um conceito diferenciador de gírias, mas também outros fatores, na perspectiva do adolescente E6: — *“dependendo de, da escolaridade, faixa social, classe social também. [...] a gíria é de uma determinada, determinada época, assim (+) que vai renovando (+) pá!”*

Mais uma vez, o conceito de grupo em relação ao uso das gírias pelos participantes vem à tona quando a estudante E7 diz: — *“gíria é, é também a forma que cada grupo (+) que indivíduo também tem de se expressar.”*

O conceito de associar o modo que um indivíduo se expressa é o mesmo que Gnerre (2003, p.24) diz que é ser “interno”: “É claro que não é suficiente ‘conhecer’ o léxico para entender uma mensagem em gíria ou em jargão. É necessário ser de alguma forma ‘interno’

aos conteúdos referenciais para entender algo das mensagens”. Assim, o uso da gíria está relacionado à participação do indivíduo num determinado grupo.

Por último, destaca-se a percepção de existir uma exceção entre os grupos que utilizam gíria: as crianças e os idosos. Para isso é defendido pela aluna E8 que gíria é: — *“uma forma de linguagem que caracteriza, caracteriza grupos específicos, ou, ou individualmente também. [...] a gente não vê tanta frequência é crianças falando gírias, [...] não são assim... é tão cotidianas no meio de... dos outros grupos mais (+) idosos.”*

O uso da gíria pelos idosos é mais difícil de ser encontrado talvez devido ao antigo conceito de que o emprego gíriático só era feito por marginais. Sobre isso, Burke (1995, p.44), comenta que “os habitantes das prisões polonesas demonstram sua consciência em relação ao poder da linguagem compelindo os novos reclusos a aprender o jargão da prisão (conhecido como *grypserka*) [...]”. Quanto as crianças, como ainda estão formando o seu repertório vocabular, e com a vigilância dos pais, não usam ainda esse léxico.

Para o conceito de gírias, o segundo tema mais frequente é ser “facilitador da conversação”, contando com 5 Unidades de Registro. Para tanto, o estudante E2 retrata: — *“é, é, sei lá véi. É uma (+) parte mais fácil de, de conversar. É uma maneira mais fácil.”*

Nesse sentido, a gíria é um recurso linguístico no qual os participantes de determinados grupos apoderam-se para melhor codificarem suas mensagens. Novamente se traz Calligaris (2000, p.35): “O adolescente transforma assim sua faixa etária num grupo social, ou então num conglomerado de grupos sociais dos quais os adultos são excluídos e em que os adolescentes podem mutuamente se reconhecer como pares”.

O aluno E9 acredita que a gíria tem o efeito de abreviar o tempo de expressão das palavras para facilitar, desse modo, o diálogo. Assim ele exprime: — *“é (+) abreviação de palavras, facilita [...] facilitar o diálogo.”*

O abreviar de palavras é próprio do caráter do adolescente, pois como ele está numa fase de que tudo tem que ser feito rápido, logo, de modo imediato, esse adolescente necessita de palavras que preencham toda informação da maneira mais rápida possível. Mesmo que para isso sejam criados neologismos. É nesse sentido que Camacho (2004, p.39) retrata as

gírias como linguagem característica do adolescente: “Além da necessidade de criação de neologismos por força de necessidades expressivas, há uma demanda especial, em certos grupos, por forte coesão social, cuja consequência é a exclusão, via linguagem, dos que não fazem parte do grupo”.

Para a adolescente E10 a gíria: — *“pra mim é (+) uma linguagem formal né? utilizada pelos jovens para facilitar mesmo a comunicação. [...] informal [...] para facilitar o diálogo”*.

O que a adolescente chama de informal, poderia ser pensado o “valor” que a gíria tem em relação a outras expressões, bem como de quem as usa. Assim, pode ser trazida novamente a contribuição de Gnerre (2003, p.6): “Uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Desse modo, como o adolescente, em grande parte, ainda depende de um responsável, a forma de se expressar em gíria não teria o mesmo valor de autoridade fora de seu grupo.

A aluna E11 acredita que a gíria seja uma maneira de deixar a conversa mais fácil entre os jovens. Trata-se de um pensamento expresso na seguinte exposição: — *“É pra deixar a conversa mais fácil entre os jovens, no caso. às vezes, não é muito ortodoxa, né? mas...”*

A aluna acima associa a gíria num sentido de conversa entre jovens. Mesmo que essa conversa não seja muito ‘aceita’ por outras pessoas. É por isso, acredita-se, que ela usa a palavra ‘ortodoxa’ num sentido de “doutrinário”, que foge à norma da língua. Segundo Bakhtin e Volochínov (2006, p.95), tudo irá ser definido pelo contexto, por isso os autores defendem que, para o locutor “o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto”.

A concepção de que o significado de uma palavra se apoia no contexto onde essa palavra é usada, apresenta relação de sentido com o conceito de indicialidade para a etnometodologia. De acordo com Coulon (1987), é um termo técnico que designa o pressuposto de que toda palavra tem uma significação trans-situacional. Tudo irá depender da situação de fala, haja vista a indicialidade mostrar a constituição de significados das palavras nas interações entre os indivíduos.

O adolescente E12 sustenta que as gírias são expressões fáceis para a comunicação, e diz: — *“é o tipo de linguagem que muitas pessoas adquirem pelo fato de serem expressões fáceis, tanto de pronunciar como de serem entendidas”*.

Numa perspectiva sociointeracionista, pode ser dito que a gíria é compreendida em uma ocorrência nascida da linguagem do povo, acontecendo nas tarefas cotidianas, reproduz, assim, as relações estáveis dos falantes, de acordo com a época e entre os grupos sociais (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2006).

Portanto, a gíria poderia ser pensada como sendo uma linguagem de determinados grupos que são formados dentro da própria sociedade, tendo objetivos comuns ou transitórios, no caso dos adolescentes (ELIA, 1987).

Nesse caso, parece que há uma necessidade de expressão comum para o uso da gíria dentro dos grupos, até porque o não uso serviria como um atestado de não aceitação nele. É desse modo que se justifica a característica da linguagem do jovem com o respectivo emprego das gírias, tornando-a um elemento identificador.

A última temática relacionada ao conceito de gíria, sendo menos frequente, aponta para um “desvio da norma padrão”, presente em 2 Unidades de Registro. Numa, a aluna E1 defende que as gírias são palavras que fogem a essa forma. Ela expõe o conceito da seguinte forma: — *“ah! são palavras qu:~e (+) fogem a, a, a norma (+) padrão”*.

O que se vê nessa afirmação é uma associação com a própria norma culta, mais valorizada por certas classes sociais e que tem o governo — e os grupos sociais dominantes — como o seu “protetor”. O conceito de norma linguística é assim expresso por Biderman (1978, p.18):

O que, na realidade, se impõe ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo sistema, dentro do marco fixado pelas realizações tradicionais. A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade.

Do mesmo modo, sustenta Gnerre (2003), quando retrata essa norma enquanto um tipo de linguagem associada a “entidades superiores”, considerando-a, nesse caso, o código “oficial” usado pelos que detêm o poder, o que é evidentemente contrário ao sentido de gíria.

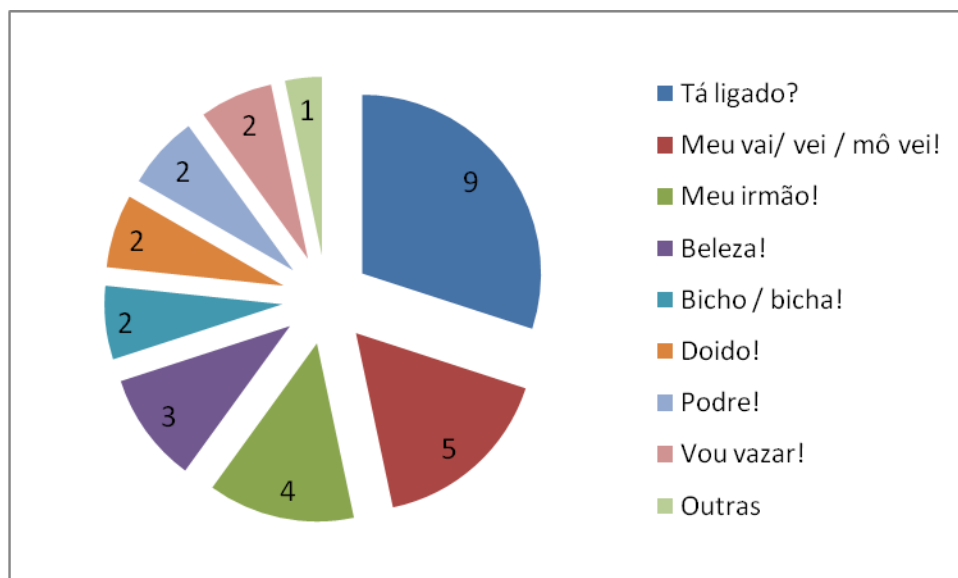
Para a estudante E4 a gíria, em seu contexto temático, é uma forma diferente que as pessoas aprendem com as outras. Nesse entendimento, é dito: — “*deve ser uma forma diferente que as pessoas (+) aprendem uma com as outras.*”

Esse falar desigual pode estar relacionado ao lado criptológico no qual a gíria se encontra envolvida, como novamente sustenta Preti (2001, p.247): “A condição de código de segurança, de vocabulário criptológico, acabou por situar a gíria numa posição francamente de oposição à linguagem comum.”

Portanto, o fenômeno giriático, no conjunto da linguagem, é um dos que mais reproduzem a intrínseca convivência entre a língua e a sociedade. Até porque é por meio desse fenômeno que se compreende de modo crítico o dinamismo do mundo sociolinguístico.

3.2 Repertório e sentidos das gírias mais usuais

Figura 1 – Repertório das gírias mais usuais entre os estudantes de segundo grau



UR – Unidades de Registro

Nas respostas dos estudantes, a gíria mais frequente é “tá ligado?” com 9 URs nos enunciados. Em seguida, com 5 URs vem “meu vei / vei / mô vei!”, “meu irmão” com 4 URs, “beleza!” com 3 URs, “bicho / bicha”, “doido”, “podre” e “vou vazar!” aparecem com 2 URs.

Por fim, “outras” que inclui uma Unidade de Registro cada uma do total das 17 unidades: “cara”, “alô!”, “só pode”, “fala sério”, “ninguém merece”, “limpeza”, “na moral”, “vou nessa”, “rala peito”, “pacas”, “falou”, “vou chegar”, “legal”, “é nenhuma”, “tá morgada”, “pinando” e “se garante”.

Em seguida será apresentada uma análise morfossemântica, etnometodológica e linguística — principalmente no aspecto morfossemântico. Importante frisar que a descrição e a interpretação dos sentidos e usos dessas gírias pelos adolescentes entrevistados, aproxima-se de um dos conceitos da etnometodologia, o da reflexividade. Segundo Coulon (1987), essa reflexividade apresenta-se como um mundo compartilhado totalmente dotado de sentido para quem é membro do grupo. Para tanto, estabelece significados nas relações que são estabelecidas internamente entre eles. E essas gírias usadas pelos adolescentes entrevistados, não fogem à regra.

3.2.1 Gíria: *Tá ligado?*

Contexto: “pronto (+) isso é, é (+) conversando até com você (+) *tá ligado?* Você sempre usa.”

Análise linguística: Nessa locução, ocorre aférese do verbo ESTAR com o adjetivo LIGADO que apresenta o significado de unido, vinculado, atado. Para os adolescentes é a mesma coisa de estar atento, de estar prestando atenção no assunto discutido.

Em relação a essa expressão gíriática mais frequente, surge como uma forma de chamar a atenção. Existe uma pergunta implícita ao seu interlocutor: “entendesse? tá me entendendo?”. Sobre isso a aluna E1 responde: — “*tá ligado é, é entendesse? Tá me entendendo?*”.

Desse modo, nota-se que se pode considerar a expressão “*tá ligado?*” como um marcador conversacional. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2006, p.320), esses marcadores que “servem como ‘balizas do oral’ agem sobre a estruturação da interação, a dinâmica da relação interlocutiva, a planificação discursiva, a coerência textual...” Sobre isso, nota-se que os marcadores vinculam-se à espontaneidade que é característica da fala do jovem.

O estudante E3, da mesma forma como a adolescente E1, acredita que a expressão *tá ligado?* também serve para perguntar se o ouvinte está realmente entendendo o que se está conversando. Para isso ele expõe: — *tá ligado também é: entendesse? Tá entendendo?* ((risos)). O aluno E2 apresenta a mesma posição sobre “*tá ligado?*”: — “*é mais pra (+) tirar o que não está entendendo quando tá con-ver-san-do*”.

Mais uma vez, tem-se a palavra “conversa” num fator complexo de descontração entre os interlocutores. Esses tipos de palavras assumem diversos significados. No sentido de marcador de conversação, aproxima-se para o que Bakhtin e Volochínov (2006, p.36), defendem “[...] esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência.*”

Para o adolescente E5 a expressão *tá ligado?* é um tipo de gíria que serve para chamar atenção. Para tanto ele declara: — “*é... eu falei tá ligado, é que significa assim pra poder chamar atenção pra pessoa que tô falando, entendeu?*”

Esse “chamar a atenção” pode ser entendido como uma interjeição por seu caráter vivaz. Marcuschi (2007, p.140) acredita que “a interjeição situa-se sempre em contextos de maior vivacidade e reproduz momentos em que uma posição pessoal é tomada ou manifestada.” Na resposta do aluno E5 tem-se essa tomada de posição em relação à resposta.

O aluno E2 entende que a expressão *tá ligado?* é uma forma linguística responsável para tirar, de dentro de uma conversa as ideias que não se apresentam claras. Para isso ele diz: — “*tá ligado é mais pra (+) tirar o que não está entendendo quando tá con-ver-san-do*”.

Desse modo, aborda-se o processo de enunciação presente nas conversações face a face. Trata-se de uma troca de signos existente na interação recíproca entre os indivíduos e se apresenta como característica da linguagem. Até porque ela é ordenada pela dialogia que ocorre na cadeia do enunciado e necessita de uma situação social entre esses indivíduos. Mais uma vez, Bakhtin e Volochínov (2006, p.35), teorizam sobre essa organização social dizendo que

[...] não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se.

O conceito de situação, de extrema importância para a etnometodologia, é retomado, novamente por Volochínov (1930) quando aponta para o que é necessário em vista do entendimento de um assunto. Ele diz:

Assim, todo enunciado da vida cotidiana comporta [...] junto à sua parte expressa verbalmente, uma parte extra-verbal, não exprimida mas sub-entendida, formada pela situação e pelo auditório. Se não se leva em conta este último elemento, o enunciado ele mesmo não pode ser compreendido.

Certamente, a situação será a responsável por todo processo de significação entre os termos. O “tirar tudo que não está entendendo”, usado pelo adolescente acima, define esse processo de significação e entendimento numa interação face a face.

3.2.2 Gíria: *Meu irmão*

Contexto: “ei! *meu irmão*, CALA a BO::CA! tá ligado?”

Análise linguística: A expressão “*meu irmão*” é tomada pelos adolescentes nas conversações com pessoas amigas ou muito próximas de seu grupo social. Talvez pelo fato do substantivo masculino “irmão” indicar que o interlocutor apresente laços sanguíneos ou que seja membro de certa confraria.

Essas expressões gíricas (“*meu véio, meu irmão*”) formam um conjunto que, usado no final da fala, coloca-se como uma pergunta que retira qualquer dúvida deixada no transcorrer da conversa. É como se o locutor dissesse: — “*Você entendeu tudo o que falei?*” Desse modo, a adolescente E1 explica: — “*o meu véio seria uma forma de expressão [...] é... é pra afirmar algo quando tá falando [...] no uso do meu irmão (+) pra enfatizar, mesmo né?*”

Assim, as gírias podem ser consideradas estratégias para manter o ouvinte em constante observação do assunto abordado pelo locutor. Marcuschi (2007, p.33), atesta esse pensamento quando aponta que, como a língua é um fenômeno dinâmico e de interação, principalmente as face a face, essas gírias podem servir como “atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como estratégias de formulação em tempo real.”

No caso de “meu irmão”, a aluna E4 interpreta como uma solicitação de atenção especial numa conversação. Ela responde: — “*meu irmão: é preste atenção! [...] eu acho mais um chamamento.*”

Esse conceito aproxima-se do que Charaudeau e Maingueneau (2006, p.330) definem como uma função persuasiva da metáfora que é voltada à manipulação da palavra “para uma proposição que se quer que seja aceita”.

3.2.3 Gíria: *Bicho*

Contexto: “[...] quando eu tô falando com o pessoal assim tá conversando, aí chega, aí falo: e aí bicho, como é que tá?”

Análise linguística: A gíria “*bicho*” caracteriza, entre os jovens, uma interação comunicativa voltada ao interlocutor. Apresenta, assim, uma mudança semântica do sentido original da palavra que é um substantivo masculino que significa fera, animal.

Para o adolescente E6 essa expressão gíriática é um modo de cumprimento entre eles. Para tanto, ele conceitua: — “o ‘*bicho*’ é como se fosse bom dia! Boa tarde!”

Nota-se que a palavra “*bicho*” é também a forma necessária para ser entendido somente pelos indivíduos desse específico grupo social, ou ainda, para se apresentar diferente diante da grande massa de falantes gravando sua marca na linguagem usada. Isso é bastante usual, principalmente entre os jovens, como se observa na fala dos jovens, que

[...] oscila entre a chamada norma culta e inculta, mas comumente assume feição própria. Trata-se de uma ‘norma jovem’, compatível com a ‘moda jovem’. Em face de outras normas, funciona como instrumento de agressão e de auto-afirmação, sendo a gíria o seu aspecto mais marcante (RECTOR, 1994, p.101).

3.2.4 Gíria: *Falou e vou chegar*

Contexto: “aí na festa você diz: *vou chegar!*” “o *falou* é (+) pra ir embora.”

Análise linguística: Esse tipo de locução verbal indica que o jovem está indo embora. Há, portanto, uma modificação semântica visto que a locução verbal “*vou chegar*” significa que o locutor pretende alcançar o lugar a que se vai, aproximar-se.

A gíria “*falou*”, na linguagem do adolescente, também assume a função de expressão de despedida como: *tchau*, por exemplo. Desse modo, distancia-se de sua função morfológica

que é a terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo. Assim, vê-se uma variação semântica.

Pode-se notar que o uso dessa expressão sem ser no seu sentido real, pode ser considerado tropos. Segundo Dubois (1973, p.603) tropo “acabou por aplicar-se a todas as espécies de figuras que podemos considerar como um desvio (em grego ‘tropos’) do sentido da palavra”.

Novamente, Charaudeau e Maingueneau (2006, p.487) aprofundam-se ainda mais, retratam que o tropo é um mecanismo complexo que tenta a “identificação do ‘verdadeiro’ sentido, isto é, do sentido que se supõe corresponder à intenção comunicativa do locutor”.

3.2.5 Gíria: *Pacas*

Contexto: — “*‘rala peito’ [...] é tipo: cai fora! Paca! [...] ‘pacas’ é no lugar de caramba!*”

Análise linguística: Esse termo dá ideia de “muito”, “demais da conta”, pode assumir a função de uma ordem quando o que acontece no momento não agrada a outra pessoa. Imagina-se como se fosse uma ordem para cessar a ação. Como substantivo, a gíria “*pacas*”, é um mamífero roedor, de pelo escuro e malhas claras. Na expressão “*rala peito*” ocorre uma modificação semântica tanto do verbo RALAR (reduzir a migalhas, atormentar) quanto do substantivo masculino PEITO (parte do tronco que contém os pulmões e o coração, mama). Isso ocorre porque para os adolescentes, principalmente do grupo que acompanha “skates” (os skatistas), essa expressão é um pedido para o interlocutor sair de perto, pois, por algum motivo, não está agradando. Portanto, considera-se ser palavras que auxiliam na defesa de algo que propicia raiva ou espanto.

Nota-se, mais uma vez, que essas palavras apontam para o que Marcuschi (2007) chama de interjeições, pois são “intencionais”, haja vista ocorrerem no processo interativo entre os interlocutores.

3.2.6 Gíria: *Beleza*

Contexto: “*é para chamar a atenção. como beleza? e aí?*”

Análise linguística: O substantivo feminino “*beleza*” quer dizer formosura, beldade, encanto. Contudo, os jovens utilizam como uma expressão de saudação entre eles. Sobre isso, o aluno E12: — “*beleza é no sentido de você tá perguntando: a pessoa: e aí tudo bem? e aí: beleza?*”

[...] *beleza é uma forma de dizer concordando com alguma coisa*". Desse modo, como essa palavra passa de substantivo para um sentido de pronome interrogativo, apresenta, então, uma mudança no campo morfosemântico.

Essa substituição de sentidos poderia ser entendida como uma metáfora, até porque, Charaudeau e Maingueneau (2006, p.330) consideram que uma das funções da metáfora é "uma função persuasiva: voltada à manipulação da palavra para uma proposição que se quer que seja aceita". Isso claramente é o que ocorre quando o adolescente destacado dá um outro sentido ao substantivo feminino "beleza".

3.2.7 Gíria: *Cara*

Contexto: "Aí pronto... dê desse dia eu fiquei meio traumatizado, mas depois o *cara* vai pegando costume de novo (risos)."

Análise linguística: A palavra "cara", trata-se de um substantivo feminino que indica rosto, semblante, face. Na linguagem dos jovens é relacionado ao tratamento com outra pessoa ou outro jovem desconhecido com uma modificação de gênero, visto que eles transformam em substantivo masculino para fazer referência a esse indivíduo.

3.2.8 Gíria: *Coroa*

Contexto: "Fala, fala, com aquele *coroa* ali, olha!"

Análise linguística: o termo "*coroa*" é semanticamente modificado pelos jovens no sentido de mostrar que o indivíduo que recebe esse nome apresenta uma idade mais avançada. O determinante (pronome demonstrativo) que virá anteposto a essa gíria, irá definir o sexo do indicado. Em vários momentos, os jovens retratam seus pais com essa expressão. Quando se diz que o signo "*coroa*" foi modificado semanticamente é porque se sabe que ele morfológicamente é da classe dos substantivos masculinos. Apresenta, então, o significado de diadema, grinalda, revestimento para dente danificado.

3.2.9 Gíria: *Doido*

Contexto: "esse negócio de bicho, é bicho, é *doido* (+) é, é, é influência dos amigos [...]"

Análise linguística: O termo "*doido*" apresenta uma gíria semântica haja vista como adjetivo significar louco, alienado, demente. Porém os jovens usam esse termo no sentido de saudação entre eles, ou até mesmo usam essa palavra como substituta do nome de alguém.

3.2.10 Gíria: *É nenhuma*

Contexto: “você chega assim... aí a pessoa: — e aí eu posso pegar isso aqui, tal? Você diz:— pega pô *é nenhuma!* e... mesmo que outras.”

Análise linguística: O termo “*é nenhuma*” indica que o interlocutor pode falar ou fazer algo com o locutor, pois não apresenta nenhum problema. Ocorre, nesse caso, uma modificação semântica porque, como pronome, “*nenhuma*” indica a terceira pessoa do discurso de modo, vago, impreciso. Nesse caso, o termo tem equivalência ao advérbio SIM.

3.2.11 Gíria: *Pá!*

Contexto: “porque a gíria é de uma determinada, determinada época, assim (+) que vai renovando (+) *pá!*”

Análise linguística: A gíria “*pá!*” toma o sentido, durante um diálogo, de que o que se está a explicar, acabou-se. Pode equiparar-se ao verbo ACABAR. Segundo (2007, p. 140), “a interjeição situa-se sempre em contextos de maior vivacidade e reproduz momentos em que uma posição pessoal é tomada ou manifestada. Vincula-se aos gêneros textuais mais espontâneos de modo mais saliente e em geral tem mais a ver com o envolvimento do que com a informação.” Pode-se, assim, considerar a forma “*pá!*” também como uma interjeição, já que, de acordo com a entrevista, ela apresenta toda estrutura para tal.

3.2.12 Gíria: *Pinando*

Contexto: “Vai passar NADA, não vai fazer prova mais não! Num sei o quê. Eu fiquei *pinando*. Aí pronto... dê desse dia eu fiquei meio traumatizado.”

Análise linguística: Gíria “*pinando*” é usada entre os adolescentes para indicar medo de algo. Segundo Preti (1984), é uma expressão que embasa significados com ligações com a linguagem “obscena”, que hoje ocorre com mais frequência, da mesma forma é mais aceita, que em tempos passados.

3.2.13 Gíria: *Podre*

Contexto: “pra tudo eu falo *podre*.”

Análise linguística: Nesse termo “*podre*” ocorre uma mudança semântica, pois na gíria jovem esse adjetivo serve para enfatizar alguma palavra ou acontecimento que foi muito forte tanto de uma maneira positiva como negativa.

3.2.14 Gíria: *Se garante*

Contexto: “*se garante, se garante* (risos).”

Análise linguística: A expressão “*se garante*” indica que o interlocutor é dono de habilidades que estão acima da média dos outros jovens. Ocorre também uma modificação semântica do verbo GARANTIR, pois o seu significado real é responsabilizar-se por, abonar, tornar seguro.

3.2.15 Gíria: *Só pode*

Contexto: “eu falo muito *só pode* no sentido assim... de com certeza. qualquer coisa falo *só pode*!”

Análise linguística: A locução “*só pode*” indica que o locutor acredita que uma pessoa ou coisa apresenta habilidades acima do normal. Morfologicamente o termo “*só*” ora é adjetivo (solitário, sem companhia), ora advérbio (apenas, somente, unicamente). O outro termo “*pode*” é a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo PODER. Portanto, a locução “*só pode*” demonstra que houve uma mudança semântica.

3.2.16 Gíria: *Tá morgada*

Contexto: “eu acho mais que é (+) pra interação uma pessoa *tá morgada*, aí (+) tá ligado num sei o quê!”

Análise linguística: No termo “*tá*” ocorre uma aférese (metaplasmo por eliminação de fonema no início da palavra) do verbo ESTAR que ao se juntar à palavra “*morgada*” forma uma locução que significa que uma pessoa está triste, abatida, desanimada.

3.2.17 Gíria: *Tipo assim*

Contexto: “Pronto, CARAMBA, é um *tipo assim* de que você quer falar, expressar alguma coisa mais (+) não vem assim, sabe?”

Análise linguística: Esse modelo de locução é uma forma muito comum usada pelos adolescentes quando necessitam de explicar alguma coisa. Pode ser de igual significado da expressão “por exemplo.”

3.2.18 Gíria: *Vei*

Contexto: “é, é, sei lá *vei*!”

Análise linguística: Na expressão “*vei*” ocorre novamente um metaplasmo, ou seja, uma síncope (supressão de fonema no meio da palavra) do adjetivo “velho” que é algo que apresenta muito tempo de uso. No entanto, os jovens com o seu vocabulário giriático

costumam associar esse adjetivo aos pais. Muito embora, no contexto acima, ocorra a ideia de se referir a qualquer interlocutor, principalmente quando esses adolescentes conversam entre si.

3.2.19 Gíria: *Vou nessa*

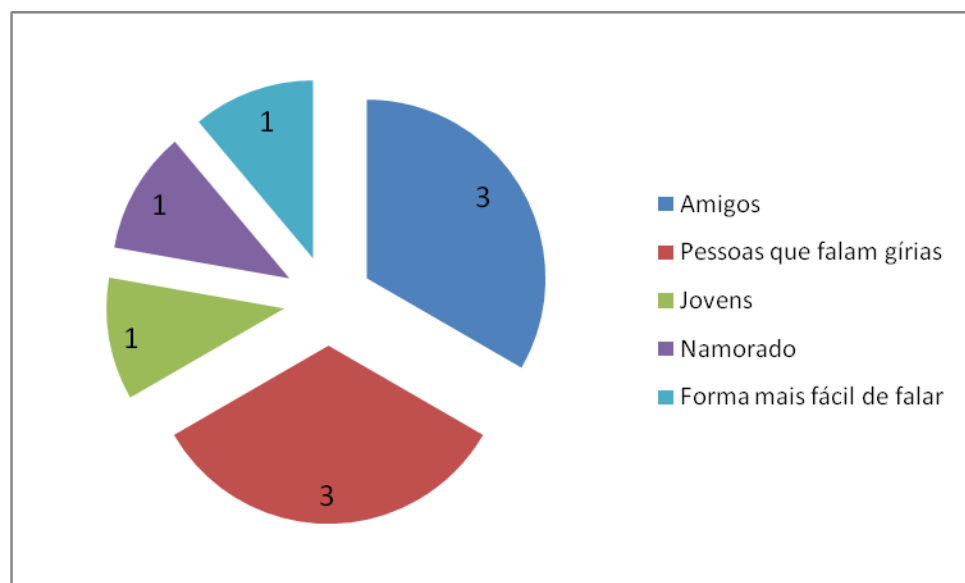
Contexto: “quando eu digo que vou embora, digo também *vou nessa*.”

Análise linguística: Na locução “*vou nessa*” o pronome demonstrativo é suprimido de suas funções morfológicas originais e passa a ser sinônimo do advérbio “embora” (vou em boa hora).

3.3 Normas de uso das expressões gíriáticas em relação aos interlocutores

3.3.1 Perfil do interlocutor com quem os adolescentes podem usar as gírias

Figura 2 – Perfil do interlocutor com quem os adolescentes podem usar gírias



UR – Unidades de Registro

Na figura 2 pode se observar as seguintes Unidades de Registro nas respostas dos adolescentes sobre os principais interlocutores com quem eles percebem que podem usar gírias, destacando em igual número amigos e pessoas que falam gírias (ambos com 3 URs). Por fim, igualmente, jovens, namorado e forma mais fácil de falar (todos com 1 UR).

A1) AMIGOS (3 URs)

O adolescente E1 responde: — *“geralmente os amigos brincam, os amigos geralmente falam também a gíria, você fica à vontade para você falar também”*.

No fragmento do enunciado, destaca-se o sub-tema: FICA-SE À VONTADE COM OS AMIGOS E SE PODE FALAR GÍRIA. A locução adverbial feminina de modo “à vontade” é o mesmo que ficar livre, sem restrição para fazer ou dizer algo. Ao observar a resposta da aluna, o conceito de “accountability”, utilizado por Coulon (1987) para explicar um dos fenômenos da etnometodologia, mostra que um indivíduo, por participar de um grupo específico, não se sente “policidado” para agir de um modo diferente como age em grupo, e isso também implica a maneira de usar certos termos.

O “accountability” também é determinado pela responsabilidade de algum tipo de ação que como membro não poderia fazer, devido à rejeição do grupo que faz parte (COULON,1987). O adolescente ao falar com pessoas que não estranham o uso dessas gírias, no caso os amigos, sente-se quase na obrigação de acompanhar os outros adolescentes que usam gírias em suas conversas com essas mesmas pessoas. Esses amigos podem também ser analisados como uma comunidade de fala. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2006, p.106), na comunidade de fala ocorrem “comportamentos comunicativos (não restritos aos comportamentos verbais) considerados constituintes da identidade de um grupo.”

O aluno E2 desse modo se posiciona: — *“porque dá liberdade na... de conversar, são mais íntimos, aí se sente mais à vontade.”*

Nesse fragmento, destaca-se outro sub-tema: OS AMIGOS SÃO MAIS INTIMOS E DÁ MAIS LIBERDADE NA CONVERSA. A palavra “íntimos” quer dizer: o que se tem afeição, confidente. Para o adolescente esse contexto de intimidade está voltado ao grupo de amigos que o cerca.

Pode-se indicar Bakhtin (2002) para quem o discurso vivo é voltado ao outro e é portanto dialógico. Trata-se de um dialogismo que altera a formação semântica e expressiva do que estar sendo dito, inclusive nos movimentos linguísticos para se consolidar a identidade de uma determinada comunidade de fala. Assim, acontecem também modificações

semânticas, como nas falas carregadas de gírias, usadas constantemente entre esses adolescentes. No caso aqui analisado, é definida como um cronoletto, pois se trata de uma variedade própria de delimitada faixa etária de falantes (MONTEIRO, 2000).

A aluna E4, sobre os amigos, relata que: —*“só quando tô com alguma... algumas pessoas conversan... mais com alguns amigos [...] aí você fala com quem (+) também fala, né?”*

Neste fragmento surge o seguinte sub-tema: SOMENTE QUANDO “TÔ” FALANDO COM PESSOAS QUE FALAM, MAIS COM OS AMIGOS. Na forma “tô” acontece uma aférese da flexão do verbo ESTAR no presente do indicativo (eu estou ou, simplesmente, estou) que é o mesmo de achar-se, encontrar-se (em um estado ou condição), característica da linguagem coloquial. Em outras palavras, nesta aférese deve ser suposto haver algum grau de intimidade entre os interlocutores. Isso é uma situação que pode conduzir ao uso da gíria no caso dos adolescentes. Existe uma certa conformidade no modo de falar do grupo, que Tarallo e Alkmin (1987) chamam de simetria, pois são formas convencionadas do repertório linguístico de um determinado grupo social.

A2) PESSOAS QUE FALAM GÍRIA (3 URs)

O adolescente E3 apresenta o seguinte enunciado sobre o outro grupo temático mais frequente: —*“a liberdade mesmo que você tem, você fica mais à vontade para conversar, se todo mundo tá falando daquele jeito, sabe que não vai ter uma discriminação [...] aí quando você tá no meio dessas pessoas, você sabe que vai falar e elas vão entender, vão dá liberdade porque eles falam assim também.”*

No presente fragmento pode ser apontado o seguinte sub-tema: SE TODO MUNDO “TÁ” FALANDO SE FICA À VONTADE PARA CONVERSAR E NÃO SER DISCRIMINADO.

O modalizador condicional “SE” indica que caso uma situação inicial ocorra num futuro do subjuntivo (“se todo mundo ESTIVER falando gíria”) desencadeia um futuro do

indicativo (“todo mundo SABERÁ que não SERÁ discriminado). Nisso, surge um aspecto de que TODO MUNDO representa uma determinada comunidade linguística, no caso, os adolescentes. Mais uma vez, chama-se o entendimento da etnometodologia em relação à prática comunicativa já que não há discriminação entre os membros que usam as gírias, como afirma Coulon (1987, p.31-32):

As atividades práticas dos membros, em suas atividades concretas, revelam as regras e os modos de proceder. Noutras palavras, a observação atenciosa e a análise dos processos aplicados nas ações permitiriam por em evidência os modos de proceder pelos quais os atores interpretam constantemente a realidade social, inventam a vida em uma permanente bricolagem

O adolescente E12 aponta que: —“*vai de pessoa pra pessoa, porque se uma pessoa tem um certo... como é que se diz... uma certa maneira de tratar com você falando em gíria, aí você vai falando.*”

Existem dois sub-temas. O primeiro é: VAI DE PESSOA PRA PESSOA. Nessa expressão, encontra-se na linguagem informal, a preposição “para” reduzida à forma “pra”, destaca-se, então, em uma concepção de que o uso da gíria é um fenômeno individual.

Entretanto, no segundo sub-tema é dito: SE UMA PESSOA FALA GÍRIA VOCÊ VAI FALANDO. Nesse caso, surge o mesmo modalizador condicional SE, indicando uma situação de fala giriática que induz no interlocutor o mesmo comportamento na situação de fala.

Em síntese, a pessoa fala gíria com quem também fala com ela. Geralmente esse falar peculiar só ocorre com outros jovens, mesmo que sejam desconhecidos. É como se fosse uma identidade criada entre os adolescentes que os identificam. Esse raciocínio é acompanhado por Osório (1989, p.19) quando diz que a “[...] gíria é a representação verbal da identidade adolescente, com todo o polimorfismo e transitoriedade tão característicos do próprio processo puberal”.

Por fim, a aluna E7 desse modo responde: —“*porque a gente procura usar as gírias com as pessoas mais descontraídas [...] a gente fica mais à vontade falando com elas. Assim, numa linguagem mais informal.*”

Pode ser indicado o seguinte sub-tema: A GENTE PROCURA USAR GÍRIAS COM PESSOAS MAIS DESCONTRAÍDAS FICANDO MAIS À VONTADE. O uso do

regionalismo A GENTE, pessoa que fala em nome do grupo, indica, novamente, que esse grupo é a comunidade de fala onde ocorre uma interação sociolinguística de modo mais descontraído. Novamente, se resgata o conceito de reflexividade usado na etnometodologia (COULON,1987). O adolescente acredita que essas pessoas são iguais a ele. Desse modo, a reflexividade é mostrada, no entender do adolescente, por meio dessas pessoas porque elas pertencem a um mundo compartilhado (uso das gírias) totalmente dotado de sentido para os participantes.

Finalmente, com apenas uma única unidade de registro são encontrados jovens, namorado e forma mais fácil de falar.

B1) JOVENS (1 UR)

O aluno E5 diz: — “eu disse que eu uso assim... *mais quando tô no meio de jovens porque esses jovens assim, que passam já as gírias pra gente.*”

Ocorre o seguinte sub-tema: DISSE ASSIM: USO NO MEIO DOS JOVENS PORQUE OS JOVENS PASSAM AS GÍRIAS PRA GENTE. A palavra “assim” é muito comum na linguagem do adolescente, principalmente quando tentam explicar alguma coisa. Pode ser entendida como sinônimo da locução “por exemplo.”

Segundo Preti (2004), o jovem se caracteriza por oposição de ideias, devido à própria faixa etária, e procura uma forma diferente de existência e de “auto-realizar-se”. Isso é o que se pode levar ao uso de uma linguagem “diferente” dentro do seu grupo. Essa auto-realização faz com que os adolescentes busquem a comunhão de outros adolescentes que formam grupos sociais que usam determinados vocábulos que, em sua maior parte, só são entendidos entre eles. Desse modo, esse “passar” as gírias para eles, é o próprio uso de uma forma de falar diferente que se torna comum entre eles.

B2) FORMA MAIS FÁCIL DE FALAR (1 UT)

O aluno E6 retrata que: — *“eu acho que é mais fácil pra falar também.”*

Está presente o seguinte sub-tema: ACHO SER MAIS FÁCIL PRA FALAR. Mais uma vez ocorre um metaplasmo por supressão de som, ou seja, uma síncope da preposição “para”, transformada em “pra”, bastante comum na linguagem coloquial.

Além do mais, a “facilidade” exposta pelo aluno, simplesmente enfoca os significados contidos ou subentendidos durante a conversação com o uso da gíria dentro do grupo jovem. Sobre isso Preti (1984, p.61) aponta que esses termos “extrapolam para o próprio vocabulário comum de um grupo social, através de um jogo sutil de mudança de sentido dos vocábulos, pelo qual é possível passar significados implícitos.”

Portanto, surge um entendimento comum no uso das gírias que apresentam significados implícitos àquele grupo, ou seja, torna-se fácil para eles, fortalece a interação e surge através de uma sutil transformação.

Por fim, a estudante E1 comenta que: — *“é, com o namorado, com os amigos, com o, o, o (+) depende da pessoa, se a pessoa for aberta a, ao diálogo.”*

Existem quatro sub-temas. O primeiro AMIGOS e o segundo DEPENDE DA PESSOA já foram abordados. Entretanto, PESSOA ABERTA AO DIÁLOGO e NAMORADO, ainda não.

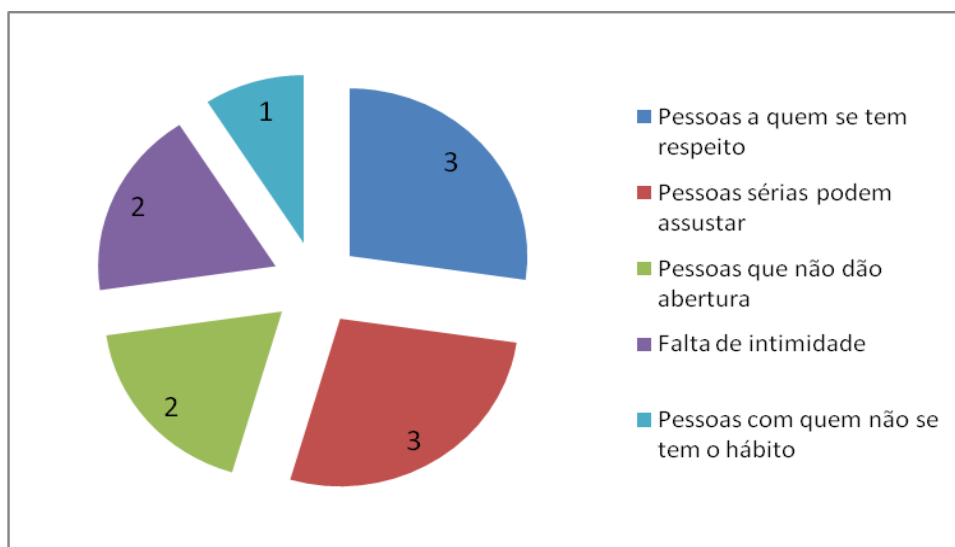
Desse modo, a palavra “diálogo”, segundo Charaudeau e Maingueneau (2006, p.163), origina-se do “grego *diálogos*, ‘entrevista, discussão’, o que significa propriamente dito ‘entrevista entre duas ou mais pessoas’”. Entretanto, a expressão “aberta ao diálogo” implica uma predisposição para apresentar o comportamento de fala.

Entre essas pessoas, o próprio namorado com quem a aluna pode falar gíria. Esse consentimento é normal porque o namorado pertence ao mesmo grupo social da estudante. O conceito etnometodológico da reflexividade explica melhor essa ocorrência. A reflexividade apresenta-se num discurso cuja lógica expressa um mundo compartilhado totalmente dotado

de sentido para quem é membro do grupo. Para tanto, estabelece significados nas relações que são estabelecidas entre eles (COULON, 1987). Portanto, por pertencer ao mesmo grupo, há um compartilhamento de ações e nelas se encontram os significados das gírias.

3.3.2 O perfil do interlocutor com quem os adolescentes não podem usar gírias

Figura 3 – Temas sobre o perfil do interlocutor com quem os adolescentes não podem usar gírias



UR – Unidades de Registro

A1) PESSOAS A QUEM SE TEM RESPEITO (3 URs)

Os temas mais frequentes sobre o perfil do interlocutor com quem não se fala gírias envolvem as pessoas a quem se tem respeito. Sobre isso, desse modo se posiciona um aluno E3:

— “*com os professores e mais velhos prefiro não usar, mais como uma questão de respeito assim, da forma que fui educado que não era certo falar assim.*”

O termo “*assim*”, ora é advérbio (deste modo, igualmente) ora locução conjuntiva (logo que, de modo que).

O enunciado apresenta três sub-temas PROFESSORES, MAIS VELHOS, EDUCADO PARA FALAR DE UM MODO QUE NÃO FALTASSE RESPEITO. Isso pode ser pensado como um aspecto de polidez. Esta, atualmente, é de interesse da pragmática linguística, visto que ocorre para que seja mantida uma determinada harmonia nas relações interpessoais.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2006, p.381), a polidez ocupa o papel de

descrever o conjunto dos procedimentos postos em funcionamento para preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal; procedimentos extremamente numerosos e diversos que, longe de estarem confinados às famosas ‘fórmulas’, mobilizam na verdade uma parte importante do material produzido na interação.

Desse modo, o adolescente confunde o termo polidez que está relacionado à interação comunicativa, com a forma de ser educado, que se volta às normas pedagógicas do bem viver.

A adolescente E11 expressa sobre o tema: — *“por... por educação, por respeito.”*

Importante destacar que a expressão “por respeito” está associada ao sentido de gentileza e civilidade do locutor, transforma-se numa forma de tratamento que evita descortesia. Por sua vez, a palavra “educação” significa o conjunto de normas pedagógicas aplicadas ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito, e também cortesia, um sinônimo para polidez.

Nesse sentido, a adolescente acredita que não se é polido quando se usa gíria com pessoa por quem se sente respeito. Isso se caracteriza no movimento de um determinado “ethos” entendido como uma imagem intrapessoal que se expressa para o coletivo e também uma imagem do coletivo ou do interpessoal que se expressa na dimensão intrapessoal de enunciador.

Sobre isso Maingueneau (apud Motta e Salgado, 2008, p.14) apontam que:

Vê-se que o ethos é distinto dos atributos ‘reais’ do locutor. Embora seja associado ao locutor, na medida em que ele é a fonte da enunciação, é do exterior que o ethos caracteriza esse locutor. O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são em realidade intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer.

Assim, essa “forma de dizer”, no caso, falar com gíria, apresenta traços definidores de uma representação coletiva do comportamento da pessoa que desse modo fala, o que no retrato da aluna não deve incluir uma pessoa a quem ela tem respeito.

A aluna E10 assim diz: —“*Agora com meu pai... algumas, nem todas, porque ele não gosta muito de determinadas gírias.*” Em relação aos sub-temas destacam-se MEU PAI, ALGUMAS GÍRIAS ELE NÃO GOSTA MUITO.

O uso do pronome indefinido “algumas” sugere que não existe uma regra totalmente proibidora do uso de gírias da estudante com seu pai, o que pode implicar uma interação comunicativa com certos traços de informalidade. O “não gostar muito” do pai que a aluna refere-se é o permitir o uso das gírias.

Dentro do ambiente familiar não é cabível a gíria por se tratar de pessoas de outra faixa etária, portanto, não fazem da comunidade de fala dos adolescentes. Esse pensamento é apontado por Calligaris (2000, p.35), ao dizer que o “adolescente transforma assim sua faixa etária num grupo social, ou então num conglomerado de grupos sociais dos quais os adultos são excluídos e em que os adolescentes podem mutuamente se reconhecer como pares.”

A2) PESSOAS SÉRIAS PODEM ASSUSTAR (3 URs)

Outro grupo de tema mais frequente com igual número de 3 Unidades de Registro são “pessoas sérias que podem assustar”.

Sobre isso o aluno E6 retrata: —“*só (+) tenho cuidado pra falar com autoridades, porque... com autoridade é outra coisa.*”

O sentido da palavra “autoridade” está vinculado a uma ideia de representação do poder público, de uma força moral, denotando um plano de superioridade em relação ao interlocutor. Desse modo, o emprego das gírias não podem acontecer, é o que relaciona o adolescente ao mostrar precaução específica ao dizer que “só tem cuidado pra falar” com essas pessoas.

Novamente a preposição “para” é reduzida à forma “pra”. Sofre uma síncope. Em síntese, ainda pode ser pensado sobre o conceito da etnometodologia de “fazer parte” (reflexividade). Essas situações definem como os falantes percebem os modos de uso da linguagem. Nesse entendimento, pode haver a relação de depender com “quem se está

falando”. Isso está voltado ao que Coulon (1987) fala de “comportamento” que pode se relacionar ao trato com outras pessoas que não pertençam ao seu grupo.

A adolescente E7 assim se posiciona: —*“porque são pessoas mais sérias, e assim pra falar dá medo de falar com eles assim... sei lá, não entender [...] aí dá medo [...] porque não pode.”*

Na expressão “aí dá medo”, o termo “aí” é um advérbio que significa nesse lugar, nessa ocasião, nesse momento. Na conversação é bastante comum o seu uso logo após uma pausa. Da mesma forma, a repetição de uma palavra como no caso acima a do verbo “falar”.

Segundo a adolescente, ela não pode usar gírias com pessoas sérias. O fato de “dar medo” é porque essas pessoas pertencem a um grupo que não é o estudantil. Os adolescentes temem não ser compreendidos no momento que usam gíria por se tratar de um tipo de linguagem característico de uma faixa etária e grupo social.

Rector (1975, p.101) acompanha esse raciocínio quando diz que: “A ‘gíria’ dos estudantes é uma língua especial, própria de um grupo social e etário. Trata-se de termos e expressões que se referem a uma determinada atividade.” Essa atividade é a própria identificação do seu grupo etário que ainda não apresenta um sentido completo da responsabilidade adulta. Desse modo, sentem-se inibidos para o uso da gíria com pessoas de outra faixa etária.

O aluno E5 responde: —*“Em casa eu não vou usar muito (+) às vezes eu uso, por causa do pai assim... não passa muita (+) brincadeiras, às vezes é sério.”*

A palavra “muito” ora funciona como palavra adjetiva, quando se refere a substantivo, ora funciona como advérbio e fica invariável. Na entrevista, vê-se uma concordância nominal que não está de acordo com a norma culta. Entretanto, é bastante comum, na fala coloquial, a supressão do “s” final, principalmente na região Sudeste do país (“muita brincadeiras”). Além disso, enfatiza que o pai “não passa brincadeira”, o que se entende como uma atitude de seriedade do genitor que inibe atitudes lúdicas, ficando o filho sem usar expressões características da comunidade de fala daqueles da sua idade.

Os adolescentes, enquanto grupo social, usam as expressões gíriáticas corriqueiramente. Assim, pode-se refletir num modo intencional do uso por eles, pois há a intenção dos amigos que participam desse grupo em usar a gíria.

De acordo com Rector (1975, p.45), a gíria “coexiste ao lado de palavras comuns da língua. Caracteriza-se: léxico próprio (vocabulário); usa apenas os elementos da língua que lhe interessam; as modificações são intencionais, exigindo esforço do criador”. Tudo isso faz crer que os integrantes do grupo, ou seja, todos os amigos esforçam-se para falarem igual e em casa com a falta desses amigos, ocorre o não uso das gírias.

B1) PESSOAS QUE NÃO DÃO ABERTURA (2 URs)

Outro grupo temático mais frequente com igual número de 2 Unidades de Registro são “pessoas que não dão abertura”.

A adolescente E1 diz: —“*agora com os pais, com, com os tios, os avós, os professores eles não dão abertura, não tem aquela coisa... liberdade, aquela intimidade pra você chegar e falar.*” PESSOAS QUE NÃO DÃO LIBERDADE E NÃO SE TÊM INTIMIDADE.

Novamente a forma prepositiva contraída “pra” está no vocabulário de outro adolescente e mostra que é bastante comum ser usada durante a fala informal. A linguagem social é definida como sendo a essência viva dos signos, com sua distinção fixada pelas modificações semânticas e pelas escolhas lexicológicas (BAKHTIN, 2002). Então, as gírias não podem ser direcionadas a qualquer pessoa, sem ser feita a escolha lexical que combine com o receptor. Desse mesmo modo, a aluna indica o perfil das pessoas que não se pode falar com gírias, no caso, pais, tios, avós, professores.

O aluno E9 enuncia o seguinte: —“*é diferente a intimidade com pai, mãe. diferente com meu primo, com tio, tia. eu fico mais à vontade falando com os amigos, menos na família, na família só com primo.*” Surgem os seguintes sub-temas: EXISTEM PESSOAS COM QUEM SE FICA À VONTADE (amigos e apenas uma pessoa da família: um primo) E OUTRAS NÃO (família).

No segundo período ocorre uma anáfora direta do verbo ser (“...mãe. Diferente com meu primo...”). Segundo Marcuschi (2000, p.2000), a “anáfora constitui um sistema de relações semânticas, cognitivas e discursivas no universo textual e não um caso de relação entre duas entidades identificáveis pontualmente no texto, no caso dos pronomes”. Para o autor, a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado através de uma correferenciação.

De acordo com o adolescente E9 a gíria só é permitida com o primo. Pai, mãe, tio e tia, não lhe permitiriam uma intimidade para falar gírias. Importante frisar que a locução prepositiva “ficar à vontade” pode significar estar sem o crivo da censura e que isso é necessário para se usar a linguagem gíriática.

Esse entendimento é compactuado por Breton (2006, p.67) quando diz que: “Na tomada de palavra em público, o outro nem sempre é vivido como um parceiro atento e indulgente, mas quase sistematicamente como um juiz que vai avaliar e eventualmente punir um mau desempenho [...]”.

B2) FALTA DE INTIMIDADE (2 URs)

Outro grupo de tema mais frequente com igual número de 2 Unidades de Registro são “falta de intimidade” e este substantivo feminino “intimidade” encontra-se relacionado ao sentido de “ausência de cerimônias”, o que mais uma vez reforça o sentido informal da linguagem da gíria.

O aluno E2 assim se posiciona: — “às vezes até pela intimidade.”

Entre os interlocutores, também é abordado por alguns autores, entre eles Charaudeau e Maingueneau (2006, p.258), que o uso das gírias está relacionado a um grau de intimidade entre os mesmos, até se permitindo o emprego de apelidos:

O caso dos apelidos no meio profissional ilustra bem esta propriedade das gírias: os chefes e dirigentes de uma empresa recebem frequentemente apelidos dos funcionários, mas eles só podem ser usados no interior do grupo dos subordinados e jamais na comunicação entre eles e seus superiores.

Isso vale dizer que para que ocorra o uso da gíria, os interlocutores têm que fazer parte do mesmo grupo social, ou melhor, nesse caso, do mesmo cronoleto. Portanto, não se tem a permissão por parte dos adolescentes para o uso das expressões giriáticas com pessoas que diferenciam em idade, principalmente se essa pessoa seja o seu genitor ou faça parte de sua família (avós, tios etc.).

O adolescente E12 responde: — “*vai depender da intimidade pá!*”

O termo “pá” quer dizer que a informação que estava sendo passada já terminou, acabou-se. Pode também ser equiparado ao verbo ACABAR. Num outro momento, aproxima-se do que Marcuschi (2007, p.240) chama de interjeição ao apontar que “reproduz momentos em que uma posição pessoal é tomada ou manifestada.” A intimidade de que trata o aluno pode ser pensada em relação ao *ethos*. O *ethos*, nesse caso, é essa identidade linguística carregada de gírias de alguns adolescentes, em concomitância ao trato com outros jovens que, da mesma forma, usam-nas do mesmo modo.

Maingueneau (2005, p.99) valida esse raciocínio quando aponta que: “A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse ‘fiador’ que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado”. Esse mundo adolescente é visto constantemente dentro do grupo jovem, principalmente durante as suas falas com o uso das gírias.

C) PESSOAS COM QUEM NÃO SE TEM O HÁBITO (1 UR)

Outro grupo de tema com apenas 1 Unidade de Registro é “pessoas com quem não se têm o hábito”.

A aluna E4 informa que: — “*mas em casa eu não tenho muito esse... esse hábito não.*”

A palavra “hábito” origina-se do latim *habitu* que quer dizer: costume, uso, tendência, aspecto geral de um ser ou de uma região.

A aluna se refere à questão do hábito de não falar gíria em sua casa. Trata-se de uma questão que se relaciona à própria característica individual da jovem. Ela não estará acompanhada do seu grupo social (outros adolescentes) para usar gírias em sua casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem pretender expor conclusões definitivas a respeito do tema aqui pesquisado, deseja-se, no entanto, tecer algumas reflexões que, por certo, irão contribuir para ilustrar o fenômeno gíriático em relação à sua postura dentro do padrão de valor da língua. Da mesma forma, auxiliar na clareza de seu deslocamento de grupos e situações em que sempre estiveram ligados para contextos novos, em consequência das transformações socioculturais por que passa a sociedade contemporânea.

Tem-se o pensamento de que o jovem usa determinadas expressões gíriáticas por uma questão de costume ou até mesmo por rebeldia. Contudo, com o decorrer da pesquisa começou a ser notado que essas expressões fazem parte de seu cotidiano, principalmente, no diálogo com outros jovens, no sentido de dificultar o entendimento de quem não participa do seu grupo social.

Em busca do que realmente acontecia em relação ao uso das gírias pelos adolescentes, a presente dissertação apresentou como objetivo principal estudar o emprego da gíria entre estudantes do ensino médio numa escola privada na cidade do Recife.

Em primeiro lugar, enquanto primeiro objetivo específico, foi realizado um levantamento das gírias empregadas pelos estudantes do ensino médio de ambos os sexos. O que se notou com esse primeiro levantamento foi uma incidência maior de uso da gíria: *tá ligado?*, que apresentou 9 (nove) Unidades de Registro, ou seja, dos 12 (doze) adolescentes entrevistados, apenas 3 (três) não fazem uso dessa gíria. As outras gírias ocorreram na seguinte ordem: 5 (cinco) Unidades de Registro para as gírias *meu vei, vei, mô vei*; 4 (quatro) Unidades de Registro para *meu irmão*; 3 (três) Unidades de Registro para a gíria *beleza*; 2 (duas) Unidades de Registro para as gírias *bicho, bicha, doido, podre* e *vou vazar*. Por último, com apenas 1 (uma) Unidade de Registro as gírias *cara, alô, só pode, fala sério, ninguém merece, limpeza, na moral, vou nessa, rala peito, pacas, falou, vou chegar, legal, é nenhuma, tá morgada, pinando* e *se garante*.

Isso leva a refletir o caráter criptológico que o uso das gírias apresenta para esses adolescentes. Segundo Rector (1975, p.101):

A gíria dos estudantes é uma língua especial, própria de um grupo social e etário. Trata-se de termos e expressões que se referem a uma determinada atividade. No caso dos estudantes, a linguagem empregada tem a intenção de fazer com que não sejam compreendidos, principalmente pelos professores e sejam identificados como alunos.

Com o decorrer da pesquisa, notou-se que havia um modo intencional do uso dessas gírias pelos adolescentes. Era como se eles se sentissem protegidos com esse léxico, dificultando, dessa forma, o entendimento de outros grupos sociais, no caso: professores, coordenadores de ensino, funcionários em geral, principalmente, aqueles que não tinham a mesma faixa etária desses jovens.

O segundo objetivo específico desta pesquisa foi investigar o significado dos usos da gíria entre os sujeitos no cotidiano escolar e extra-escolar. Para isso, foram realizadas perguntas que fizeram com que os participantes elaborassem um esboço de resposta em relação ao que foi pedido. Os significados das gírias, durante as respostas, estiveram próximo tematicamente uns dos outros.

Tanto no cotidiano escolar quanto no extra-escolar, esses significados fundaram-se em temas como: “modo de falar específico de um grupo”, “facilitador da conversação” e “desvio da norma padrão”. Os adolescentes, talvez, pelo processo de inibição por estarem sendo entrevistados num mesmo momento, não conseguiram transmitir um conceito diferente do que se esperava antes das entrevistas.

Com tudo isso, os adolescentes revelaram em sua linguagem, ou seja, em seu léxico, fatores extralinguísticos que podem ser originados da esfera social, cultural, econômica da qual fazem parte. Como também, esses usos giriáticos, caracterizam-se próprios de grupos que se sentem reprimidos, neste caso, o dos adolescentes. Sobre isso Preti (1984, p.67-68), acrescenta que através da gíria pode-se “estudar a miséria, a insegurança, a revolta, a humilhação, o medo, o conflito de classes, a opressão, o desprezo que marcam a trajetória diária dos menos favorecidos na sociedade.”

A constituição dos vocábulos giriáticos expostos na “análise e discussão dos resultados”, mostrou que eles, numa parte, foram constituídos por metaplasmos por supressão de sons, como, por exemplo, aféreses e sínopes. Formaram-se, portanto, por alterações fonéticas em determinadas palavras. Outras gírias empregadas pelos adolescentes

apresentaram-se como mudanças semânticas em relação ao sentido denotativo da palavra, como se vê nos termos *bicho*, *coroa* e *cara*.

O terceiro e último objetivo específico, trata de identificar o contexto de uso da gíria e o contexto sociolinguístico do aluno. Com a continuidade das respostas, ficou à mostra que em relação ao perfil da pessoa com quem se pode falar gírias, destacou-se que pode usar com os “amigos”. Esse dado caracteriza normalmente a própria característica da vida grupal do adolescente.

Indubitavelmente, o participante dessa faixa etária tem a necessidade de formar e conviver em grupo que apresenta a mesma forma de falar, pensar, vestir e agir. Esses alunos pesquisados acompanham o mesmo entendimento do que foi fundamentado anteriormente.

Em relação ao contexto sociolinguístico, nota-se também que, pelo fato do campo onde foi realizada a pesquisa (colégio Decisão Imbiribeira) ser situado num bairro que é mais distante dos bairros chamados “nobres”, a exposição aos termos gíriáticos acontece com mais frequência devido ao contato com outros jovens classificados, pelos próprios adolescentes, de “malandros”.

Chama-se a atenção de que essa pesquisa reflete apenas uma pequena parcela sobre os elementos pesquisados e que, pela forma em que ainda estão as pesquisas sociolinguísticas, no que diz respeito à gíria, ainda embrionárias, muito há para ser investigado no campo da interação língua/sociedade.

De uma maneira geral, é nessa perspectiva que foi direcionado esse estudo da gíria, no intuito de contribuir para elevá-la à sua verdadeira localização dentro dos fenômenos da língua e de suas variações. Assim, prova que a gíria é uma opção a mais ao lado de outras que viriam a favorecer a interação entre os falantes (usuários) para o seu acontecimento na comunidade. Configura-se também, como guia de processos sociais, de desigualdades sociais, e se torna característico, algumas vezes, como ferramenta de defesa e, na maioria das vezes, como identidade de posição social ou nível socioeconômico do indivíduo na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolingüística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à Lingüística 1: domínios e fronteiras*. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2004.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fortoni *et. al.* 5ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud *et. al.* 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

BRAM, Joseph. **Linguagem e Sociedade**. Trad. Yolanda Giudicelli. Rio de Janeiro: Edições Bloch. 1968.

BRETON, Philippe. **Elogio da palavra**. Trad. Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. Trad. Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **Empréstimos Lingüísticos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão lingüística**. 3. ed. São Paulo: Edições Quíron Limitada, 1980.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.

_____ **Etnometodologia**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

DUBOIS, Jean. Trad. Frederico Pessoa de Barros *et.al.* **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ELIA, Silvio. **Sociolingüística: uma Introdução**. Rio de Janeiro-Niterói: Padrão-Universidade Federal Fluminense-EDUFF-Proed, 1987.

ERNANI, Terra; NICOLA, José de. **Gramática, Literatura & Redação: para o ensino médio**. São Paulo: Scipione, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. Trad. Izabel Magalhães. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática: teoria, sínteses das unidades, atividades práticas, exercícios de vestibulares**. São Paulo: FTD, 1992.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HAUGEN, Einar. **Dialeto, Língua, Nação**. In: BAGNO, Marcos. Norma Lingüística. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HUDSON, R. A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1984.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno *et. al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva *et. al.* 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 5ªed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

_____. **Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras**. IV Jornada do CeSul, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, novembro, 2000.

_____. **Da Fala para a Escrita: atividade de retextualização**. 7ªed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

OZELLA, Sérgio. (org). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

PATRIOTA, Luciene Maria. **A gíria comum na interação em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2009.

PRETI, Dino. **A Linguagem Proibida: um estudo sobre a linguagem erótica.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

_____ **A linguagem dos idosos.** São Paulo: Editora Contexto, 1991.

_____ **Fala e escrita em questão.** 3 ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

_____ **Sociolingüística: os Níveis de Fala. Um Estudo Sociolingüístico do Diálogo na Literatura Brasileira.** São Paulo: Edusp, 2003.

_____ **Estudos de língua oral e escrita.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RECTOR, Mônica. **A Linguagem da Juventude: uma pesquisa geosociolingüística.** Petrópolis: Vozes, 1975.

_____ **A fala dos jovens.** Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

ROMAINE, Suzanne. **Language in Society – An Introduction to Socio-linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand de. Trad. Antônio Chelini *et. al.* **Curso de Lingüística Geral.** 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

SOUZA, Magda Eartha Galvão de. **GÍRIAS E EXPRESSÕES POPULARES: Usos no português falado de escolarizados e não-escolarizados na RMR.** Dissertação de Mestrado apresentada à UFPE, 2001.

STUBBS, Michael. **Discourse Analysis: The Sociolinguistic Analysis of Natural Language.** Library of Congress Cataloging in Publication data. The University of Chicago Press, 1947.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. **Falares Crioulos: línguas em contato.** São Paulo: Editora Ática, 1987.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística.** São Paulo: Ática, 1985.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VOLOSHINOV, V. N. tradução de Ana Vaz, para fins didáticos. **Estrutura do enunciado**. 1930.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da lingüística**. (trad.) Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Trad. Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

Anexo I

1º Encontro (sábado 14/06/08)

ENTREVISTADOR: veja, aqui é o, o professor Rômulo, fazendo uma pesquisa para o Mestrado em Ciências da Linguagem. e a gente começa essa primeira entrevista com 4 (quatro) alunos: E1, E4, E2 e E3. Não se preocupem, na transcrição eu tiro o nome de vocês. então (+) começando por E1 de acordo com a, a ordem alfabética. pra perguntar a seguinte coisa, E1 (+), é, é pra você o que são gírias ou o que é gíria?

E1: ah! são palavras qu::e (+) fogem a, a, a norma (+) padrão.

ENTREVISTADOR: a norma padrão culta?

E1: e.

ENTREVISTADOR: beleza. E E2?

E2: é, é, sei lá *vei*. é uma (+) parte mais fácil de, de conversar. é uma maneira mais fácil.

ENTREVISTADOR: uma maneira mais fácil de conversar?

E2: é.

ENTREVISTADOR: e, e E3?

E3: vou falar pra você (+), acho que é mais pra criticar.

ENTREVISTADOR: está parecendo um tribunal dizendo: concordo com o relator ((risos)).
Tribunal ((risos)).

E3: e mais pra criticar, né? a gente fala tá ligado? muita gente diz: beleza. todo mundo diz, né? e tem também marginal, como também surfista, maconheiro, aí fala diferente que também fala.

ENTREVISTADOR: mas, às vezes, não é só o maconheiro, um grupo de jovem com essas características, surfistas (+).

E3: é.

ENTREVISTADOR: e se você ouvir dois surfistas falando, você não entende nada. parece que está falando uma outra língua, né?

E2: é. até acontece mesmo de bairro de bairro, um bairro fala de um jeito (+).

ENTREVISTADOR: e, e E4?

E4: deve ser uma forma diferente que as pessoas (+) aprendem uma com as outras. É/ pra em determinados locais.

ENTREVISTADOR: certo. beleza de creuza. muito bem. então voltamos de novo à E1. E1, quais são as gírias ou qual é a GÍRIA que você costuma usar, que você usa?

E1: várias, é, é, é tá ligado? meu irmão, meu véio.

ENTREVISTADOR: meu véio? (risos).

E1: doído (risos).

ENTREVISTADOR: e, e E2?

E2: eu uso mais: tá ligado? vei. num é nem velho, é veio.

ENTREVISTADOR: veio? é o próprio veio, né? certo. e E3?

E3: tá ligado, veio, doido.

ENTREVISTADOR: o que a gente nota é o tá ligado parece que é mais comum, se ouve mais aí. Não sei se tem mais característica da própria novela. às vezes a novela, ela passa (+) pode influenciar. e, e E4?

E4: eu uso mais meu irmão.

ENTREVISTADOR: meu irmão. Aí (+)

E4: esse negócio de veio (+) eu acho HORRÍVEL. até porque quando se fala, não se fala velho. é meu vei (+) oh!

E2: fala veio, né? (incompreensível) (risos).

E4: é muito feio.

E3: é mô vei ((risos)).

ENTREVISTADOR: como é (+) retomando, retomando aí pra E1. O que essas gírias significam. É, é o que elas significam pra você?

E1: o significa de cada uma?

ENTREVISTADOR: É o SENTIDO, no caso.

E1: tá ligado é, é entendeu? Tá me entendendo? (+) o, o meu veio (+) seria (+) não sei nem explicar professor (+) porque ((risos)) porque seria uma forma de expressão (incompreensível).

ENTREVISTADOR: para afirmar alguma coisa.

E1: é, é pra afirmar algo quando tá falando.

ENTREVISTADOR: certo, certo.

E1: e o podre, né? o podre tem vários significados.

ENTREVISTADOR: esse podre é pra tudo (risos)

E1: pra tudo eu falo podre.

ENTREVISTADOR: e E2?

E2: tá ligado é mais pra (+) tirar o que não está entendendo quando tá con-ver-san-do.

ENTREVISTADOR: é como se fosse até o caso para um chamamento: EI PRESTA atenção!!

E2: é, é MAIS ou menos isso.

ENTREVISTADOR: e E3?

E3: tá ligado também é: entendesse? tá entendendo? (incompreensível) ((risos)).

ENTREVISTADOR: ok. tá ligado.

E3: (incompreensível).

ENTREVISTADOR: concordo com o relator? (risos). E4?

E4: a gente vai usando...

E3: geralmente em casa você não vai usar uma gíria.

ENTREVISTADOR: se fosse num shopping?

E3: entre amigos.

ENTREVISTADOR: sim. e, e você tivesse com os amigos? Pronto, eu SAÍÁ daqui, no caso.

E1: tá entendendo?

E3: pronto (+) isso é, é (+) conversando até com você (+) tá ligado? você sempre usa.

E4: depende. eu tenho um amigo meu que tudo dele é né. não sei se né é uma gíria. parece até ser um vício de linguagem. tudo dele, dele é, e ele é professor de matemática, num sei que né e, e falava né, né, né e entendeu. entendeu pra ele era essencial para (incompreensível).

E3: (incompreensível).

E4 (incompreensível).

ENTREVISTADOR: porque o tá ligado (+) ele é mais comum, e o entendeu é específico. o entendeu fica para o, o professor.

E4: uh! uh!

E4: imagina um professor dentro da sala de aula: tá ligado? tá ligado? meu irmão, EI! meu irmão, CALA a BO::CA! tá ligado.

ENTREVISTADOR: é, é, PRESTE atenção! aí do::ido!!! né? (risos) ok. É, é começando de novo com E1. E1, com quem você acha que aprendeu essa gíria?

E1: com os amigos.

ENTREVISTADOR: com os amigos (+) mas (+).

E1: na faculdade, na escola.

ENTREVISTADOR: na própria faculdade, na escola. certo. e E2?

E2: no dia a dia.

ENTREVISTADOR: mas esse dia a dia, onde tem uma INFLUÊNCIA maior?

E2: entre amigos, pessoas conversando, campo de futebol, sempre sai.

ENTREVISTADOR: mas falar em futebol, você torce por qual time?

E2: SPORT!

ENTREVISTADOR: aí tá certo! (risos). isso não é mais um time, já é uma seleção. E3?

E3: pelada, jogando bola, porque eu sempre fiquei em casa. comecei a sair mais para jogar bola, foi quando eu vim aprender as gírias.

ENTREVISTADOR: contato, né? no futebol realmente o cara não diz assim: por favor, você poderia passar essa bola para mim para eu ter que fazer o gol? ninguém diz isso e não tem como (risos). E4, pra tu? é, é em que lugar tem aprendido?

E4: com os amigos a gente aprende muito, muita coisa errada também. (incompreensível) Esse negócio de bicho, é bicho, é doido (+) é, é, é influência dos amigos, eles falam muito bicho.

E3: bicho deve ser negócio de antigo mesmo, porque meu pai tem irmão gêmeos, é, é, é bicho, bicho e quando ele vão falar com pai, não fala do pai, ele fala o velho. com a mãe: a velha.

E4: mas veja bem, não é o velho. é a VÉIA e o VÉIO.

E3: eles falam o veio.

E4: então, meu véio, né?

ENTREVISTADOR: aí modifica o sentido, né? porque quando você diz: meu velho (+) todo mundo sabe que você está se REFERINDO ao pai. quando você diz: meu vei. você sabe que é outra pessoa.

E4: é, é esse meu vei.

E3: esse MEU VÉI é na hora do espanto. MEU VEI é uma unidade de espanto.

ENTREVISTADOR: é até uma INTERJEIÇÃO. chega a ser uma interjeição, né? beleza. então, é, é (+) voltando de novo a E1, sempre começa com a coitadinha. (+) essas gírias que você usa, caso use, também tem isso, é mais em que situação? usa em que situação?

E1: u::sa em várias situações. fale um exemplo aí.

ENTREVISTADOR: um exemplo: com o namorado (+) cabe a gíria? você usa a gíria (+) com o namorado?

E1: é, com o namorado, com os amigos, com o, o, o (+) depende da pessoa, se a pessoa for aberta a ao diálogo, mais (+) (incompreensível) se com pessoas de nível mais elevado (+). lá no estágio mesmo, com minha orientadora, não poderia falar (+) gíria.

ENTREVISTADOR: no caso, uma pessoa mais velha? ou uma pessoa de um poder (+) que exerce um PODER.

E1: um poder (+) mais elevado, de nível mais elevado.

ENTREVISTADOR: certo.

E3: pra descontrair com amigos (incompreensível), sempre uso essas palavras.

ENTREVISTADOR: certo. no, no exemplo: numa igreja, caberia?

E2: numa IGREJA! eu (+) faz muito tempo que não vou à igreja, MUITO TEMPO (incompreensível). mas (+) eu fico calado é pouco provável que...

E4: depende das pessoas que você fala. mas ainda tem aquilo, depois que acaba a missa você sempre vai lá pra fora, e você encontra amigos, mas ainda aquilo...

E2: eu acho que na igreja não tem como, porque está pra rezar. (+) eu mesmo comecei com os amigos quando a gente saía. AÍ SAIA!

ENTREVISTADOR: de uma vez só. e, e, e pra tu, E3?

E3: eu uso em todo lugar.

ENTREVISTADOR: TODO? INDEPENDENTE? é, é, E3 é mais direto.

E2: tem um colega meu que sempre diz: tá ligado? eu... tô ligado (risos).

E1: é porque eu sempre fui moldada lá em casa. eu não posso falar com ninguém (+) assim que meu pai está lá (incompreensível) não tenho a liberdade para falar.

ENTREVISTADOR: há um acompanhamento, não é? quanto a família.

E1: é.

ENTREVISTADOR: é. e pra gente terminar, não é? pra gente terminar, é, é. E1 quando você usa.

E4: tá faltando eu FALAR (risos).

ENTREVISTADOR: é porque tu já falou tanto, né? (risos) mas mesmo assim...

E4: eu falo quando eu estou contando mais alguma coisa, quando tô contando alguma coisa pra alguém QUE ME em-pol-go.

ENTREVISTADOR: numa narrativa?

E4: pois é, que na verdade eu (+) falando, falando direto, não sou de falar direto não. mas 'meu irmão' é quando já tô (+) pera aí né? preste atenção! porque senão...

ENTREVISTADOR: quando vai se irritando?

E4: é. quando eu vou me irritando ou quando chega a raiva (risos).

ENTREVISTADOR: quando dos estresses da vida, DESTE TAMANHO.

E4: quando já tô muito arretada, aí desculpa a palavra.

ENTREVISTADOR: vai vê que as gírias vêm acompanhada de outras palavras, né? (risos). certo, certo (risos). E1.

E4: (risos).

ENTREVISTADOR: quando você usa essas gírias, você usa em que sentido? qual situação que você usa? quer dizer, pra ficar melhor, mais direto. o que você quer é, é passar quando você faz uso das gírias? o que você quer dizer? qual o sentido que você quer passar naquele momento, quando você faz o uso dessas gírias?

E1: é, é fica difícil.

ENTREVISTADOR: NÃO! no caso, por exemplo, se você está con... conversando com E4, sua amiga, e com outros grupos, outras pessoas que fazem parte do seu grupo que é de sua faixa etária, seu grau de amizade e conhece você e você faz uso de uma gíria, você quer dar é, é, passar pra essa pessoa que tipo de mensagem? Se é pra ele prestar atenção, se é pra dá uma idéia de formalidade? Pra dá uma idéia que ela realmente acredite, dá uma idéia até de interação?

E1: é eu acho que é mais pra enfatizar o que eu tô dizendo, né? no uso do meu irmão (+) pra enfatizar, mesmo né?

ENTREVISTADOR: porque às vezes o negócio é o seguinte, eu fico, eu presto muita atenção quando as pessoas conversam eu vou sempre ao shopping e eu presto atenção.

E4: senta no banco e aí fica escutando o que o pessoal tá falando (risos) conversando (risos).

ENTREVISTADOR: e quando tem um grupo, quando tem um grupo que vejo 5 ou 6 meninos e meninas eu sento perto, eu sempre fico perto pra ouvir. Eu presto atenção ao seguinte: quando eles querem dá importância ao que vai dizer, diz: *tá ligado?* quando é uma coisa sem importância ao que vai dizer não usa o *tá ligado*, né? É nesse sentido aqui. Qual o sentido quando você usa a gíria?

E1: é, porque já até virou mesmo uma força de expressão pra você realmente enfatizar o sentido realmente já faz parte de você mesmo que o meu irmão (+) é mais pra (+) ouvir também, pra falar.

ENTREVISTADOR: certo, E2.

E2: eu acho mais que é (+) pra interação uma pessoa tá morgada, aí (+) tá ligado num sei o que!! puxa uma um, fica mais descontraído.

ENTREVISTADOR: Certo. Pra descontração também, deve ser. E3?

E3: os cara fala muito: *mô vei*, no lugar de meu velho, *mô vei*, eu acho um negócio estranho, *mô vei*. Eu acho mais na hora de espanto, assim: **MÔ VEI!** espantado com alguma coisa.

ENTREVISTADOR: certo. E, e E4?

E4: é, eu acho mais um chamamento quando a pessoa está indignada com alguma coisa, aí em vez de chamar um palavrão, e sai na gíria assim, sai no lugar.

ENTREVISTADOR: tá ok a gente dá como fim a entrevista. Peço já de antemão muito obrigado a vocês. Hoje é sábado, né? Hoje é sábado, dia 14, são 14:20h. Peço muito obrigado, e boa aula.

1) LEVANTAMENTO DAS GÍRIAS

A) Conceito de gírias:

E1-1 ah! São palavras qu::e (+) fogem a, a, a norma (+) padrão.

E2-1 é, é, sei lá *vei*. É uma (+) parte mais fácil de, de conversar. É uma maneira mais fácil.

E3-1 vou falar pra você (+), acho que é mais pra criticar.

E4-1 deve ser uma forma diferente que as pessoas (+) aprendem uma com as outras. É/ pra em determinados locais.

B) Levantamento das gírias:

E1-2 várias, é, é, é Tá ligado? Meu irmão, meu véio. [...] doido (risos)

E2-2 eu uso mais: tá ligado? Vei. Num é nem velho, é veio.

E3-2 tá ligado, veio, doido.

E4-2 eu uso mais meu irmão.

2) SIGNIFICADOS DAS GÍRIAS

E1-3 tá ligado é, é entendeu? Tá me entendendo? (+) o, o meu veio (+) seria (+) não sei nem explicar professor (+) porque ((risos)) porque seria uma forma de expressão (incompreensível) [...]: é, é pra afirmar algo quando tá falando [...]? No uso do meu irmão (+) pra enfatizar, mesmo né?

E2-3 tá ligado é mais pra (+) tirar o que não está entendendo quando tá con-ver-san-do.

E3-3 tá ligado também é: entendeu? Tá entendendo? (incompreensível) ((risos)).

E4-3 mas ‘meu irmão’ é quando já tô (+) pera aí né? Preste atenção! porque senão...

a) Onde se usa:

E1-4 com os amigos [...] na faculdade, na escola. [...] u::sa em várias situações.

E2-4 no dia a dia. [...] entre amigos, pessoas conversando, campo de futebol, sempre sai.

E3-4 entre amigos [...] pelada, jogando bola. eu uso em todo lugar.

E4-4 com os amigos a gente aprende muito [...] eu falo quando eu estou contando mais alguma coisa, quando tô contando alguma coisa pra alguém QUE ME em-pol-go.

3) CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO

a) Sentido das gírias

E2-5 : eu acho mais que é (+) pra interação uma pessoa tá morgada, aí (+) tá ligado num sei o que!! puxa uma um, fica mais descontraído.

E3-5 Eu acho mais na hora de espanto, assim: MÔ VEI! Espantado com alguma coisa.

E4-5 é, eu acho mais um chamamento quando a pessoa está indignada com alguma coisa, aí em vez de chamar um palavrão, e sai na gíria assim, sai no lugar.

b) Com quem usa a gíria?

E1-6 é, com o namorado, com os amigos, com o, o, o (+) depende da pessoa, se a pessoa for aberta a ao diálogo.

E3-6 pra descontrair com amigos (incompreensível), sempre uso essas palavras

E4-6 depende das pessoas que você fala.

Anexo II

2º Encontro (sexta-feira 19/07/08)

ENTREVISTADOR: E5, pra você o que são gírias?

E5: pra mim, gíria... é uma linguagem específica de cada grupo. por exemplo, um grupo (+) ele fica com uma linguagem para poder (+) diferenciar (+) de outros grupos.

ENTREVISTADOR: mas grupos em que sentido, assim?

E5: como, por exemplo, escola, trabalho (+) entendeu?

ENTREVISTADOR: certo?

E5: e, é assim (+) uma linguagem não formal, entendeu? informal que usa para poder especificar essas coisas.

ENTREVISTADOR: certo! e E7? pra você, o que são gírias?

E7: assim, pra mim, gíria é, é também a forma que cada grupo (+) que indivíduo também tem de se expressar. assim grupo que digo é, é de do adolescente em si, também tem o surfista, skatistas, os médicos, atores, assim cada grupo tem de si expressar (+) entre si.

ENTREVISTADOR: certo. esse modo pra você são as gírias, esse modo de expressão?

E7: é. são as gírias. e algumas é algumas específicas desse grupo, desse determinado grupo.

ENTREVISTADOR: ok. e E6? o que são gírias?

E6: assim, com minhas palavras também é um meio, forma de linguagem também que determina certa, certa faixa etária também, assim... é, dependendo de da escolaridade, faixa social, classe social também.

ENTREVISTADOR: quer dizer que você está dizendo com isso que se a pessoa for velha, mais velha não vai usar gíria?

E6: NÃO! não é questão de..., não pode ser assim, mas as gírias que ele pode até usar é a gíria que ele sabia quando era na juventude também, pode ser. porque a gíria é de uma determinada, determinada época, assim (+) que vai renovando (+) pá!

ENTREVISTADOR: certo. e E8?

E8: é, pra mim, gíria seria assim uma forma de linguagem que caracteriza, caracteriza grupos específicos, ou, ou individualmente também. como E6 já havia falado que possui é, é algumas particularidades (+) no sentido de, de determinar faixa ETÁRIA. a gente não vê tanta frequência é crianças falando gírias, nem como ele falou, jov... é, é pessoas idosas, mais velhas. mas eles utilizam outra forma de linguagem assim. são palavras específicas, já clichês (+) pra eles. não são...

ENTREVISTADOR: muito bem. não são o quê?

E8: não são assim... é tão cotidianas no meio de... dos outros grupos mais (+) idosos.

ENTREVISTADOR: certo. aí a gente volta de novo para E5, outro internacional (risos). e E5, quais são as gírias ou qual a gíria que você usa mais, que acha que é mais comum na sua linguagem, caso você use também?

E5: eu uso assim (+) não muito, mas frequentemente eu uso: tá ligado.

ENTREVISTADOR: tá ligado?

E5: é... mas acho que é só essa mesmo.

ENTREVISTADOR: só essa?

E5: é.

ENTREVISTADOR: e a nossa querida amiga E7?

E7: é... beleza, é... tá ligado (+), assim essas são mais que uso, posso usar outras assim acho, meu irmão, mas não é TÃO frequentemente assim, essas são as mais frequentes.

ENTREVISTADOR: são as mais frequentes?

E7: é.

ENTREVISTADOR: certo. e E6?

E6: também assim... é... beleza, tá ligado, bicho, cara são as gírias que uso mais frequentemente.

ENTREVISTADOR: e E8?

E8: tá ligado, é... meu véi (risos).

ENTREVISTADOR: é, eu sempre pego E8 falando: tá ligado!

E8: (risos) meu vei, é bicha, que foi que peguei no colégio com uma amiga: bicha, bicho...

ENTREVISTADOR: BICHA, é quando se relaciona a...

E8: bicha é uma mulher, uma mulher. e bicho quando é... “num sei o quê bicho”. já falando, “num sei o quê bicha”.

ENTREVISTADOR: quando é homem?

E8: é.

ENTREVISTADOR: muito bem (risos). e E5. pra você essas gírias que você citou o que elas significam, o que elas passam num processo de significação?

E5: é... eu falei tá ligado, é que significa assim pra poder chamar atenção pra pessoa que tô falando, entendeu?

ENTREVISTADOR: certo, certo. e E7?

E7: não. é assim... o tá ligado é mais (+), é pra mais ver se a pessoa entendeu, assim (+) o que falei, tá ligado? pra ver se ela compreendeu, no caso o que quis passar é: beleza. é uma forma de, de dizer (+) concordando com alguma coisa, né?

ENTREVISTADOR: certo. como assim? cite um exemplo aí?

E7: é um exemplo (+) deixa eu ver (risos).

ENTREVISTADOR: você conversando com E5?

E7: vai E5! (risos).

E5: menina é, é...

ENTREVISTADOR: NÃO, qualquer coisa. você fala com ele. aí você diz beleza, tá ligado. então, no caso, essa significação do tá ligado, é o quê?

E7: é, por exemplo, é... deixa eu ver (risos) me esqueci (risos).

ENTREVISTADOR: é o nervosismo (risos). e E6?

E6: pronto! assim. bicho é quando eu tô falando com o pessoal assim tá conversando, aí chega, aí falo: e aí bicho, como é que tá? significado assim que... como se fosse bom dia! boa tarde! tá ligado?

ENTREVISTADOR: é uma saudação?

E6: é uma saudação.

ENTREVISTADOR: esse é um tipo de gíria que você usa e os outros tipos que você usa, o significado para você?

E6: é para chamar a atenção. como beleza? e aí? (risos). pronto, CARAMBA, é um tipo assim de que você quer falar, expressar alguma coisa mais (+) não vem assim, sabe?

ENTREVISTADOR: caramba! eu entendi agora num lugar de um palavrão.

E6: pode ser também (risos).

ENTREVISTADOR: E8?

E8: é, é eu uso (+) por uma questão assim, para chamar atenção... é... das pessoas e já é uma coisa corriqueira. já, já se tornou um clichê, é, é costume.

ENTREVISTADOR: certo. e, voltando novamente. E5, já está na vez. você aprendeu ou vocês aprenderam essas gírias com quem? com quem?

E5: principalmente na escola, porque em casa ninguém fala muito gíria e também eu não falo.

ENTREVISTADOR: não falo muito ou não falo?

E5: NÃO! não falo.

ENTREVISTADOR: por que não fala?

E5: porque não é de costume, sabe? o povo de casa... como o povo de escola. eu aprendi com o povo da escola, e eu uso mais lá. porque depende do assunto também que a gente tá falando, aí um assunto com quem.

ENTREVISTADOR: com quem?

E5: é, com quem.

ENTREVISTADOR: certo.

E7: eu aprendi com os amigos (+) ou aprendi com os amigos. não, assim, eu aprendi mais com meus amigos, né? agora na escola, perto de casa, assim... os amigos que moram perto da minha casa.

ENTREVISTADOR: esses amigos, são meninas ou meninos? mais meninas ou mais meninos?

E7: mais meninas. é mais as meninas, agora, assim, tenho amigo também que acaba passando mais, né? é assim, com mais meninas!

ENTREVISTADOR: certo.

E6: também (+) no colégio, na igreja...

ENTREVISTADOR: na igreja? qual igreja, evangélica?.

E6: NÃO. na católica. mas em determinado grupo, assim, sabe? meus amigos assim, conversando entre eles, aí vai pegando as gírias um com o outro, tudinho. mas não é nada com padre (risos). em casa, assim... conversando com meu pai, ele chega, manda eu lavar a moto (+) PERAÍ VÉI! CALMA. aí... daqui a pouco eu lavo, entendesse?

ENTREVISTADOR: e ele não acha ruim não?

E6: NÃO. ele fala num... o que ele fala...

ENTREVISTADOR: ele fala, é?.

E6: a gíria que ele fala é a mesma que fosse as minhas assim também.

ENTREVISTADOR: qual a idade do teu pai?

E6: uns 50 anos.

ENTREVISTADOR: tá novo ainda. novo em relação a mim, né? (risos). e E8? tu achas que aprendeu com quem essas gírias?

E8: convívio com as pessoas jovens. na igreja também, no colégio...

ENTREVISTADOR: na igreja? qual igreja?

E8: na Assembléia, na evangélica (risos). tem um pessoal bem jovem... então criam, CRIAM até gírias lá, né?

ENTREVISTADOR: e existem gírias evangélicas, é? JESUS, meu irmão? (risos)

E8: (risos) é o cara (risos). não, existe. existe aquela: Jesus apaga a luz! mas é de Zorra Total, né isso?

E5: sei não (risos).

E8: é isso, tem um personagem daquele homem que é 'frango' lá (risos). Sim, vêm os grupos da igreja, é no colégio também e em convívio com meus primos, meu pai também, meu também cria gírias bem estranhas assim.

ENTREVISTADOR: então ele faz uma criação gíriática? menino! (risos)

E8: é desenrolado.

ENTREVISTADOR: é, é outro nível (risos). e E5? você usa essas gírias aí em quais situações? como é que você usa essas gírias? que tipo de situação, com quem?

E5: em relação a isso, eu uso mais na escola, porque é onde eu aprendo mais. aí eu digo. o assunto na escola é um assunto de jovem, entendeu? aí eu uso mais gírias.

ENTREVISTADOR: aqui no Decisão?

E5: aqui, no colégio também, mas em casa não dá, sei lá...

E7: é, é uso assim também, mais entre amigos, seja ou na escola ou na igreja, aonde for assim, entendeu?

ENTREVISTADOR: mas você é da igreja Católica ou da Assembléia?

E7: (risos) sou da igreja Batista, mas vou muito para a Assembléia.

ENTREVISTADOR: certo, certo. e E6? qual situação em que você usa essas gírias?

E6: a situação que eu uso assim... eu não me preocupo me prender muito não, só quando tiver num momento assim mais específico, quando falar com alguma entidade assim como policial, alguma coisa assim que não tenha muita intimidade, sabe? mas questão que eu tenha intimidade assim eu deixo soltar, teve uma vez que tava levando um baculejo... (risos).

ENTREVISTADOR: e E7 nem disse. qual situação que tu usas?

E7: ah! foi (risos). é como eu tava dizendo assim... mais entre amigos, agora em casa eu também assim... assim falando com alguém até mesmo com pessoas da minha, da minha casa não usa. Então, meu pai é assim... se ele vê ele... e se minha mãe também ele não gosta, mas, às vezes, acaba falando até mesmo pelo costume mesmo.

ENTREVISTADOR: sei, certo. e E8?

E8: eu, eu utilizo em situações assim... mais informais, é uso muito em casa, mas há uma divergência na minha casa porque minha mãe não é um::ito chegada a essas coisas, não é muito a favor. já meu pai é muito liberal assim... muito aberto, muito bem aberto, inclusive ele (+) cria... aí em casa, é, é com amigos (+) só.

E6: teve até um fato também que quando eu tava estudando na 8ª série, aí eu fazia no Colégio Militar a prova, aí cheguei lá nervoso, eu e um colega meu. a prova começava de 2h, e a gente chegou lá de meio dia, vê praí. só que (+) quem entrasse não podia sair mais do colégio, a gente era o único aluno que tava lá do resto da turma, tá ligado? aí tinha coronel, oficial, tudinho, a gente foi pedir pra sair pra ficar com nossos pais, aí chegou lá e o meu colega: ‘vai fala, fala, fala’. meu irmão, não vou falar não, vei. ‘fala, fala, com aquele coroa ali, olha!’. eu,

meu irmão vou lá (risos). aí cheguei lá, aí eu nervoso que só um caramba, vou fazer uma prova ainda falando com um militar assim. aí eu: ei! é... a gente pode falar com nossos pais? aí o cara: “e o que RAPAZ?” como é a HISTÓRIA?” aí a turma... eu fiquei nervoso, tá ligado? você quer FALAR COM QUEM? falar com meu pai... é pra pegar o quê? num sei que, num sei que. aí a turma começou a rir (risos) — ‘a gente é?’ — num sei o que. — ‘vai passar NADA, não vai fazer prova mais não’. num sei o quê. eu fiquei pinando. aí pronto... desde desse dia eu fiquei meio traumatizado, mas depois o cara vai pegando costume de novo (risos).

E8: pô, meu!

ENTREVISTADOR: certo. e E5 novamente? é, o que vocês querem dizer, o sentido quando usam essas gírias em determinadas situações? o que vocês querem dizer? qual o sentido que vocês querem passar?

E5: deixa eu ver... porque quando chega no colégio sempre vem... sempre tem novidade.

ENTREVISTADOR: sei. novidade em que sentido?

E5: sei lá... aí chega com novidade, aí sempre usa gíria para poder especificar mais o assunto que vai falar pra poder (+) mostrar melhor como foi sempre usa assim (+) esses tipos de gírias.

ENTREVISTADOR: certo. e E7? qual o sentido que você quer passar quando usa essas gírias nessas situações, nessas DIVERSAS situações porque você disse que usa em casa, usa na igreja, qual o sentido que você quer passar, o que você quer passar com o uso dessas gírias?

E7: assim... não tem muito um sentido específico, assim. é mais por meio de pegar mesmo como, como assim até porque a tv passa um monte de coisa, vai passando, né? as gírias pra gente... e, aí acaba sai...

ENTREVISTADOR: tem algum programa, já que você usa estar falando na tv. tem algum programa específico, tem alguma coisa?

E7: assim, Zorra Total, né?

E5: Malhação!

E8: Casseta e Planeta, passa muito. cria bastante coisa, né?

E7: é, Toma Lá da Cá, também. assim, ela acaba passando, aí a gente vai pegando, aí comenta, aí acha legal, aí começa a usar assim... mas (+) assim mesmo.

ENTREVISTADOR: An, E6?

E6: não tem assim, também como eles falaram determinada... como é a pergunta? (risos).

ENTREVISTADOR: qual o sentido que você quer passar quando usa essas gírias nessas situações: em casa, no colégio, no cinema, com os amigos, na pelada, qual o sentido?

E6: não tem sentido. o único sentido que tem é deixar a comunicação mais informal, seja um meio mais simples de se comunicar entre amigos.

ENTREVISTADOR: certo. e E8?

E8: até pra se tornar mais fácil a comunicação entre o grupo, pra gente, vai se envolver (+) até pra gente se envolver com as pessoas. é uma forma de comunicação que a gente interage, fica mais à vontade. e também utilizo quando eu vou... quero pedir alguma coisa, aí a gente chega de mansinho assim, nem sei o quê, porque tal, bicho, aí utilizo assim, fica como se fosse... são palavras assim até de CARINHO, de TRATO, de, de...

ENTREVISTADOR: uma forma?

E8: é, uma forma.

ENTREVISTADOR: obrigado a todos. aqui, terminamos nossa entrevista.

1) LEVANTAMENTO DAS GÍRIAS

A) Conceito de gírias

E5-1 pra mim, gíria... é uma linguagem específica de cada grupo. por exemplo, um grupo (+) ele fica com uma linguagem para poder (+) diferenciar (+) de outros grupos [...] como, por exemplo, escola, trabalho (+) entendeu? [...] e é assim (+) uma linguagem não formal, entendeu? Informal que usa para poder especificar essas coisas.

E6-1 assim, com minhas palavras também é um meio, forma de linguagem também que determina certa, certa faixa etária também, assim... é, dependendo de, da escolaridade, faixa social, classe social também. [...] porque a gíria é de uma determinada, determinada época, assim (+) que vai renovando (+) pá!

E7-1 assim, pra mim, gíria é, é também a forma que cada grupo (+) que indivíduo também tem de se expressar. assim grupo que digo é, é de, do adolescente em si, também tem o surfista, skatistas, os médicos, atores, assim cada grupo tem de si expressar (+) entre si. [...]é. são as gírias. é algumas, é algumas específicas desse grupo, desse determinado grupo.

E8-1 é. pra mim, gíria seria assim uma forma de linguagem que caracteriza, caracteriza grupos específicos, ou, ou individualmente também. como E6 já havia falado que possui é, é algumas particularidades (+) no sentido de, de determinar faixa ETÁRIA. a gente não vê tanta frequência é crianças falando gírias, nem como ele falou, jov... é, é pessoas idosas, mais velhas. mas eles utilizam outra forma de linguagem assim. são palavras específicas, já clichês (+) pra eles. não são... [...] não são assim... é tão cotidianas no meio de... dos outros grupos mais (+) idosos.

B) Levantamento das gírias

E5-2 eu uso assim (+) não muito, mas frequentemente eu uso: tá ligado.

E6-2 também assim... é... beleza, tá ligado, bicho, cara, são as gírias que uso mais frequentemente.

E7-2 é... beleza, é... tá ligado (+), assim essas são mais que uso, posso usar outras assim, acho, meu irmão, mas não é TÃO frequentemente assim, essas são as mais frequentes.

E8-2 tá ligado, é... meu véi (risos). [...] (risos) meu véi, é bicha, que foi que peguei no colégio com uma amiga: bicha, bicho... [...] bicha é uma mulher, uma mulher. e bicho quando é... “num sei o quê bicho”. Já falando, “num sei o quê bicha”.

2) SIGNIFICADOS DAS GÍRIAS

E5-3 é... eu falei tá ligado, é que significa assim pra poder chamar atenção pra pessoa que tô falando, entendeu?

E6-3 pronto! Assim. bicho é quando eu tô falando com o pessoal assim tá conversando, aí chega, aí falo: e aí bicho, como é que tá? significado assim que... como se fosse bom dia! boa tarde! tá ligado? [...] é uma saudação. [...] é para chamar a atenção. como beleza? e aí? (risos). pronto, CARAMBA, é um tipo de que você quer falar, expressar alguma coisa mais (+) não vem assim, sabe?

E7-3 não. é assim... o tá ligado é mais (+), é pra mais ver se a pessoa entendeu, assim (+) o que falei, tá ligado? Pra ver se ela compreendeu, no caso o que quis passar é: beleza. é uma forma de, de dizer (+) concordando com alguma coisa, né?

E8-3 é, é eu uso (+) por uma questão assim, para chamar atenção... é... das pessoas e já é uma coisa corriqueira. Já, já se tornou um clichê, é, é costume.

3) CONTEXTO DE USO

a) Onde se usa

E5-5 em relação a isso, eu uso mais na escola, porque é onde eu aprendo mais. aí eu digo. o assunto na escola é um assunto de jovem, entendeu? aí eu uso mais gírias. [...] aqui, no colégio também, mas em casa não dá, sei lá.

E6-5 a situação que eu uso assim... eu não me preocupo me prender muito não, só quando tiver num momento assim mais específico, quando falar com alguma entidade assim como policial, alguma coisa assim que não tenha muita intimidade, sabe? mas questão que eu tenha intimidade assim eu deixo soltar, teve uma vez que tava levando um baculejo... (risos).

E7-5 é, é uso assim também, mais entre amigos, seja ou na escola ou na igreja, aonde for assim, entendeu? [...] ah! Foi (risos). é como eu tava dizendo assim.. mais entre amigos, agora em casa eu também assim... assim falando com alguém até mesmo com pessoas da minha, da minha casa não usa. então, meu pai é assim... se ele vê ele... e se minha mãe também ele não gosta, mas, às vezes, acaba falando até mesmo pelo costume mesmo.

E8-5 eu, eu utilizo em situações assim... mais informais, é uso muito em casa, mas há uma divergência na minha casa porque minha mãe não é um:::ito chegada a essas coisas, não é muito a favor. já meu pai é muito liberal assim... muito aberto, muito bem aberto, inclusive ele (+) cria... aí em casa, é, é com amigos (+) só.

4) CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO

a) Aprendizado

E5-4 [...] eu aprendi com o povo da escola, e eu uso mais lá. porque depende do assunto também que a gente tá falando, aí o assunto com quem.

E6-4 também (+) no colégio, na igreja... [...] NÃO. na católica. mas em determinado grupo, assim, sabe? meus amigos assim, conversando entre eles, aí vai pegando as gírias um com o outro, tudinho. mas não é nada com padre (risos). em casa, assim... conversando com meu pai, ele chega, manda eu lavar a moto (+) PERÁÍ VÉI! CALMA. aí... daqui a pouco eu lavo, entendesse?

E7-4 eu aprendi com os amigos (+) ou aprendi com os amigos. não, assim, eu aprendi mais com meus amigos, né? agora na escola, perto de casa, assim... os amigos que moram perto da minha casa.

E8-4 convívio com as pessoas jovens. na igreja também, no colégio... [...] na Assembléia, na evangélica (risos). tem um pessoal bem jovem.. então criam, CRIAM até gírias lá, né? [...] vêm os grupos da igreja, é no colégio também e em convívio com meus primos, meu pai também, meu pai também cria gírias bem estranhas assim.

b) Sentido das gírias

E5-6 deixa eu ver... porque quando chega no colégio sempre vem.. sempre tem novidade. [...] sei lá... aí chega com novidade, aí sempre usa gíria para poder especificar mais o assunto que vai falar pra poder (+) mostrar melhor como foi sempre usa assim (+) esses tipos de gírias. [...] Malhação!

E6-6 não tem assim, também como eles falaram determinada... como é a pergunta? (risos). [...] não tem sentido. o único sentido que tem é deixar a comunicação mais informal, seja um meio mais simples de se comunicar entre amigos.

E7-6 assim... não tem muito um sentido específico, assim. e mais por meio de pegar mesmo como, como assim até porque a TV passa um monte de coisa, vai passando, né? as gírias pra gente... é, aí acaba sai... [...] assim, Zorra Total, né? [...] é, Toma Lá da Cá, também. assim, ela acaba passando, aí a gente vai pegando, aí comenta, aí acha legal, aí começa a usar assim... mas (+) assim mesmo.

E8-6 até pra se tornar mais fácil a comunicação entre o grupo, pra gente, vai se envolver (+) até pra gente se envolver com as pessoas. é uma forma de comunicação que a gente interage, fica mais à vontade. E também utilizo quando eu vou... quero pedir alguma coisa, aí a gente chega de mansinho assim, nem sei o quê, porque tal, bicho, aí utilizo assim, fica_ como se fosse... são palavras assim até de CARINHO, de TRATO, de, de... [...] É, uma forma.

Anexo III

3º Encontro (sexta-feira 15/08/08)

ENTREVISTADOR: estamos aqui novamente para novas entrevistas. começando por E9.

E9, para você o que é gíria, o conceito de gíria?

E9: é (+) abreviação de palavras, facilita...

ENTREVISTADOR: abreviação de palavras para quê?

E9: facilitar o diálogo.

ENTREVISTADOR: para facilitar o diálogo? certo, certo. e E10?

E10: pra mim é (+) uma linguagem formal né? utilizada pelos jovens para facilitar mesmo a comunicação.

ENTREVISTADOR: é a linguagem formal ou informal?

E10: informal.

ENTREVISTADOR: certo. para quê?

E10: para facilitar o diálogo.

ENTREVISTADOR: o diálogo, mas... essa linguagem você usa assim, com, com... só entre os jovens ou?

E10: depende da pessoa... porque assim não é só os jovens assim... a idade, né? depend:e, né? da pessoa assim do jeito dela... de se comunicar.

ENTREVISTADOR: depende da pessoa porque aquele Gilberto Gil fala muita gíria e não é jovem, né?

E10: é, depende do estilo da pessoa.

ENTREVISTADOR: ok. e para você E11, pra você o que é gíria?

E11: é a mesma coisa que eles falaram. é pra deixar a conversa mais fácil entre os jovens, no caso. às vezes, não é muito ortodoxa, né? mas...

ENTREVISTADOR: é o quê?

E11: (risos) é assim tipo... (risos) tem umas que não são muito...

ENTREVISTADOR: ortodoxa, como? em que sentido?

E11: (risos) é tipo... (risos) ah! não sei.

E9: é a linguagem usada para facilitar naquele momento.

E11: é.

ENTREVISTADOR: certo. e E12?

E12: é o tipo de linguagem que muitas pessoas adquirem pelo fato de serem expressões fáceis, tanto de pronunciar como de serem entendidas.

ENTREVISTADOR: certo, mas... essas pessoas que você fala, essas pessoas, são pessoas como: tem faixa etária? qualquer uma pessoa?

E12: não. contanto que aquela pessoa... no, no diálogo, no caso, comigo também pronuncie gírias.

ENTREVISTADOR: entendi. certo. voltando aí para E9 novamente. E9, qual a gíria ou quais as gírias que você usa mais? no dia a dia que você usa mais?

E9: *alô, tá ligado, beleza.*

ENTREVISTADOR: *beleza e tá ligado* é uma coisa... principalmente no Menseger a gente ver mais né?

E9: mas aí a gente encurta ainda mais, não coloca nem o beleza, coloca só blz.

ENTREVISTADOR: é porque tem gente que fica com preguiça de escrever tudo ali, né?

E9: é porque tem gente que só bota o bl mesmo, né?

ENTREVISTADOR: certo. e E10?

E10: eu falo: *beleza, só pode, fala sério, ninguém merece.*

ENTREVISTADOR: *só pode* você aprendeu com “Casseta e Planeta”, é uma cara de Casseta e Planeta mesmo.

E10: (risos) assim, acho que a televisão me influencia também mesmo, mas eu uso mesmo. ela dá amnésia pra pensar. *Tá doido.*

ENTREVISTADOR? *tá doido?*

E10: é, tá doido (risos)

ENTREVISTADOR: entendi. é como se fosse até uma expressão que o gaúcho fala muito *tchê*, aí esse *tá doido* entra. e E11.

E11: *limpeza, beleza, tá ligado, na moral, é... vou vazar.*

ENTREVISTADOR: *na moral? É na moral?*

E11: *vou vazar, vou nessa, rala peito.*

ENTREVISTADOR: *rala peito?*

E11: (risos) *é tipo: cai fora! Pacas.*

ENTREVISTADOR: *pacas?*

E11: *é no lugar de caramba.*

ENTREVISTADOR: *no lugar de caramba, né? certo. E9 e essas gírias que você usa o que elas significam para você? o que elas significam no sentido de passa, né? passar.*

E9: *o que eu quero dizer com isso?*

ENTREVISTADOR: *sim.*

E9: *o falou é (+) pra ir embora.*

ENTREVISTADOR: *o tá ligado!*

E9: *vê se a pessoa está entendendo o que estou falando.*

ENTREVISTADOR: *é como se a pessoa dissesse: ei! presta atenção!*

E9: *o vou chegar é ir embora ou ir, ou voltar para algum canto.*

ENTREVISTADOR: *o vou chegar é ir embora?*

E9: *ou ir pra festa alguma coisa.*

ENTREVISTADOR: *entendi, entendi.*

E9: *aí na festa você diz: vou chegar, vou embora.*

ENTREVISTADOR: é o vou chegar indo? (risos)

E9: é.

ENTREVISTADOR: e E10?

E10: eu falo muito *só pode* no sentido assim... de com certeza. qualquer coisa falo *só pode!* aí é com certeza.

ENTREVISTADOR: é como se fosse... estivesse uma expressão de afirmação?

E10: é, eu falo muito. *beleza, legal... é ninguém merece.*

ENTREVISTADOR: o significado de cada uma assim mais ou menos? como o significado, *só pode, beleza*, qual o significado assim que você coloca pra elas? por que pra uns *tô chegando* significa que está indo, num é? aí você diz: *só pode*, significa o quê? em qual situação esse *só pode* encaixa?

E10: quando eu vou dizer alguma coisa assim que eu acho que é a mesma coisa... que tem a mesma idéia. aí eu digo *só pode*.

ENTREVISTADOR: ok, quando está contando alguma situação...

E10: é, eu digo: *só pode*.

ENTREVISTADOR: certo, certo. e E11?

E11: quando eu digo que vou embora, digo também *vou nessa...*

ENTREVISTADOR: o significado, né? certo

E11: não é uma coisa assim tipo... que eu tenho que parar e pensar o que é. eu digo sempre na mesma hora.

ENTREVISTADOR: é aquilo que não tem o sentido real, né?

E11: é.

ENTREVISTADOR: e E12?

E12: (risos) olha... é a mesma coisa, por exemplo, *beleza* é no sentido de você tá perguntando: a pessoa: e aí tudo bem? e aí : *beleza?* vai, deixa eu ver... é *nenhuma*... você chega assim... aí a pessoa: — e aí eu posso pegar isso aqui, tal? e diz:— pega pô é *nenhuma!* e... mesmo que outras.

ENTREVISTADOR: é, *nenhuma* sempre sai mesmo, *nenhuma* é *nenhuma*.

E12: é *nenhuma* pô pega aí!

ENTREVISTADOR: beleza. E9, com quem você aprendeu essas gírias? você acha que foi com quem?

E9: amigos, primos, colégio...

ENTREVISTADOR: no colégio?

E9: a maioria no colégio.

ENTREVISTADOR: certo. E10?

E10: também com os amigos, no colégio, é... através da televisão...

ENTREVISTADOR: a televisão... específico o quê? que programa? qual o programa?

E10: programas assim atuais, né? que falam do que sai do cotidiano como, como “Malhação”, que são novelas que é...

ENTREVISTADOR: é aquela novela que de cinco horas da tarde?

E10: é. que nunca acaba.

E9: eterna (risos)

E10: (risos) que tem temas sempre recorrentes que agrada a opinião da gente mesmo. aí acho que influencia muito.

ENTREVISTADOR: e E11?

E11: com meus amigos, com os skatistas que andam lá no colégio...

E9: se garante, se garante (risos).

ENTREVISTADOR: eu nunca aprendi aquilo (risos). você desenrola isso?

E11: um pouco.

ENTREVISTADOR: depois você dá uma demonstração pra gente (risos)

E11: (risos) na escola, com os amigos.

ENTREVISTADOR: certo. e E12?

E12: também, amigos, na escola... no meu caso mesmo são mais os amigos, mais o pessoal surfistas, malandros e tal que sempre dizem altas gírias, malandro MESMO que esteja à margem da sociedade não, mas malandro assim.

ENTREVISTADOR: muito louco (risos) certo. voltando para E9 novamente. em quais situações você usa essas gírias? são todas as situações de sua vida, de sua fala que você usa essas gírias? quais as situações? podia dizer assim algumas?

E9: quando estou com os amigos... quando... tô em festa. Programa de jovem, aí todo mundo fala.

ENTREVISTADOR: programa de jovem, certo. e E10, em qual situação, E10?

E10: também com os amigos que é inevitável, no MSN...

ENTREVISTADOR: mesmo, mesmo com aqueles códigos porque o MSN ele faz a contração das palavras, né? mesmo assim sai muita gíria?

E10: eu não uso muito não, o que faço mais e normalmente falar, escrever em gíria (risos) eu tento escrever certo mas...

ENTREVISTADOR: e E11?

E11: também com amigos...

ENTREVISTADOR: mais forte E11 senão...

E11: com amigos, quando eu começo a falar muito informal, quando falo, falo com os meninos.

ENTREVISTADOR: certo. então são situações que vocês estão querendo dizer, são situações específicas assim do grupo.

E11: é.

ENTREVISTADOR: e E12?

E12: são em várias situações na roda de amigos, é assim... na maioria, noventa e nove por cento se trata com gírias em relação a isso. se for um assunto sério não cabe a gíria. com os pais, na hora com os pais eu acho que não tem muitas gírias e num momento que não me comprometa como numa entrevista de trabalho que é toda uma linguagem formal você chega lá e tal...

ENTREVISTADOR: certo. E9, o que você quer dizer quando usa essas gírias? qual a mensagem que você quer passar quando usa? no caso, o sentido delas? porque, pronto, pra a

gente entender aqui, o *tá ligado?* você diz que é presta atenção! num é? mas existem determinadas gírias que têm outros significados você não quer dizer realmente aquele sentido real, então quando você usa essas gírias o que é que pretende passar nesse momento? determinadas gírias, não são todas, mas determinadas gírias.

E9: não tem um significado não... é só para falar com os amigos... descontrair?

ENTREVISTADOR: descontração, sentido de descontração, certo.

E9: eu uso nesse sentido.

ENTREVISTADOR: certo. e E10?

E10: assim eu uso pra... facilitar o diálogo mesmo, né? só que é assim, *tá doido*, por exemplo, eu não uso no sentido de dizer que a pessoa tá doida (risos). eu uso mais no sentido assim de... tá, por exemplo, eu saber que alguém fez alguma coisa errada, eu: *tá doido* (risos) mas...

ENTREVISTADOR: mas é o quê? interação?

E10: é, é um tipo de interação.

ENTREVISTADOR: certo. e E11?

E11: é a mesma coisa, não tem, não tem um sentido comum.

ENTREVISTADOR: eu vejo que toda resposta de E11 sempre é: — é a mesma coisa (risos). mas o sentido às vezes pode diferenciar né?

E11: (risos) é, pode.

ENTREVISTADOR: por exemplo, tem gente que usa *podre* e não é da forma ruim. é quando é uma coisa muito esdrúxula.

E10: essa gíria é muito feia (risos). quando a gente usa no sentido de dizer assim tá muito arrumado, aí diz NOSSA QUE CHIQUE!

ENTREVISTADOR: por exemplo, na comunicação no teatro, não sei se vocês conhecem alguém que faz teatro, e quando eles terminam uma peça e alguém pergunta: e aí fui bem. eles dizem que foi uma “*merda*” que dizer que foi uma coisa boa, maravilhosa. que você *quebre a perna* quer dizer que você arrebente então esse *quebre a perna* quer dizer que você arrebente, mas isso aí é uma outra linguagem, que isso aí não é gíria, no lado profissional é chamado jargão. e meu amigo E12, o que você quer dizer quando usa essas gírias?

E12: é, em certos momentos a questão é assim... encurtar certas frases para geralmente facilitar o diálogo entre... como é que se diz... assim quando você está falando com alguém que não seja um maconheiro normalmente não tem né? com minha mãe eu utilizo um diálogo com ela com gírias e ela não entende, entendeu? aí então eu uso uma linguagem sem gíria.

E10: porque quando você é acostumado a falar, digamos assim a norma culta, algumas palavras, aí tem gente que só é acostumado a só falar gíria aí depois você fala: o que é que tu tá falando (risos)? é isso aí também (risos).

ENTREVISTADOR: pronto, entendi.

E12: mas só isso, em outros casos mesmos é só com aquelas palavras que você não quer estender e falar aquilo tudinho, então pega uma palavra que resume tudo aquilo.

ENTREVISTADOR: uma palavra que diz tudo aquilo.

E10: tudo aquilo, com uma palavrinha só, você... já manda o seu recado.

ENTREVISTADOR: é como a palavra saudade em português né? não existe em outras línguas a palavra específica para a palavra saudade, eles fazem uma volta dizendo que tá precisando muito de você que você é uma pessoa muito especial, mas não dizem saudade, porque vocês sabem que saudade no português resume tudo né? resume gostar, resume amar, o sentir falta... tudo. no inglês eles dizem *i need you, ok*.

1) LEVANTAMENTO DAS GÍRIAS

A) Conceito de gírias

E9-1 é (+) abreviação de palavras, facilita... [...] facilitar o diálogo.

E10-1 pra mim é (+) uma linguagem formal né? utilizada pelos jovens para facilitar mesmo a comunicação [...] informal [...] para facilitar o diálogo.

E11-1 é a mesma coisa que eles falaram. é pra deixar a conversa mais fácil entre os jovens, no caso. às vezes, não é muito ortodoxa, né? mas...

E12-1 é o tipo de linguagem que muitas pessoas adquirem pelo fato de serem expressões fáceis, tanto de pronunciar como de serem entendidas.

B) Levantamento das gírias

E9-2 *alô, tá ligado, beleza.*

E10-2 eu falo: *beleza, só pode, fala sério, ninguém merece.* [...] eu falo muito. *beleza, legal... é ninguém merece.*

E11-2 *limpeza, beleza, tá ligado, na moral, é... vou vazar.* [...] *vou vazar, vou nessa, rala peito.*

E12-2 *beleza[...] nenhuma.*

2) SIGNIFICADOS DAS GÍRIAS

E9-3 o *falou* é (+) pra ir embora. [...] o *tá ligado* [...] vê se a pessoa está entendendo o que estou falando. [...] o *vou chegar* é ir embora ou ir, ou voltar para algum canto [...] ou ir pra festa alguma coisa.

E10-3 eu falo muito *só pode* no sentido assim... de com certeza. qualquer coisa falo *só pode!* aí é com certeza. [...] quando eu vou dizer alguma coisa assim que eu acho que é a mesma coisa... que tem a mesma idéia. aí eu digo *só pode*.

E11-3 *rala peito* [...]é tipo: *cai fora! Pacas*. quando eu digo que vou embora, digo também *vou nessa*. [...] *pacas* [...] é no lugar de *caramba*.

E12-3 *beleza* é no sentido de você tá perguntando: a pessoa: e aí tudo bem? e aí : *beleza? nenhuma*... você chega assim... aí a pessoa: — e aí eu posso pegar isso aqui, tal? e diz:— pega pô é *nenhuma!* e... mesmo que outras.

3) CONTEXTO DE USO

A) Onde se usa

E9-5 quando estou com os amigos... quando... tô em festa. Programa de jovem, aí todo mundo fala.

E10-5 depende da pessoa... porque assim não é só os jovens assim... a idade, né? dependê, né? da pessoa assim do jeito dela... de se comunicar. [...]depende do estilo da pessoa. [...] também com os amigos que é inevitável, no MSN.

E11-5 também com amigos.

E12-5 contanto que aquela pessoa... no, no diálogo, no caso, comigo também pronuncie gírias. [...] são em várias situações na roda de amigos, é assim... na maioria, noventa e nove por cento se trata com gírias em relação a isso.

4) CONTEXTO SOCIOLINGÜÍSTICO

A) Sentido das gírias

E9-6 é só para falar com os amigos... descontrair.

E10-6 assim eu uso pra... facilitar o diálogo mesmo. [...] é um tipo de interação. [...] tudo aquilo, com uma palavrinha só, você... já manda o seu recado.

E11-6 não tem um sentido comum.

E12-6 é, em certos momentos a questão é assim... encurtar certas frases para geralmente facilitar o diálogo. [...] mas só isso, em outros casos mesmos é só com aquelas palavras que você não quer estender e falar aquilo tudinho, então pega uma palavra que resume tudo aquilo.

Anexo IV**4º Encontro (sexta-feira 04/10/08)**

ENTREVISTADOR: a entrevista agora é só a respeito do contexto de uso, né? em nossa pesquisa aqui, a gente viu que vocês usam as gírias com amigos; para descontrair, se aprende muito; depende da pessoa; um outro: pessoas abertas ao diálogo; pessoas conversando; pessoas que usam gíria. aí eu quero saber o seguinte, começando aqui pela minha direita: por que com essas pessoas?

E5: eu disse que eu uso assim... mais quando tô no meio de jovens, porque esses jovens assim que passam já as gírias pra gente, então a gente já acusa com eles. por exemplo, em casa não tenho o costume de tá falando (+) com gíria porque (+) não é a mesma coisa, entendeu? porque minha vó não é acostumada a falar com gíria. moro com minha vó (+) aí não usa.

ENTREVISTADOR: então é... o caso seria com a avó pela idade? a faixa etária dela?

E5: também, acho assim... em parte sim.

ENTREVISTADOR: certo.

E10: bom, eu aprendi com os amigos mesmo, porque com aquelas pessoas que agente têm... com aquelas pessoas que a gente tem mais facilidade mesmo de conversar que... geralmente é da mesma faixa etária, né? idade, facilita bastante. agora com meu pai.. algumas, nem todas porque ele não gosta muito de determinadas gírias.

ENTREVISTADOR: quais?

E10: é... negócio de (+) meu velho.

ENTREVISTADOR: mas essas gírias é (+) direcionadas a ele, que ele não gosta ou se ele ouvir você falando com outros jovens gíria na frente dele? não fala sob hipótese alguma?

E10: não. eu falo mesmo.

E6: assim... eu não me apego muito não, só (+) tenho cuidado para falar com autoridades, porque... com autoridade é outra coisa, né?

ENTREVISTADOR: no caso, tu classificas autoridades como?

E6: assim... policiais, algum juiz (+) no caso esses tipos assim. Professores eu acho que (+) nem tanto, porque professores já tá com a convivência com os alunos... eu acho que é mais fácil pra falar também, até quando a gente fala com o professor de português também assim (risos).

ENTREVISTADOR: E9?

E9: eu só uso com, com os amigos, com familiares, primos.

ENTREVISTADOR: agora, por que usa, o sentido é o seguinte, por que usa, é, é com essas pessoas?

E9: é, na maior parte da família é comum na família, comum não, é diferente a intimidade com pai, mãe, diferente com meu primo, com tio, tia e eu fico mais à vontade falando com os amigos, menos na família. na família só com primos.

ENTREVISTADOR: por quê? é pela faixa etária que influencia ou é sinal de respeito?

E9: é também.

E6: é devido à convivência também, né?

E9: é, a convivência também, mais tempo com os amigos do que até mesmo com familiares. é porque é assim, porque eu passo a maior parte do tempo fora de casa, aí estou mais tempo com os meus amigos, do que (+) com meu pai e minha mãe assim, por exemplo, meu irmão, quando eu chego em casa já tá todo mundo dormindo... tá fazendo outra coisa, tal.

ENTREVISTADOR: entendi.

E4: eu não me prendo muito a, a gíria não. eu quando falo... só quando tô com alguma... algumas pessoas conversa... mais com alguns amigos, mas em casa eu não tenho muito esse... esse hábito não, só com minha irmã.

ENTREVISTADOR: por quê?

E4: porque mora lá só minha vó e minha irmã, e minha vó não gosta muito desse tipo de coisa não.

ENTREVISTADOR: a faixa etária, no caso?

E4: é, não é nem a faixa etária porque realmente ela não gosta, minha vó não é velha não.

ENTREVISTADOR: o interesse é o seguinte, é: porque não usa com os professores, com os pais, com os mais velhos, com os religiosos, com as autoridades? o porquê não usar?

E4: pelo respeito. tem que ter o respeito para falar com cada um, com determinada pessoa. Eu não vou chegar pra um padre: *é meu vei e aí?* (risos)

E6: depende, porque o padre de lá da comunidade era todo errado, falava gíria e tudo, era o que ele mais falava. (risos).

E12: depende, vai de pessoa pra pessoa, porque se uma pessoa tem um certo... como é que se diz... uma certa maneira de tratar com você falando em gíria, aí você vai falando.

E4: aí você fala com quem (+) também fala, né? já minha irmã não fala gíria, mas se tô com ela (+) não tem “frescura” não.

E1: ah, professor (+) é justamente como se falou aqui, é... depende da abertura que você tem com aquela pessoa, se a pessoa fala (+) é, é, chega pra os amigos, fala pra os amigos, geralmente os amigos brincam, os amigos geralmente falam também a gíria você fica à vontade para você falar também. agora com os pais, com, com os tios, os avós, os professores

eles não dão abertura, não tem aquela coisa... liberdade, aquela intimidade pra você chegar e falar, se meu pai chegasse pra mim e dissesse... e falasse a gíria... falasse de um jeito mais espontâneo, eu falaria também.

ENTREVISTADOR: entendi.

ENTREVISTADOR: E12 a pergunta é por que, com quem se usa? aí saiu com amigos, depende da pessoa, pessoas abertas ao diálogo, pessoas conversando, pessoas que usam gíria e namorado. aí o orientador pediu pra se fazer mais outras perguntas, por que usa com essas pessoas e por que não usa com os professores, com os pais, os mais velhos, autoridades, religiosos. aí a primeira é: por que usa com essas pessoas? com essas pessoa que citei agora.

E12: (risos) El tava falando sobre a questão de você falar usando gírias pelo fato de as pessoas entenderem gírias, você... aí tá certo, vai depender da intimidade pá!, aí você fala com as pessoas dentro de casa pá! você chega: maíinha tá muito doida, ela: ôche! eu digo: tá ligado? é isso.

E4: às vezes eu falo pra tirar onda, maíinha diz: você tá doida! (risos)

E12: maíinha tá ligado que naquela loja tá mais barato, num sei o quê?

ENTREVISTADOR: então o tá ligado? seria uma espécie de chamamento?

E12: isso também. é porque o tá ligado? é pra chamar a atenção, você tá... como é que se diz? agitado, conversando e tal.. e é pra outra pessoa entender (risos) tá ligado? ah! e tal!.

ENTREVISTADOR: a segunda é o cenário de uso. o cenário é o quê? é os locais que você usa. escola, colégio, campo de futebol, pelada, todo lugar, onde for, igreja situações informais, com o pai, roda de amigos, programa de jovens, roda de jovens, Faculdade e dia a dia. aí a pergunta que a gente faz: por que você nesses lugares? esse lugares que saíram daqui? igreja, programa de jovens, faculdade, por que usa?

E5: é assim, eu acho que esse tipo usa mais na escola porque como eu falei, né? os amigos, porque na escola (+) é onde ficam mais amigos e onde os amigos brincam assim tudo... e (+

) eu acho que passam assim a (+) as gírias. em casa eu não vou usar muito (+) as vezes eu uso, por causa do pai assim... não passa muita (+) brincadeiras, as vezes é sério. aí, na escola, eu acho que é onde se usa mais.

E10: bom, eu acho assim... porque nesses lugares é onde a gente encontra mais os amigos, tá mais em contato com eles, né? agora, eu também não sei se a igreja seria o local mais apropriado por que apesar de encontrar os amigos, é uma outra situação, né? você não tá num bate papo... você tá numa... cerimônia religiosa, então tem que participar daquilo ali. como também é, é num fórum, é, é em determinados locais, eu acho que por isso.

ENTREVISTADOR: tá certo. E12, por que você usa nesses lugares, né? qual o motivo que leva você a usar na escola, no colégio, no campo de futebol? em festas, programas de jovens. por que usa nesses lugares? qual o motivo que leva a usar?

E12: porque você tá ali com as pessoas que você convive que... o diálogo entre elas é com gírias... não tem isso uma questão de você não usar. tem... quando em relação à igreja, fora, em ambiente de trabalho... em lugares que exigem uma linguagem mais formal, você não vai chegar e vai falar com gírias e também tem aquelas pessoas, né? que cedo ou não, vai ser superior a você naquele momento, e você não vai poder tratar daquela maneira, mas tirando isso qualquer lugar, tando com os amigos.... se tiver com aquelas pessoas que vai entender o que você quer passar pra ele independente ou não de ser gíria ou não, vai entender.

ENTREVISTADOR: beleza.

E6: assim, em relação ao meu pai (risos), em relação assim a falar com meu pai, eu falo porque ele passa essa confiança e ele fala comigo também as gírias que uso.

ENTREVISTADOR: por que usa nesses lugares?

E6: por causa da vontade de falar, né? aí, aí pronto.

ENTREVISTADOR: E9? por que usa nesses lugares, na igreja, situações, escolas, colégios, Faculdade, roda de amigos? por que usa aqui nesses lugares?

E9: eu uso porque (+) quem gosta de falar comigo usa... aí eu (+) e já um movimento espontâneo, a gente sem querer faz...

ENTREVISTADOR: você para falar gíria, no caso, você não estaria pensando a gíria?

E9: às vezes eu falo na igreja sem querer, às vezes eu... qualquer canto quando não tem cuidado.

E6: mas falar na igreja não é falar com a igreja, vai falar com determinada pessoa.

E1: é. fala baixinho pra ninguém não...

E4: a gente usa mais... onde há abertura, onde se encontra as determinadas pessoas que também falam.

1) CONTEXTO DE USO

A) Por que usa com essas pessoas?

E1-1 geralmente os amigos brincam, os amigos geralmente falam também a gíria você fica à vontade para você falar também.

E2-1 porque dá liberdade na... de conversar, são mais íntimos, aí se sente mais à vontade.

E3-1 a liberdade mesmo que você tem, você fica mais à vontade para conversar, se todo mundo tá falando daquele jeito, sabe que não vai ter uma discriminação [...] aí quando você tá no meio dessas pessoas, você sabe que vai falar e elas vão entender, vão dá liberdade porque eles falam assim também.

E4-1 só quando tô com alguma... algumas pessoas conversa... mais com alguns amigos [...] aí você fala com quem (+) também fala, né?

E5-1 [...] mais quando tô no meio de jovens porque esses jovens assim que passam já as gírias pra gente.

E6-1 eu acho que é mais fácil pra falar também.

E7-1 porque a gente procura usar as gírias com as pessoas mais descontraídas [...] a gente fica mais à vontade falando com elas. Assim, numa linguagem mais informal. [...] é mais com minha irmã.

E9-1 e eu fico mais à vontade falando com os amigos. [...] eu só uso com, com os amigos, com familiares, primos. [...] na família só com primos. [...] quem gosta de falar comigo usa... aí eu (+) e já um movimento espontâneo, a gente sem querer faz...

E10-1 com aquelas pessoas que a gente tem mais facilidade mesmo de conversar que... geralmente é da mesma faixa etária, né? idade, facilita bastante.

E12-1 vai de pessoa pra pessoa, porque se uma pessoa tem um certo... como é que se diz... uma certa maneira de tratar com você falando em gíria, aí você vai falando.

B) Por que não usa com os professores? Os pais? Os mais velhos? Religiosos? Autoridades?

E1-2 agora com os pais, com, com os tios, os avós, os professores eles não dão abertura, não tem aquela coisa... liberdade, aquela intimidade pra você chegar e falar.

E2-2 às vezes até pela intimidade.

E3-2 com os professores e mais velhos prefiro não usar, mais como uma questão de respeito assim, da forma que fui educado que não era certo falar assim.

E4-2 mas em casa eu não tenho muito esse... esse hábito não.

E5-2 em casa eu não vou usar muito (+) as vezes eu uso, por causa do pai assim... não passa muita (+) brincadeiras, as vezes é sério.

E6-2 só (+) tenho cuidado para falar com autoridades, porque... com autoridade é outra coisa, né? [...] assim... policiais, algum juiz (+) no caso esses tipos assim.

E7-2 porque são pessoas mais sérias, é assim pra falar dá medo de falar com eles assim... sei lá, não entender [...] aí dá medo [...] porque não pode.

E9-2 é diferente a intimidade com pai, mãe. [...] menos na família.

E10-2 agora com meu pai... algumas, nem todas porque ele não gosta muito de determinadas gírias.

E12-2 vai depender da intimidade, pá!

2) CENÁRIOS DE USO

A) Por que usa nesses lugares?

E1-3 depende da abertura que você tem com aquela pessoa, se a pessoa fala.

E2-3 sempre vai encontrar com amigos.

E3-3 você fica à vontade, você fica num ambiente que pode falar à vontade, pode chegar, que não há uma cobrança com a sua cara.

E4-3 a gente usa mais... onde há abertura, onde se encontra as determinadas pessoas que também falam. [...] por causa da vontade de falar, né?

E5-3 é onde ficam mais amigos e onde os amigos brincam assim tudo... e (+) eu acho que passam assim a (+) as gírias.

E6-3 eu acho que é mais fácil pra falar também. [...] é devido à convivência também, né?

E7-3 tem que ser com alguém que [...] (tenha) afinidade assim pra falar, pessoa descontraída também, que fala assim.

E9-3 é, a convivência também, mais tempo com os amigos do que até mesmo com familiares.

E10-3 porque nesses lugares é onde a gente encontra mais os amigos, tá mais em contato com eles, né?

E12-3 porque você tá ali com as pessoas que você convive que... o diálogo entre elas é com gírias... não tem isso uma questão de você não usar.

B) Por que não usa em casa?

E1-4 se meu pai chegasse pra mim e dissesse... e falasse a gíria... falasse de um jeito mais espontâneo, eu falaria também.

E2-4 em casa normal, mas geralmente em casa fica eu e meu irmão, aí..

E3-4 em casa, às vezes, eu tenho uma cobrança em casa.

E4-4 porque mora lá só minha vó e minha irmã, e minha vó não gosta muito desse tipo de coisa não.

E5-4 em casa não tenho o costume de tá falando (+) com gíria porque (+) não é a mesma coisa, entendeu? porque minha vó não é acostumada a falar com gíria. Moro com minha vó (+) aí não usa.

E7-4 [...] meu pai mesmo ele não gosta quando eu falo [...] justamente com meu pai não dá.

E9-4 quando eu chego em casa já tá todo mundo dormindo... tá fazendo outra coisa, tal. [...] É porque é assim, porque eu passo a maior parte do tempo fora de casa, aí estou mais tempo com os meus amigos.

E10-4 agora com meu pai.. [...] ele não gosta muito de determinadas gírias.

Anexo V**5º Encontro (sexta-feira 10/10/08)**

ENTREVISTADOR: E7, no contexto de uso saiu: com amigos, depende da pessoa, pessoas abertas ao diálogo, pessoas conversando, pessoas que usam gíria também e com o namorado. Por que usa com essas pessoas? Por que usa gírias com essas pessoas?

E7: não sei, mas... porque a gente procura usar as gírias com as pessoas mais descontraídas, né? Assim porque, como eu disse assim (+) a gente fica mais à vontade falando com elas. Assim, numa linguagem mais informal, né?

ENTREVISTADOR: certo. e por que não usa gíria com os professores, com os pais, com os mais velhos, com os religiosos e com as autoridades? por que não usa com esse pessoal?

E7: porque são pessoas mais sérias, é assim pra falar dá medo de falar com eles assim... sei lá, não entender, né? aí dá medo.

ENTREVISTADOR: medo, medo de quê?

E7: não, é assim... porque não pode, entendeu? é porque... meu pai mesmo ele não gosta quando eu falo, NÃO FALE ASSIM, fale direito.

ENTREVISTADOR: tá certo. seu pai classifica como se fosse um erro falar gíria?

E7: é.

ENTREVISTADOR: certo. aí veja, os cenários de uso saiu que vocês usam na escola, no colégio, campo de futebol, todo lugar, na igreja, situações informais, com pai, em festas porque usa as gírias nesses lugares? o por quê?

E7: não assim... justamente com meu pai não dá, tem que ser com alguém que...

E2: afinidade.

E7: afinidade assim pra falar, pessoa descontraída também, que fala assim.

ENTREVISTADOR: no seu caso, você usa mais em que lugar?

E7: em que lugar? na escola com meus amigos, lá é onde tem meus amigos, né? da mesma faixa etária, QUE USAM também, aí você se sente mais à vontade pra falar com essas pessoas do jeito que você quer.

ENTREVISTADOR: tá certo. Também E2 porque usa com essas pessoas? com os amigos, depende da pessoa, pessoas abertas ao diálogo? por que com essas pessoas?

E2: porque dá liberdade na... de conversar, são mais íntimos, aí se sente mais à vontade.

ENTREVISTADOR: certo. E por que não usa gíria com os professores, com os pais, com os mais velhos, com religiosos, com autoridades? por que com nenhum desse pessoal?

E2: às vezes até pela intimidade, né? Mas quando (+) vai pegando intimidade... aí a gíria (+) sai normal.

ENTREVISTADOR: mesmo sendo pai, mãe...

E2: não, normal. Acho que só em igreja que não cairia bem.

ENTREVISTADOR: tá certo. E os lugares, no caso, o cenário de uso das gírias saiu... vocês colocaram escolas, colégios, campo de futebol, todo lugar, situações informais, programa de jovem, roda de amigos, Faculdades, no dia a dia, por que usa nesses lugares?

E2: sempre vai encontrar com amigos.

ENTREVISTADOR: qual o lugar? Pra você, qual o lugar que você encontra sempre esses amigos que usam gírias?

E2: acho que todos, menos em igreja.

ENTREVISTADOR: na igreja tu não... tu tens amigo na igreja?

E2: não. Pelo menos que vá? não.

ENTREVISTADOR: os amigos vão todos pra o inferno, né? (risos). No caso, por que não usa em casa? Não usa em casa? Quer dizer: você usa gíria em casa?

E2: uso em casa normal, mas geralmente em casa fica eu e meu irmão, aí... amigo, não fica muito meu pai e minha mãe não, estão trabalhando.

ENTREVISTADOR: no teu caso, esqueci de perguntar, por que... tu usas gíria em casa?

E7: assim... não muito, não muito.

ENTREVISTADOR: mas quando esse, quando ocorre esse uso na sua casa você se refere com gírias pra quem?

E7: é mais com minha irmã, entendeu? somente, porque meus outros irmãos são pequenos ainda.

ENTREVISTADOR: ok. É... com quem usa, o contexto de uso, com quem usa saiu: amigos, pra descontrair, depende da pessoa, pessoas abertas ao diálogo, pessoas conversando, pessoas que usam gíria também, aí a pergunta é: por que usa com essas pessoas?

E3: a liberdade mesmo que você tem, você fica mais à vontade para conversar, se todo mundo tá falando daquele jeito, sabe que não vai ter uma discriminação: — “olha, não fala assim aqui não.” Aí você fala: tá ligado? aí já começa brincando: tá ligado, né? ligado, pá! — você é eletrodoméstico? aí quando você tá no meio dessas pessoas, você sabe que vai falar e elas vão entender, vão dá liberdade porque eles falam assim também.

ENTREVISTADOR: certo. É... há um preconceito? será? à pessoa que usa gíria?

E3: depende do caso, depende do, da roda de amigos que você estiver, com as pessoas que você estiver lá.

ENTREVISTADOR: é, por que não usa gírias com os professores, por que foi o que saiu, né? a maioria de vocês aí falou que com os professores não usa, com os pais não usa, os mais velhos não usa, religiosos, nem autoridades, por que não usa com esse pessoal?

E3: minha mãe assim, meus pais eu normalmente uso. Mas assim (+) com os professores e mais velhos prefiro não usar, mais como uma questão de respeito assim, da forma que fui educado que não era certo falar assim.

ENTREVISTADOR: é uma questão de, de que ele ocupa alguma hierarquia? é alguma coisa em relação à hierarquia?

E3: é como se... sei lá! fosse... é como eu fui educado.

ENTREVISTADOR: nos cenários de uso saiu, é o cenário onde você fala gírias, escola, colégio, campo de futebol, pelada, todo lugar, onde for, na igreja, situações informais, com o pai, nas festas, aí vem... a pergunta é: por que usa nesses lugares? no teu caso, tu falastes, que estou lembrado, que era no campo de futebol na pelada com os amigos que tu joga toda tarde, por que usa nesses lugares?

E3: é a mesma coisa, você fica à vontade, você fica num ambiente que pode falar à vontade, pode chegar, que não há uma cobrança com a sua cara. Em casa, às vezes, eu tenho uma cobrança em casa.

ENTREVISTADOR: então tu não usas em casa?

E3: eu uso, mas de vez em quando eu tenho cobrança, mas mesmo assim eu uso.

ENTREVISTADOR: quem é que cobra?

E3: é mais meu irmão, de consideração, meu irmão e minha tia.

ENTREVISTADOR: eles não aceitam sob hipótese alguma?

E3: eles aceitam, mas assim... de vez em quando eles brincam com esse negócio assim, quando eu falo, eles dizem: fala sério. É com esse negócio assim, entendeu?.

1) CONTEXTO DE USO

A) Por que usa com essas pessoas?

E2-1 porque dá liberdade na... de conversar, são mais íntimos, aí se sente mais à vontade.

E3-1 a liberdade mesmo que você tem, você fica mais à vontade para conversar, se todo mundo tá falando daquele jeito, sabe que não vai ter uma discriminação [...] aí quando você tá no meio dessas pessoas, você sabe que vai falar e elas vão entender, vão dá liberdade porque eles falam assim também.

E7-1 porque a gente procura usar as gírias com as pessoas mais descontraídas [...] a gente fica mais à vontade falando com elas. Assim, numa linguagem mais informal. [...] é mais com minha irmã.

B) Por que não usa com os professores? Os pais? Os mais velhos? Religiosos? Autoridades?

E2-2 às vezes até pela intimidade.

E3-2 com os professores e mais velhos prefiro não usar, mais como uma questão de respeito assim, da forma que fui educado que não era certo falar assim.

E7-2 porque são pessoas mais sérias, é assim pra falar dá medo de falar com eles assim... sei lá, não entender [...] aí dá medo [...] porque não pode.

2) CENÁRIOS DE USO

A) Por que usa nesses lugares?

E2-3 sempre vai encontrar com amigos.

E3-3 você fica à vontade, você fica num ambiente que pode falar à vontade, pode chegar, que não há uma cobrança com a sua cara.

E7-3 tem que ser com alguém que [...] (tenha) afinidade assim pra falar, pessoa descontraída também, que fala assim.

B) Por que não usa em casa?

E2-4 em casa normal, mas geralmente em casa fica eu e meu irmão, aí...

E3-4 Em casa, às vezes, eu tenho uma cobrança em casa.

E7-4 [...] meu pai mesmo ele não gosta quando eu falo [...] justamente com meu pai não dá.